REVISTA DA SEMANA

BOMBA ATÔMICA ESPOLETA DA

BOMBA DE HIDROGÊNIO



•

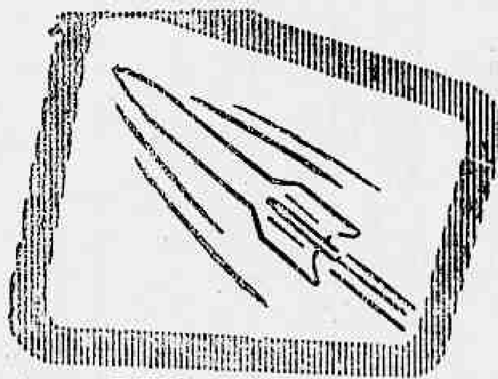
UM JOVEM DE 81 ANOS

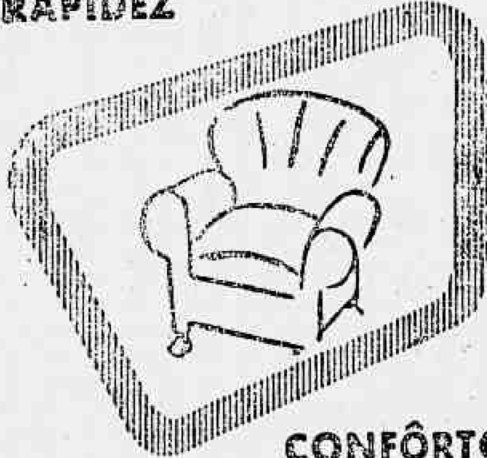


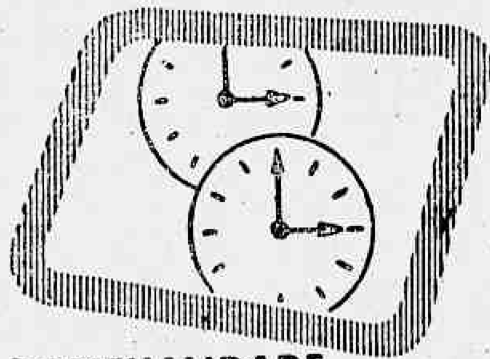


LÓIDE AÉREO

GRANDE COMO A NAÇÃO A QUE SERVE









MANAUS - SANTAREM - ANÁPOLIS - CAROLINA - BELEM - SÃO LUIZ - FORTALEZA - NATAL - CAMPINA GRANDE - RECIFE - MACEIÓ - SALVADOR - ILHÉUS - VITORIA - BELO HORIZONTE - CURITIBA - FLORIANÓPOLIS - LAGUNA - PORTO ALEGRE - SÃO PAULO e RIO.

Os Curtiss Comando que compõem a frota do LOIDE AÉREO estão entre os aviões comerciais que desenvolvem maior velocidade.

Conheça os bons serviços do LOIDE AÉREO e chegue primeiro! Você não precisa ter influência para pagar menos se viajar pelo LOIDE AÉREO.

Desconto de 15% sobre o preço normal das passagens.

Faça suas reservas de passagens e envie suas encomendas pelo LOIDE AÉREO e V. economisará tempo e dinheiro.

LÓIDE AÉREO

RIO DE JANEIRO
PASSAGENS: RUA MEXICO, 11-B - TEL. 42-9967
CARGAS AV. PRESIDENTE WILSON, 210-B - TEL. 52-2567
ADMINISTRAÇÃO: AV. 13 DE MAIO, 13-27.°-28.° e 29.° - TEL. 32-5195 (Séde Propria)

Agências: em todas as cidades de escalas.

Fidêl - 1798

O CASAMENTO MAIS SENSACIONAL DO ANO ★ NO PRETÓRIO E NA CANDELÁRIA, CASAM-SE A ÍNDIA E O SERTANISTA AIRES CÂMARA CUNHA ★ O JUIZ CATETE ★ O AR DE RISO DO CACIQUE ★ EXAME PRÉ-NUPCIAL ★ BATIZADA ★ SELVAGERIA GRÃ-FINA ★ DIACUÍ AMARROU A CARA ★ A PRIMEIRA NOIVA DO MUNDO QUE NÃO SORRIU NO MAIOR DIA DE SUA VIDA

Texto de **ALTAMYRO PONCE**
Fotos de **ARNALDO VIEIRA**

FINALMENTE, após uma série de sensacionais ocorrências, casou-se Diacuí, a índia do Koluene.

O discutido caso, um dos acontecimentos de maior repercussão nos últimos tempos, teve como natural desfecho a autorização dada pelo titular da pasta da Agricultura para a realização das bodas.

Não resta dúvida que o ministro agiu com bom-senso e espírito prático. O parecer do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, baseado em princípios etnológicos, em face à realidade era absurdo e até contrariava a moral.

O EDITAL

Eis o teor do proclama publicado no «Diário da Justiça»:

«Sétima Circunscrição — Freguesia de Espírito Santo. — Aires Câmara Cunha, nascido em 16 de maio de 1915, solteiro, funcionário da Fundação Brasil Central, residente à Av. Rui Barbosa, número 636, apto. 403, filho de José Câmara Cunha e de Hinorina Gomes da Cunha, com Diacuí Canualo Aiute, com 22 anos presumíveis, solteira, doméstica, nascida na aldeia dos índios Kalapalos, Brasil Central, filha de Avaguie, índio Naguaqua e de Apacu, índia Kalapalo.»

O CASAMENTO CIVIL

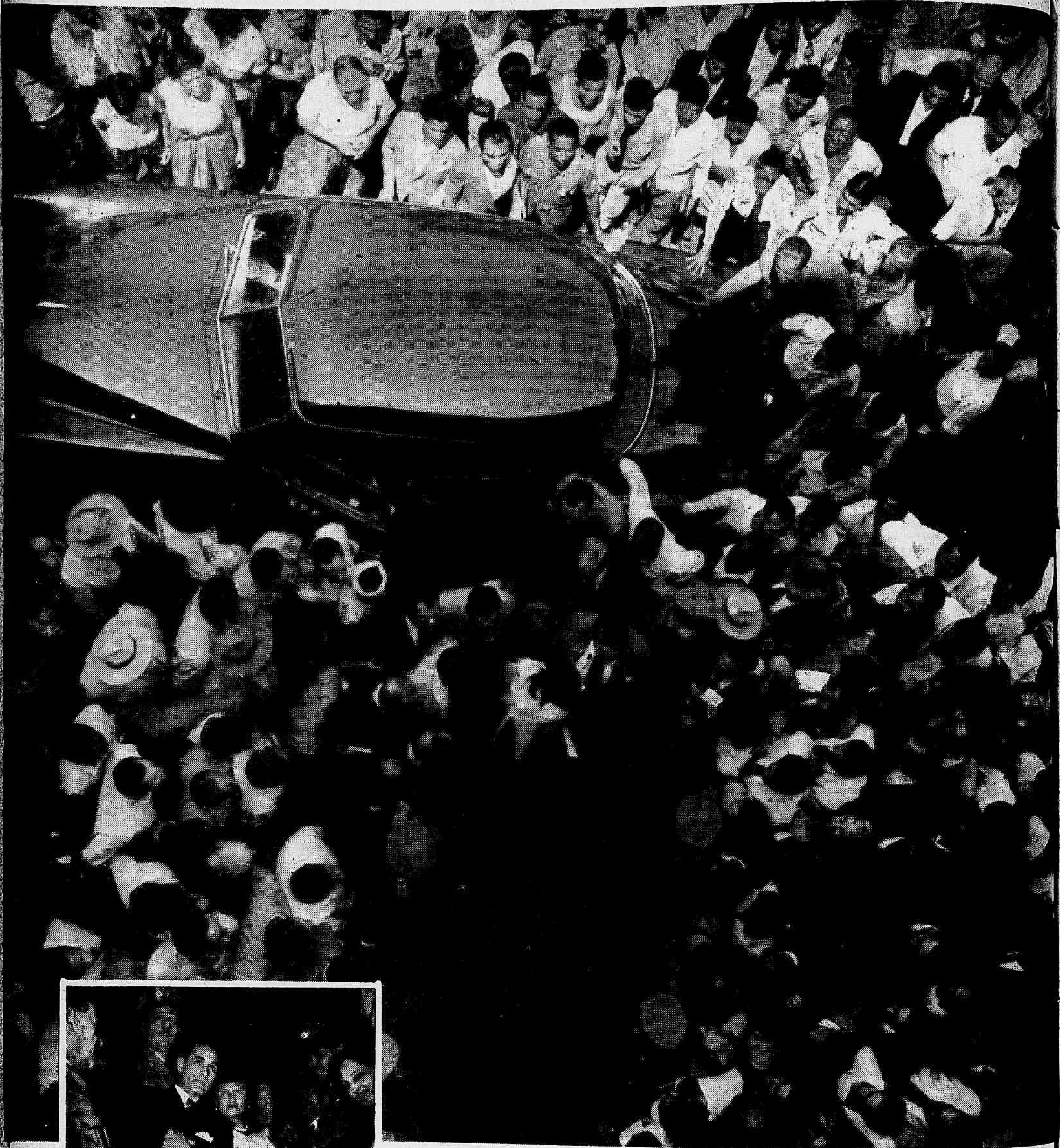
O ato civil realizou-se quarta-feira, dia 26 de novembro último, no salão verde do edifício do Pretório, à rua Dom Manuel.

A noiva transportou-se em carro oficial do Ministério da Agricultura, ao lado dos seus padrinhos, o ministro João Cleofas e espôsa, sra. Maria Olenka de Oliveira, representados pelo sr. José Borba Tourinho e d. Ruth Dias de Assis Távora, ambos pertencentes ao gabinete do ministro.



Diacuí se nega ao sensacionalismo. Nem o beijo do noivo a comove. Homem branco cheio de «macacada», estará pensando no seu íntimo. Os «flashes» cobrem a noiva de relâmpagos, mas ela achatudo isso vaidade das vaidades.

DIACUÍ — NÃO SORRIU NEM CHOROU



Deixando o automóvel, moderníssimo «rabo-de-peixe», entrou pelo claro deixado pelo povo que aguardava a sua passagem. E sobe ao Pretório — como uma soberana — cheia de si.



O noivo parece que vê longe, mas Diacuí olha para cima. A moda dos civilizados não lhe cai de todo mal. Contudo a selva é mais bonita e menos complicada. A impressão secreta de Diacuí: — desilusão.

Diacuí trajava um vestido branco de organza, sapatos brancos e levava um «bouquet» de flores naturais. Estava bonita. Deu o braço ao noivo, que a esperava. Aires vestia terno azul-marinho.

Uma multidão procurava vê-los de perto. Não fôsse o cordão de isolamento mantido pela Polícia Especial, Aires e Diacuí, assim como os padrinhos, teriam sofrido danos da grande massa de curiosos.

PALAVRAS DO JUIZ

Ao terminar a cerimônia, o juiz Salvador Catete dirigiu algumas palavras ao casal. Fêz ver a Aires a responsabilidade que lhe cabe doravante, como marido e como civilizado: — o de tornar uma mulher feliz e o de tudo fazer pela tribo que o recebe. Era êsse matrimônio, a seu ver, um símbolo da união que deve reinar neste país, sem preconceitos raciais.

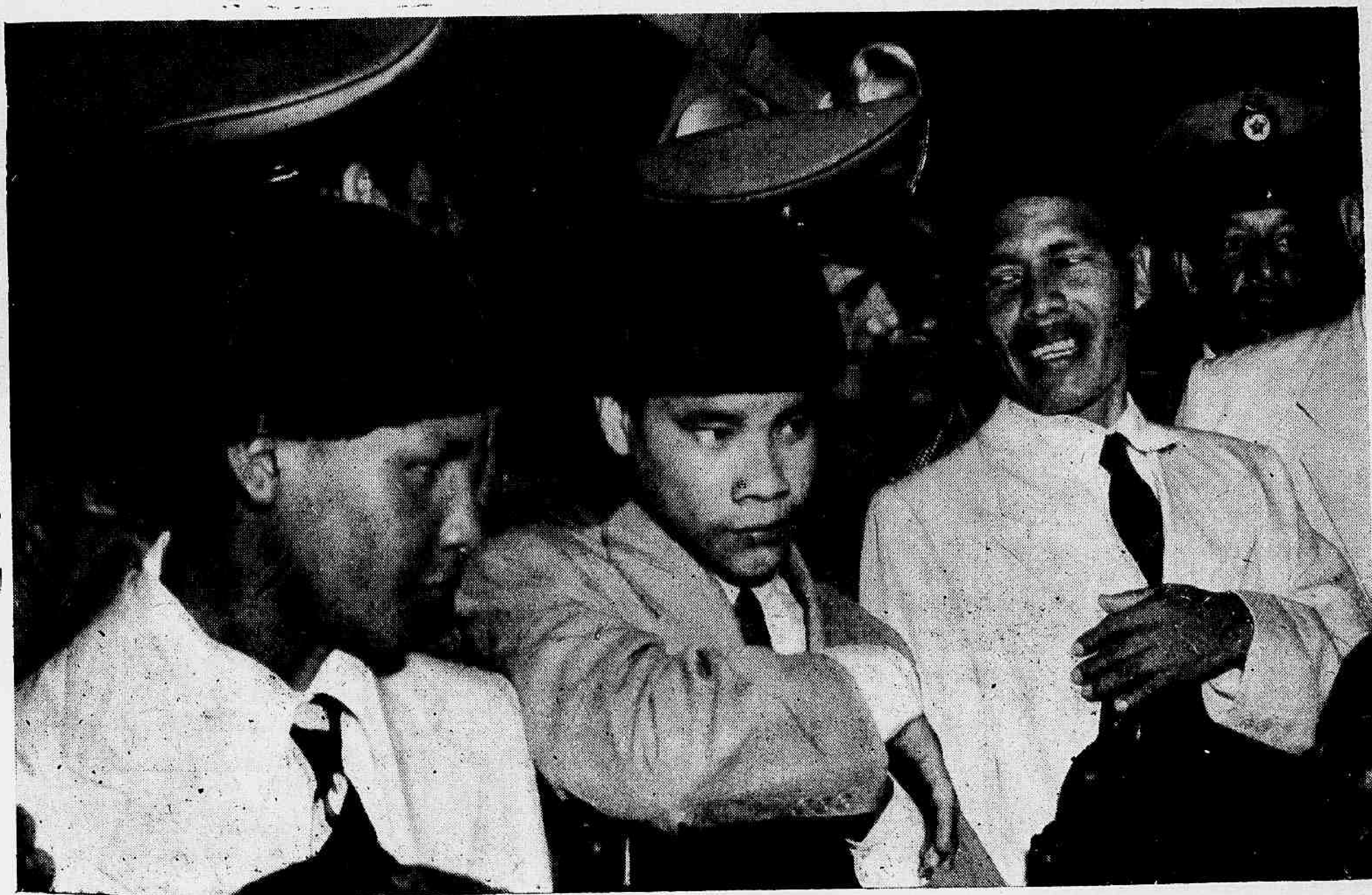
Acentuou a seguir, com vistas ao cacique e aos jovens índios que assistiam à cerimônia em atitude marcial, que o casamento era válido não só entre os «caraíbas» (brancos) como também entre os kalapalos. Tôdas as suas palavras foram traduzidas pelo intérprete, professor Boaventura Ribeiro da Cunha.

Diacuí, que se chamava Diacuí Canualo Aiuti, passou a assinar Diacuí Câmara da Cunha. Quando o juiz pronunciou o nome Aiuti, o cacique Comatse fêz um ar de riso... Não teria o magistrado pronunciado corretamente?





A tribo no Pretório — Diacuí & Irmãos, os grã-finos dos Kalapalos. O funcionário do S. P. I. faz salamaleques, mas ela: «Nem te ligo!»

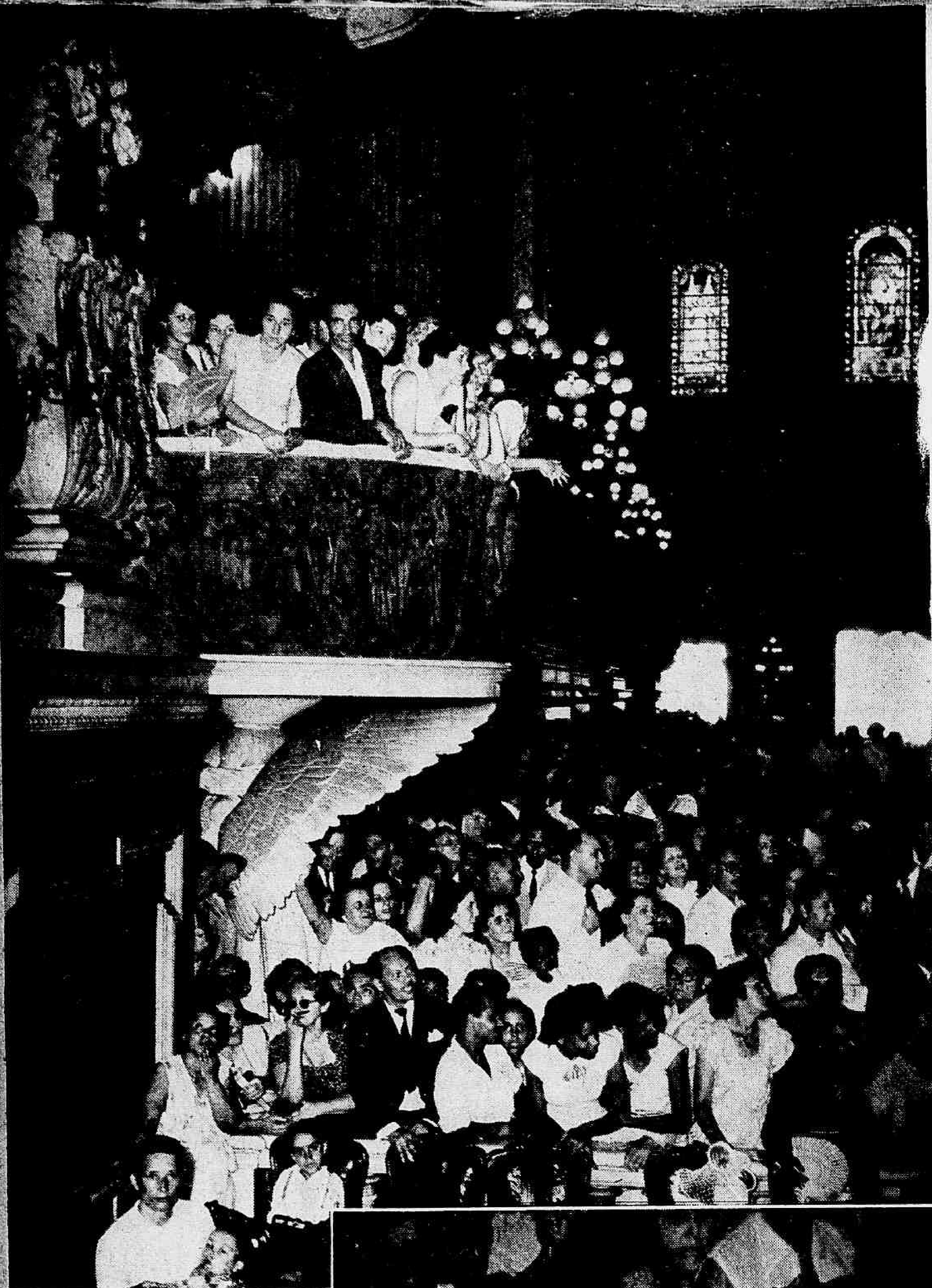


o pelo povo
cheia de si.

que o re-
seu ver, um
reinar neste

as ao caci-
istiam à ce-
ue o casa-
s «caraíbas»
os kalapalos.
duzidas pelo
Ribeiro da

cuí Canualo
Câmara da
iou o nome
um ar de
do pronun-



DIACUÍ — NÃO SORRIU...

EXAME PRÉ-NUPCIAL

O registro civil de Diacuí veio integrá-la na comunidade brasileira.

A pedido do juiz fêz-se, também, o exame de idade da noiva, trabalho dos técnicos Sales Neto e Moniz de Aragão, os quais concluíram que Diacuí deve contar, aproximadamente, 22 anos de idade.

Nos exames realizados no Serviço Pré-Nupcial da Prefeitura, Diacuí tirou radiografias, fêz exame de sangue e se sujeitou aos demais «tests» sem se perturbar com aquelas complicadas aparelhagens dos «caraíbas».

Frente ao juiz, o cacique Comatse, através do intérprete, prestou depoimento, ocasião em que declarou ser Diacuí solteira na tribo e não ter outro compromisso senão o de se casar com Aires. Disse mais o cacique que êle, como chefe dos Kalapalos, aprovava as bodas.

BATIZADA

O primeiro passo realizado para o casamento religioso foi o do batismo de Diacuí. A índiazinha do Kaluene já é cristã. Recebeu o sacramento na matriz de S. Judas Tadeu, nas Laranjeiras, ministrado pelo vigário da Paróquia, padre Campos Góis. Serviram de padrinhos de batismo, o jornalista Roberto Groba, diretor da Agência Meridional, e sua senhora, dona Elza Gama Groba.

Diacuí comportou-se como uma civilizada. Sentiu a solenidade do ato. Não sorria. Estava compenetrada. Ao lhe ser colocado o sal na língua, provou-o sem relutância.

Terminada a cerimônia, Aires assinou o livro de Registro em nome de Diacuí. A

(Cont. na pág. 56)

O povo esqueceu, empurrado pela curiosidade, que estava na Candelária e procedeu como se estivesse no Maracanã. Subiu desaforadamente ao púlpito. Cadeiras se quebraram, não escapando nem o jacarandá maciço do parapeito.



Diacuí, com penas de garça, comprimida e desapontada com os costumes dos brancos, não demonstra alegria alguma. Só olha para dentro.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 50 ★ 13-12-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Diacuí — não sorriu nem chorou (Altamiro Ponce) 3/57
Abrem-se 400 pára-quedas 10/13
As Américas em flagrante (Nelson Vainer) 19/21
A bomba atômica espolêta da bomba de hidrogênio (Oromar Terra) 27/34
Sansão... barbeiro (Jim Daqui) 49/51
Um jovem de 81 anos 54/55

LITERATURA

Monumento ao vaqueiro (M. d'Alvarez) 7
Escândalos e rosas (Mary Sergeant) .. 23
O colar de esmeraldas (Irene Batista de Castro) 26
Semana Literária (Edmundo Lys) 48

SEÇÕES PERMANENTES

A Revista há 50 anos 8
A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana (D. Augusto Álvaro da Silva) 9
Puxe pelo cérebro 14
Passatempo (Renato Cartaxo) 15
Lido... visto... ouvido... (Jim) 16/17
Conta-me teus sonhos (Maria Paula) .. 22

ROMANCE

Memórias do Príncipe Yussupoff 24/25

FOLHETIM

Arabelle 47

FEMININAS

Modas, Modelos e Manequins 35/38
Conversa de lotação (Isolete) 42
Rotina de beleza 43
À luz da psicanálise (Dr. Luís Fraga) .. 53

CURIOSIDADES

A vida de Noel Rosa (Almirante) 39/41

ÚLTIMO FLASH

A prisão de Carlos Lacerda

CAPA

Ava Gardner (Metro-Goldwyn-Mayer)

MONUMENTO AO VAQUEIRO

SINGULAR e primitivo no tradicionalismo povoado de lendas dos sertões nordestinos, o vaqueiro vem vindo pelos caminhos caprichosos do tempo sem perder o seu colorido típico de titã das selvas, de senhor absoluto dos carrascais e das caatingas. Nada tem conseguido o sôpro renovador da civilização contra a sua figura conservadora de herói anônimo. Hoje, como há duzentos anos atrás, é o mesmo o seu chapéu de couro, o gibão, o peitoral e as perneiras curtidas pelo sol. Não mudou as alpercatas nem trocou a sela e os arreios de seu árdego alazão. A sua postura na montaria ainda é mole e fatigada, como um dia a surpreendeu o gênio de Euclides da Cunha. O seu aboio mavioso e dolente, que ontem se casava ao gemido longo e profundo do velho carro-de-bois, ainda resiste, imperturbável, ao silvo agudo das locomotivas e ao buzinar dos caminhões.



★

Na poesia rústica dos sertanejos, o heroísmo inato do vaqueiro passa e repassa em verdadeiros lances de epopéia. Os cantadores, repentistas e troveiros bebem na sua coragem e na sua audácia, inspiração copiosa para desafios e descantes em que o patético e o lirismo se casam admiràvelmente. A «História do Boi Barroso» e do «O Rabicho da Geralda» são estrofes doces e românticas que andam a escorrer do coração para a bôca do povo simples. No conhecido brocardo: «Onde entra o boi entra o vaqueiro», está a expressão de seu culto na admiração popular. Saltando das suas fontes folclóricas para a nossa literatura de ficção, a figura do vaqueiro ganhou relevos extraordinários. A sua imortalidade sobreveio, quando se escreveram as páginas antológicas do «Estouro da Boiada».

★

Para dar forma objetiva a êste símbolo imperecível da bravura sertaneja, o ensaísta e historiador Raimundo Girão acaba de ofertar ao Instituto do Ceará a luminosa idéia de se erguer, numa das praças de Fortaleza, um monumento ao vaqueiro. A idéia foi recebida com aplausos e entusiasmo pelos intelectuais cearenses. De pronto, articulou-se um movimento e a estátua já se acha em estudos aqui no Rio. O Ceará, com tal gesto, vai-nos dar um magnífico exemplo de amor e reconhecimento aos seus valores autênticos. Ao invés de um político influente, imortaliza no bronze o vaqueiro anônimo, símbolo heróico do sertão. Que amanhã, também, os cearenses se lembrem de glorificar o litoral, erguendo um pedestal ao jangadeiro.

MARTINS D'ALVAREZ

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50.

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na capital a cargo da Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

Paginação de **VICTOR TAPAJÓS**

Desenhos de **ALBERTO LIMA**

Redator-chefe de Publicidade: **J. M. COSTA JÚNIOR**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha, Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.
Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA, R. Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

Diretor **GRATULIANO BRITO**

Assistente **RENATO DE ALENCAR**

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lonrenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

A REVISTA há 50 anos

14 de Dezembro de 1902

CHRONICA — Entre os muitos symptomas dos tempos attribulados que atravessamos, convém não esquecer a difficuldade com que se vive e a facilidade com que os mortos são esquecidos. Les morts vont vite, é certo, e assim tem sido desde que o mundo é mundo, mas entre a celeridade com que em alheios povos se apagam as memorias mais santas e a rapidez vertiginosa com que supprimimos os serviços mais relevantes, não ha sombra de parallelo. Nunca a phrase celebre «cuidar dos vivos e enterrar os mortos» revestiu actualidade tão palpitante.

Por isso me causou sorpreza, muito proxima do assombro, a grave commemoração causada no espirito publico pela morte do dr. Prudente de Moraes. Pela primeira vez, ha uns poucos de annos, vi convertido em realidade sentimental esse bello euphemismo «o luto nacional» que ainda não sorprendera no olhar, no gesto, no fallar compungido dos enlutados. Desta vez, sim. Alma brasileira e estrangeira, palpitaram juntas na communhão de uma grande dôr; e o luto era decretado nos corações antes de o ser pelo executivo.

Mal a noticia fatal e aliás prevista, foi affixada às portas dos jornaes, a cidade revestiu esta physionomia consternada que acompanha a perda dos que em vida conseguiram fazer vibrar na alma dos simples a nota suave ou heroica da affectividade e como se Deus pretendesse honrar também a entrada de um eleito no reino dos Céos, as nuvens, lá de cima, salvaram no cadaver ainda quente dessa creatura essencialmente timida, a quem o civismo emprestou, em uma crise decisiva na historia da Republica, todas as energias e todas as audacias de um lutador intemerato.

No emtanto, esse homem tão amado pelas multidões não contribuiu para o patrimonio das idéas geraes nem aligeirou o fardo pesadissimo da vida com uma dessas maravilhosas descobertas que perpetuam uma benemerencia. Nem a sciencia, nem a industria, nem a arte devem mercês e não poderá com justiça incluir-se o seu nome entre o dos jurisconsultos ou estadistas da reputação universal. Qual foi, pois, a qualidade bastante sentimental para poder ser comprehendida das multidões e bastante imperiosa para poder impor-se a todas as classes, ainda mesmo ás que por indole e tradicções repeliam tal superioridade? A obediencia; apenas a obediencia á lei! Tão certo é e será sempre não haver broquel mais forte que o dos principios, nem baluarte mais invencivel que o do Direito. — JACQUES BONHOMME

MENDICANTES

Depois que na minh'alma echoou o teu desdem
trazido n'um sorriso de ironia
não sei que nuvem densa ao meu olhar tambem
restringiu n'um instante o horizonte além,
Onde a vista anciosa se perdia.

Não sei por que razão o meu desejo
já cessou de aspirar á dulcida harmonia
da mvsica suave d'um só beijo.
Nem sei por que razão, eu já invejo
d'um ideal amor a santa phantasia,

Nem sei por que razão, meus encovados
os anda a consumir lenta agonia.
Nem sei por que razão, os tristes engeitados
Andam, como tu vês, de maguas tão pisados,
vendo a noite onde está a luz do dia,

Nem sei por que razão, o teu sorrir
tanto o desejam todos, á porfia.
São mendigos de amor que o vem pedir,
sedentos como eu sou, famintos sem sentir,
a quem um só sorriso não sacia.

São mendigos como eu, que não conhecem gozo,
e que attrahidos vão, por um olhar formoso,
a esmolar um favo de ambrozia,
mendigos, para quem apenas irradia
um reflexo ideal, vago... e mysterioso!...

Armando Xavier
Lisboa, 23/9/902



1º plano, da esquerda para direita: Francisco Marques Netto, Horacio Picorelli, Leopoldo Araujo, João Baptista da Silva, actor Peixoto, Miguel Camargo, João Magalhães e Ovidio Mourão. — 2º plano: Humberto Picorelli, Hernani Callandra, Francisco Bastos, Pedro Raposo, Antonio Sampaio, Rodolpho Castro e José França.

A Semana

Agora, vai mesmo

O Morro de Santo Antônio está duro na queda. Não é de hoje que os Prefeitos do Distrito Federal, eleitos ou nomeados, procuram um jeito de botar aquêle tumor abaixo, despejando seus monturos no saco da Glória ou onde fôsse mais aconselhável. Mas o morro resiste, embirra, recorre, bate à Justiça, protesta e vai ficando. Agora, porém, a Câmara de Vereadores já deu o necessário crédito ao Prefeito para que êste meta mãos à obra e arrase o morro estapafúrdio. O carioca ficará desafogado. Grande área surgirá onde se levantava o oiteiro incômodo e medieval, conseguindo-se mais amplidão para o tráfego angustiado do centro urbano, e conquistando o Rio novos alicerces para sua civilização e seu progresso. O morro de Santo Antônio não pode continuar a rir do progresso do Rio. Outros mais importantes, com «pedigree» de imenso valor, como sucedeu com o do Castelo, foram abaixo, quanto mais um colega para o qual não há nenhuma razão histórica de vulto com documentação que o livre das escavadeiras do Prefeito Vital! O morro estafermo é uma anomalia na fisionomia da cidade, uma verruga em sua face, tirando-lhe a beleza de mulher faceira e vaidosa. Abaixo o morro!





O terceiro cardeal do Brasil



SEGUNDO notícias telegráficas vindas de Roma, o Papa convocou o Consistório para o dia 12 de janeiro de 1953, a fim de proclamar vinte e quatro novos Cardeais. Dentre os escolhidos, conta-se um arcebispo do Brasil, D. Augusto Álvaro da Silva, da Bahia. Não sabemos se houve razões de ordem canônica que desse primazia a prelados do Rio e de São Paulo, para as primeiras proclamações ao cardinalato nacional; mas, é evidente que, se razões históricas fôssem tomadas ao pé da letra, à Bahia deveria ter cabido o privilégio de ser sede do primeiro Cardeal dêste país. Foi ali que os navegadores portuguêses avistaram o primeiro ponto de terra quando aportaram a terras da América; foi a Bahia a sede do primeiro bispado do Brasil; foi ainda a Bahia a primeira capital do país. A Bahia é, històricamente, a Mãe do Brasil, a Babá da nacionalidade, a terra virgem que primeiro ouviu cantar e orar em latim e em língua portuguêsa. Salvador é a terra da Fé, a cidade dos templos, das tradições religiosas mais populares. E sòmente agora lhe dão um Cardeal. Por que êsse retardamento? Com certeza há causas ponderáveis, que o nosso conhecimento não alcança. Mas desejaríamos saber, para explicá-las ao povo.

Em Revista

Os séituplos



EM fins de novembro último correu mundo esta notícia atordoante: A mulher de modesto cidadão residente em Santiago do Chile, havia dado à luz sete crianças! Imediatamente tôdas as nossas estações de rádio, a imprensa, a reportagem, se pôs à disposição do povo para comentar o fenômeno, absolutamente inédito na humanidade. Muita gente já se estava preparando para ir até a capital chilena, a fim de entrevistar a parturiente, seu marido, o médico que a assistiu, e até mesmo os sete meninos recém-nascidos... Mas, vinte e quatro horas depois o acontecimento perde a embalagem e a ebulição desce a zero grau: tudo não passara de uma peça bem pregada aos filhos do Chile, aos filhos de outras nações, como os do Brasil, que foram no blefe. Contudo, a pilhéria dos estudantes do Chile não podia ser levada mesmo a sério. A começar pelo número dos meninos nascidos — sete! — a gente logo via que «havia gato na tuba». E' interessante notar como saíam erradas as manchetes de nossos jornais, ou os títulos do noticiário: «Deu à luz a sete filhos!» — «Deu luz a sete meninos» — «Deu a luz a sete crianças!» — Vamos rogar a Deus que dê uma luzinha gramatical aos nossos confrades...



É proibido fumar

ESTAMOS em pleno verão. A hora oficial já interveio no tamanho do dia, e os relógios foram adiantados de 60 minutos. O calor convida a temporadas à beira-mar, ou nas alturas paradisíacas de Petrópolis e Teresópolis. Agora, um pedido aos senhores fumantes: vejam se lhes é possível esquecer os seus cigarros e charutos, quando há filmes nas telas da cidade. E' uma tortura o que se passa em nossas casas de espetáculos cinematográficos. Muita gente, pelo que parece, não vai ao cinema com o desejo de ver o filme, e sim, para encher de fumarada o ambiente. Ora, isso numa época calorenta como esta, em casas de espaços reduzidos, causa mal-estar a qualquer um, mesmo aos que fumam. Segundo dizem os programas e letreiros ao fundo das salas de exibição, é proibido fumar nos cinemas. Entretanto, mal se sentam alguns espectadores, seu primeiro gesto é o de sacar cigarro de suas carteiras e os acenderem, puxando baforadas espetaculares. Os que estão perto, ficam, por vêzes, sufocados. E' preciso que a polícia intervenha o mais depressa possível para deter o abuso. Basta que a gerência dos cinemas convide o mal-educado a retirar-se. Se resistir, entregue-o à R.P. O que é intolerável é o incêndio que se nota nos cinemas, asfixiando os que vão divertir-se, e não aborrecer-se.



A PERSONAGEM da SEMANA



Dom Augusto Alvaro da Silva, o terceiro Cardeal do Brasil.

COM a elevação de Dom Augusto Alvaro da Silva ao cardinalato, o Brasil terá três príncipes da Igreja, o que por certo é uma honra para todos os brasileiros que nunca desmentiram o seu batismo, cuja data coincide com o dia em que por primeira vez os portuguêses pisaram terras da Bahia. Dom Alvaro Augusto nasceu em Pernambuco e ordenou-se sacerdote em 1889 no seminário de Olinda. Ali foi Páraco durante vários anos e fundou o famoso Instituto Pestalozzi, que continua prestando ao povo de Olinda prestimosos serviços. Em 1911, portanto vinte anos depois de sua ordenação, foi sagrado Bispo no templo de São José no Recife. Posteriormente se transferiu para a diocese da Barra, em Salvador. Durante vinte e cinco anos, substituindo o falecido Dom Jerônimo Tomé, foi Bispo primaz da Bahia, pôsto êsse em que Sua Santidade o Papa Pio XII o escolheu para completar o Colégio de Cardeais. Sua Eminência receberá a púrpura cardinalícia no próximo consistório de Roma que se reunirá neste mês. E assim se tornará a máxima autoridade religiosa do Brasil, pois o cânone 271 do Colégio Eclesiástico dispõe que «o cardinalato e a primazia, se ocorrerem na mesma pessoa, farão convergir para ela maior soma de prerrogativas honoríficas».

Casada ou Solteira

Quando levar uma quéda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma noticia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação dêstes importantes órgãos útero-ovarianos use *Regulador* Gesteira.

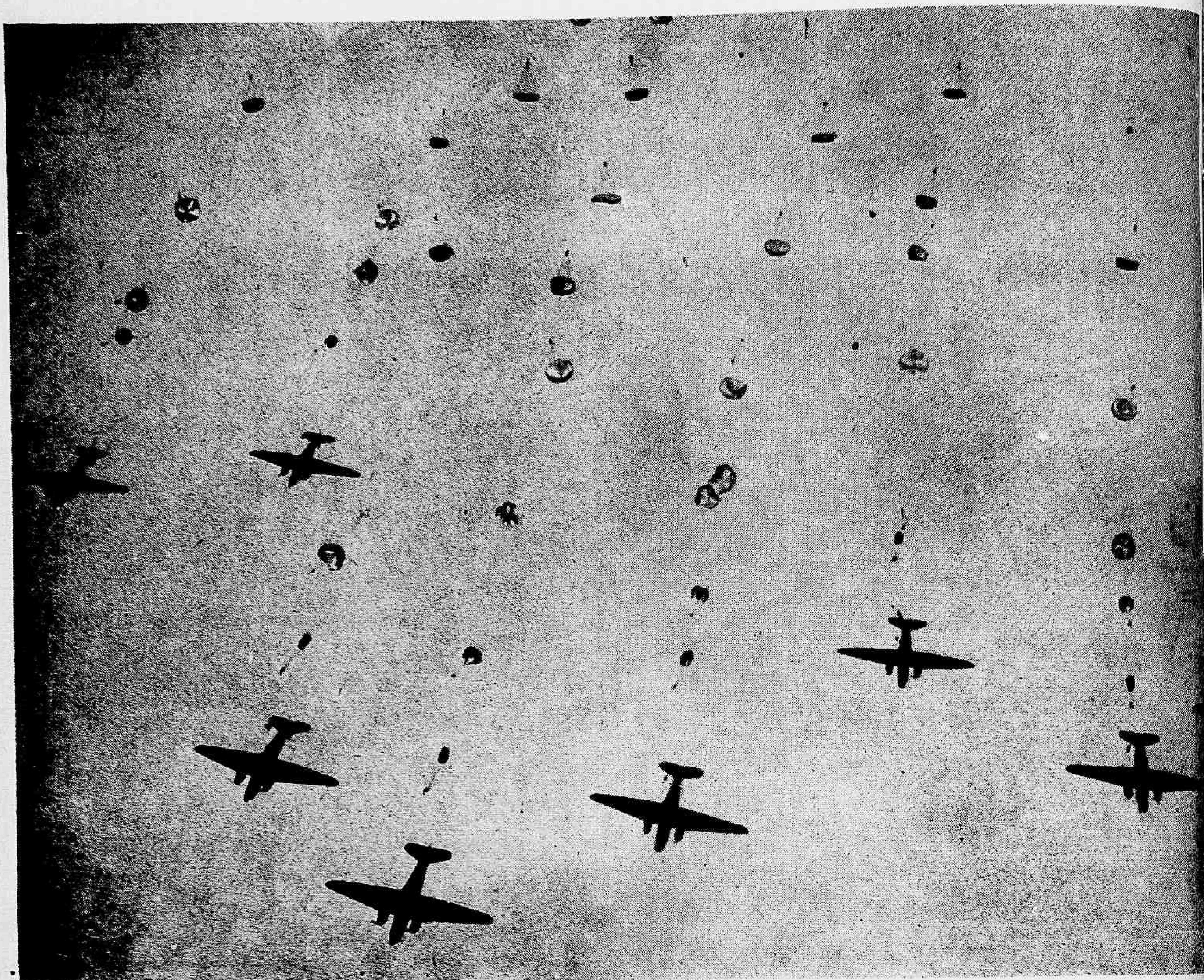
Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas

Use *Regulador* Gesteira

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, pêso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e tôdas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* Gesteira



Num ritmo impecável, um após outro, os pára-quedas vão-se abrindo à luz transparente do céu de verão. A sêda brilha. Os homens são pontos negros



Vogando — como num mar de rosas — o pára-quedista vê o mundo a seus pés.

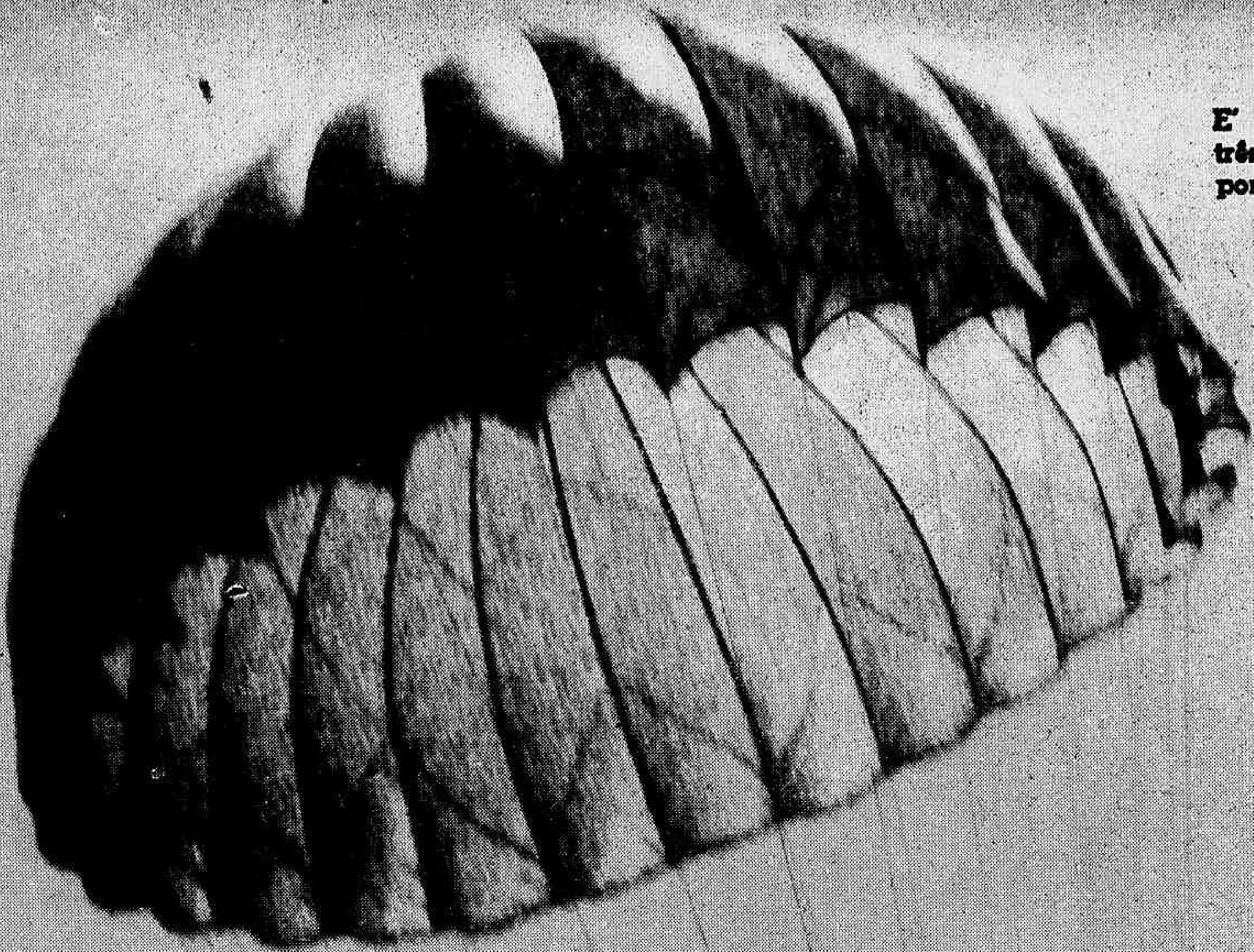
Abrem-se 400 PÁRA-QUEDAS!

400 HOMENS ENTRE AS NUVENS E O CHÃO ★ ARTILHARIA LEVE, TRANSMISSORES E SINALIZADORES TAMBÉM CAEM DO CÉU ★ UM ESPETACULO DE EFICIÊNCIA E BELEZA

OS tempos mudam e o Brasil não quer ficar atrás em matéria de se equipar e preparar seus homens em armas para uma guerra moderna. O espetáculo que se desenrolou numa bela manhã de sol aos olhos da grande multidão que acorreu aos campos do Gramacho vem-nos mostrar que o preparo dos nossos pára-quedistas está sendo cuidado em todos os seus detalhes. Os garbosos rapazes da nossa Primeira Escola de Pára-quedistas do Exército fazem jus à fama de valente que têm.

Uma esquadrilha de C-47 do nosso Corpo de Transporte apareceu sùbitamente roncando seus motores numa altura aproximada de 300 metros, salvando-se do ataque de uma esquadrilha de Th

E' preciso contar um, dois, três e pronto. O resto fica por conta do pára-quedas...







O cachorro Pilôto também faz papel bonito. Pula e parece que gosta.



O equipamento é perfeito em seus detalhes. O salto prova confiança.



Uma vez em terra firme é preciso cuidar do material. O pára-quedas é preciosíssimo.



O salto é calculado. Os homens, à medida que pisam terra firme, devem tomar seu pôsto para que a missão não fracasse. E o tempo urge.

derbolts. Os homens ansiavam por atirar-se ao espaço para cumprir sua missão. Em plena ordem, mantendo um ritmo esplêndido, um a um se atiram no vazio e vários cogumelos se abrem de repente como a um golpe de magia.

O Presidente da República assistiu à manobra espetacular prestigiando assim o primeiro aniversário dessa nova modalidade de combate. Argumentavam os estrategistas que viam cair do céu armas e homens que se Napoleão tivesse tido êsse recurso, não teria esperado a cavalaria de Grouchy que lhe trouxe a derrota de Waterloo.

Ésses jovens atletas, verdadeiros campeões do espaço, fazem honra à farda que envergam e mantêm para o Brasil a fama que Santos Dumont nos conquistou para o mundo.



Rodas devem ser montadas e pequeno canhão entrará em funcionamento.



O Presidente Vargas foi até lá ver como é a coisa. Todo de branco

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — PORQUE FICOU CÉLEBRE O PADRE PARAIBANO JOÃO FRANCISCO DE ALMEIDA:

— Por ter inventado a máquina de escrever?
— Por ter sido grande revolucionário de 1817?
— Pelos seus sermões?

2 — QUAL A VELOCIDADE, POR SEGUNDO, DAS GOTAS DE CHUVAS PESADAS:

— Trinta metros?
— Onze e meio?
— Cinco?

3 — QUAL O COMPRIMENTO TOTAL DO INTESTINO HUMANO:

— Seis metros?
— Dez?
— Quatro e setenta centímetros?

4 — A FLOR DO AMARANTO SIMBOLIZA:

— A Fé?
— A Paz?
— A Imortalidade?

5 — XEQUE-MATE, NO JÔGO DE XADREZ, QUER DIZER:

— O rei está morto?
— Socorro?
— Perdi a partida?

6 — O NOME «ALMIRANTE» VEM:

— Do francês?
— Do flamengo?
— Do árabe?

7 — EM QUE PAÍS SE DESCOBRIU O MATA-BORRÃO:

— Na Suécia?
— Estados Unidos?
— Inglaterra?

8 — QUANTOS DENTES TEM UM GATO:

— 40?
— 30?
— 26?

9 — E O CÃO:

— 50?
— 38?
— 42?

10 — QUAL A NAÇÃO QUE FUNDOU A 1ª ESCOLA DE MÚSICA:

— A Espanha?
— A Itália?
— O Brasil?

11 — O PRIMEIRO NOME DO FAMOSO NOSTRADAMUS, ERA:

— Michel?
— Godofredo?
— Carlos?

12 — EM QUE MUNICÍPIO BRASILEIRO SURGIU O 1º CAFÈZAL:

— Em Itaperuna, E. do Rio?
— Em Ubá, Minas?
— Em Campinas, São Paulo?

13 — QUAL DÊSTES ANIMAIS, O QUE, SE ATRAVESSAR RIO PROFUNDO, MORRERÁ AFOGADO POR NÃO SABER NADAR:

— O camelo?
— O veado?
— O cavalo?

14 — DE QUE ESTADO ERA O ESCRITOR HUMBERTO DE CAMPOS:

— Do Ceará?
— Do Maranhão?
— Do Estado do Rio?

15 — QUE QUER DIZER «ARATANHA»:

— Uma árvore do Rio Grande do Sul?
— Uma fruta do Amazonas?
— Uma espécie de camarão do Nordeste?

(Respostas na pág. 52)

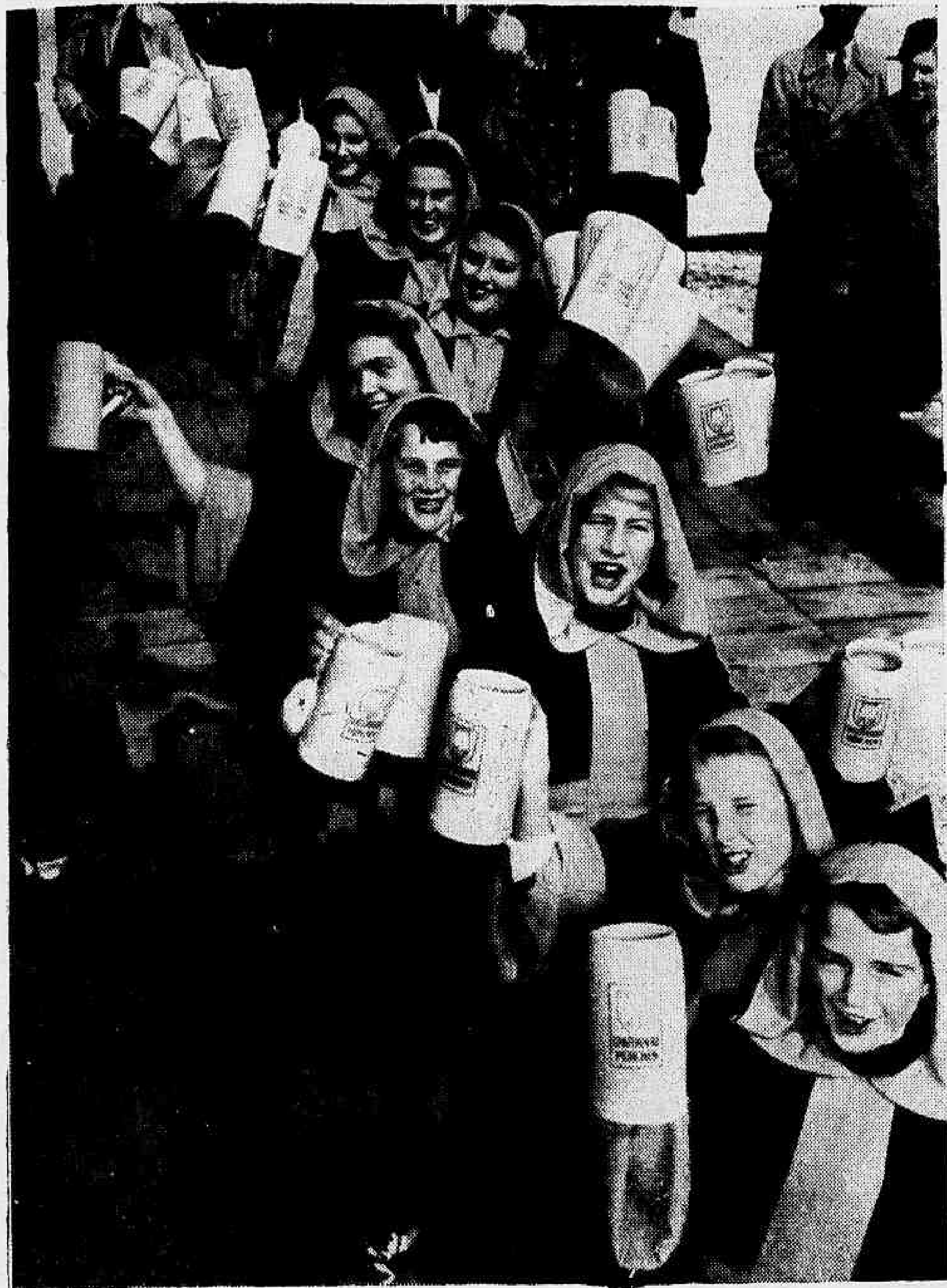


MICHELLE MORGAN, A JEANNE D'ARC de Jean Delannoy aparecerá assim no filme «Destinos». A armadura é reprodução fidelíssima da que teria usado a Donzela de Orleans. Conseguirá o novo filme superar o de Dreyer?

EM MUNICH TODOS SE PREZAM EM BEBER CERVEJA. As belas jovens desfilam saudando com as formosas canecas de porcelana. Os rostos redondos e o riso aberto mostram que tomar «chopp» é coisa saudável. Cerveja haja!



NA PORTA do Palácio de Versailles o sr. Ramvial toca simultâneamente os três instrumentos: violão, violino e banjo. A invenção é sua, como só não temos notícias. Mas é coisa parecida com um tipo popular carioca





HÁ MUITOS MODOS DE GANHAR A VIDA. Andrée Jean, a trapezista francesa, escolheu essa: faz o impossível debaixo de um helicóptero. A foto colhe uma das lindas estátuas eqüestres que adornam os Campos Elíseos.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 33

A	Nascido de pais de raças diferentes →	9	28	72	111	130	149	47
B	Pessoas combinadas para aplaudir no teatro →	7	22	40	115	98	55	■
C	Relativo ao ouvido →	38	14	78	125	95	■	■
D	Brando, delicado, ameno →	41	2	143	27	66	■	■
E	Ardil, tramóia →	25	64	18	1	116	154	■
F	Dimensão vertical de um corpo →	3	32	57	127	89	142	■
G	Que diz respeito a Deus →	37	74	101	63	4	138	■
H	Sem freio; desordenado →	26	44	62	122	91	114	152
I	Que tem roda →	15	6	46	121	153	70	■
J	Aprêço; afeição →	132	42	87	148	11	123	■
K	Intransitável; em que não há caminho →	43	67	34	92	104	■	■
L	Possuiremos →	83	16	29	39	96	8	54
M	Qualidade do que é olente →	13	105	21	51	80	133	140
N	Vem a tempo; é oportuno →	69	20	118	52	150	■	■
O	Agouram →	84	17	110	76	134	49	■
P	Fruto da nespereira →	56	23	146	135	109	35	79
Q	Rixa →	93	75	59	5	86	139	36
R	Resistência; ação oposta a outra →	131	30	113	60	12	94	■
S	Amontoa; exerce vários cargos em conjunto →	45	73	145	31	155	19	107
T	Entorna; faz deixar a casa →	99	81	24	120	128	144	53
U	Pôr em idéia →	117	129	102	33	82	■	■
V	Alude; narra, relata →	112	58	90	126	103	136	■
W	Série de degraus para subir e descer →	100	156	77	48	85	68	■
X	Ainda →	50	71	151	10	■	■	■
Y	Embaraçam; impedem; privam →	147	124	137	106	88	65	■
Z	Secar ao vento; expor ao sol →	119	141	97	61	108	■	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o nome de uma de suas obras. No quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

E 1	D 2	F 3	G 4	O 5	I 6	■	B 7	L 8	A 9	■	X 10	■	J 11
R 12	M 13	■	C 14	I 15	L 16	O 17	E 18	G 19	N 20	■	M 21	B 22	P 23
T 24	■	E 25	H 26	D 27	A 28	L 29	R 30	S 31	■	F 32	U 33	K 34	P 35
Q 36	G 37	C 38	■	L 39	■	B 40	D 41	J 42	K 43	H 44	S 45	I 46	A 47
■	W 48	■	O 49	X 50	M 51	N 52	T 53	■	L 54	B 55	P 56	F 57	V 58
Q 59	R 60	Z 61	■	H 62	G 63	E 64	Y 65	D 66	■	K 67	W 68	■	N 69
I 70	X 71	A 72	S 73	G 74	Q 75	O 76	W 77	C 78	P 79	■	M 80	T 81	U 82
L 83	O 84	■	W 85	Q 86	■	J 87	Y 88	F 89	■	Y 90	H 91	K 92	Q 93
R 94	■	C 95	■	L 96	Z 97	B 98	■	T 99	W 100	G 101	U 102	Y 103	■
K 104	M 105	Y 106	S 107	Z 108	P 109	O 110	■	A 111	V 112	R 113	H 114	B 115	E 116
U 117	N 118	Z 119	■	T 120	I 121	H 122	J 123	■	Y 124	■	C 125	V 126	F 127
■	T 128	■	U 129	A 130	R 131	J 132	M 133	■	O 134	P 135	V 136	Y 137	G 138
■	Q 139	M 140	Z 141	F 142	■	D 143	■	T 144	S 145	P 146	Y 147	J 148	A 149
N 150	■	X 151	H 152	■	I 153	E 154	S 155	W 156	■	■	Otamer-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N.º 32 — VARNHAGEN. — HISTÓRIA DO BRASIL. — "Infelizmente, porém, a civilização humana assemelha-se em tudo ao homem; nasce chorando e chorando e sofrendo passa grande parte da infância até que se educa e robustece."



LIDO... VISTO...

O HOMEM QUE COMEU O JARDIM ZOOLÓGICO

UM dos tipos mais interessantes entre os políticos da Velha República era o de Luís Domingues, que conheci deputado, usando fraque e calças listradas e um belo chapéu Chile.

Bacharel, intelectual, colocando bem os pronomes e não tendo mêdo de falar certo português, caracteristico dos maranhenses, casando-se com distinta moça, pertencente a uma das famílias mais influentes no Estado, cedo começou a vida política do eminente brasileiro, que tinha, aliás, valor próprio. Entrara para a Câmara nos luscos-fuscos do Império. Na República foi governador e deputado e sua terra lhe deve serviços, que seria injustiça dos maranhenses não relembrar.

Mas Luís Domingues era, sobretudo, homem de muito espírito e a rapaziada da imprensa na Câmara apreciava-o bastante e estava sempre a contar pilhérias a seu respeito. Quando governador, certa feita, Luís Domingues foi acusado, nem mais nem menos, de haver comido todos os bichos do Jardim Zoológico de São Luís do Maranhão.

Era pura invencionice da oposição, mas de quando em vez se relembrava o caso. O tal jardim, por assim dizer, era dêle, pois Luís Domingues o organizara e amigos do interior sempre lhe mandavam animais. Talvez alguma duplicata de anta ou de galinha de Angola houvesse abrilhantado algum dia algum banquete em Palácio. Mas daí a tal história, era exagêro puro.

Na sala do café (o Café do Serapião) êle disse um dia:

— Afinal tanto falaram que eu comi os bichos do Jardim Zoológico, que eu cheguei a me convencer do fato. Entretanto, vocês vejam êste telegrama de São Luís, contando que num comício os srs. Carneiro de Freitas e Nogueira Coelho me atacaram em discursos furibundos.

E acrescentava o velho político:

— Ora, como vocês vêem, não comi os bichos todos, tanto que êsses dois animais — um carneiro e um coelho — lá estão esperneando contra o meu govêrno.

RESPONDA ESTAS

116 Há muitas florestas no Egito?

117 Quando se começou a empregar a taquigrafia moderna?

118 Quem foi e onde nasceu o Marquês de Paraná?

119 Qual a Universidade mais antiga das Américas?

120 Em que dia e com quantos votos o Padre Diogo Antônio Feijó foi eleito Regente único do Brasil? Quantos brasileiros foram votados para o cargo?

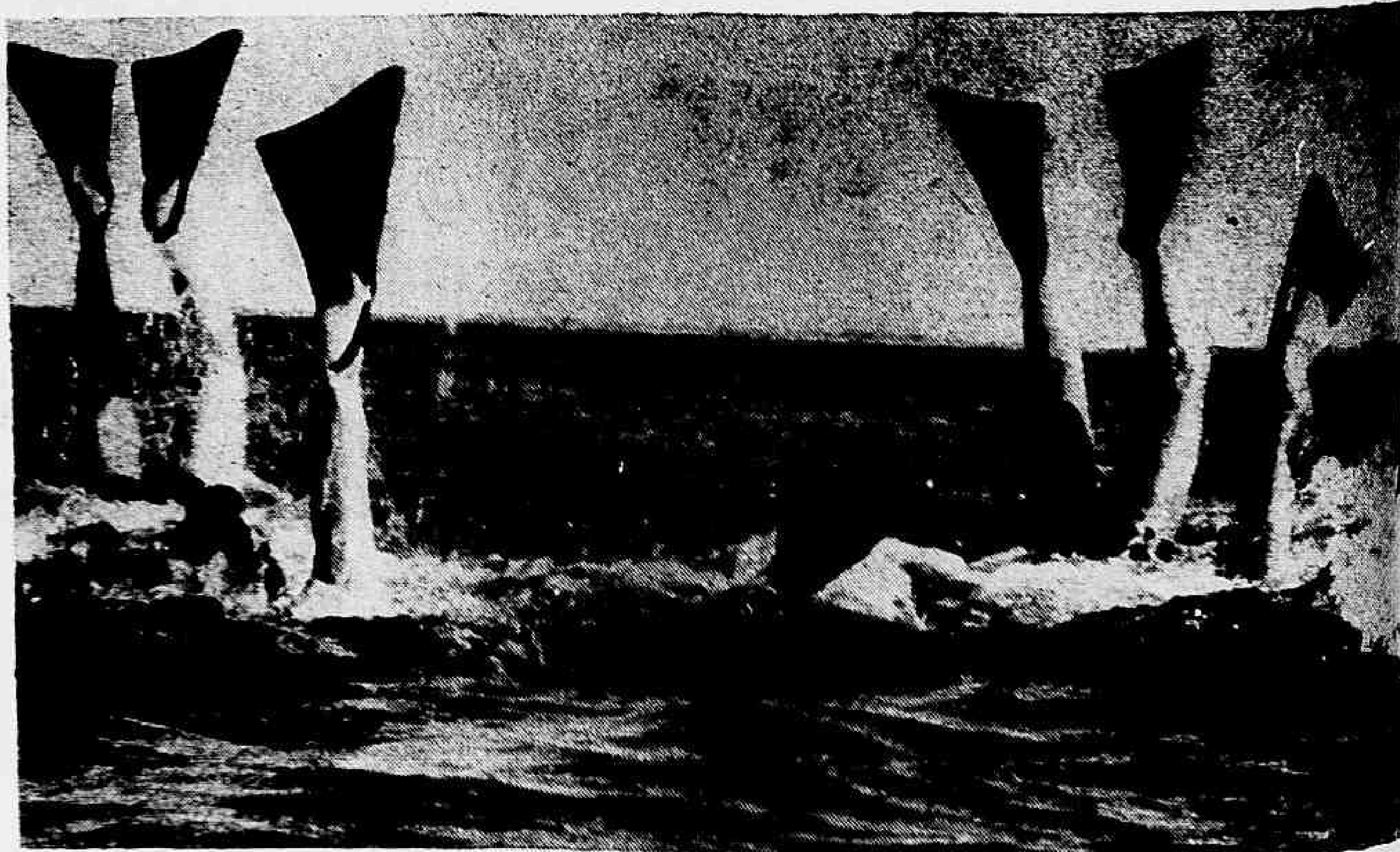
RESPOSTAS AS ULTIMAS:

111 — A população da terra está aumentando na proporção de um por cento ao ano. Assim, no ano 2952 deverá ser de cêrca de seis bilhões de criaturas humanas; 112 — O livro ilustrado mais antigo que se conhece é o «Livro dos Mortos», um maravilhoso papiro egipcio, escrito 1.500 anos antes de Cristo; 113 — Quibebe, no Nordeste é mistura de abóbora (gerimum) cozida e machucada com leite. Em Mato Grosso é qualquer picadinho de vegetal, seja abóbora, chuchu, mamão, etc.; 114 — Foi o Conde d'Eu quem, em 1869, ganhou, no Paraguai, a Batalha de Campo Grande, sôbre o general Bernardino Caballero; 115 — Além do grego e do latim, falavam-se, nos tempos de Jesus Cristo, vários idiomas, tais como o Babilônio, o Fenício, o Egípcio, o Hindustânico, o Chinês, o Hebreu, e o Aramaico, etc.

Os peixes voam... Os homes mergulham...

O mundo se convulsiona como num fim de mundo. Tudo na hora turbilhonante que passa, como que se desagrega e foge à regra, à lei, aquela «relação necessária que decorre da natureza das coisas», na definição clássica de Montesquieu. Não adianta vir o filósofo e dizer: os elementos são tais, tais, tais, os reinos da natureza êstes, êstes. À la Lavoisier, tudo se transforma. E aqui está a foto, real, artística e simbólica dêste peixe, para o qual o tenebroso mar já não tem encantos e como quer saltar, voar para outras regiões, numa insatisfação que tocou profundamente a todos os sêres. E ali está no ar, não um pássaro, mas um peixe alado, um Gloster Javelin, caça a jacto que, com sua guela e ôlho de peixe, assombrou os técnicos em Farnorough, na Inglaterra, e que, munido de radar, como um espadarte dos ares, rompeu o muro de som e da luz.

Enquanto os peixes querem voar, cada vez mais alto, os homens, insatisfeitos no ar, em terra, em tôda a parte, procuram agora nos desportos subaquáticos como que esconder sua desesperada inconformação com a natureza que Deus lhe deu e com os meios admiráveis de que dispõe. E aqui está um «meeting» num Clube Subaquático alemão. Na França, na Itália, nos Estados Unidos já existem numerosos clubes congêneres. Constam de mergulhos as principais diversões dos seus componentes. **Mergulham com aparelhos de oxigênio, arpões e máscaras. E usam nadadeiras, como se fôssem patos. Mas de «patos», no sentido da gíria, não têm nada, a julgar pelo que um dêles disse: «nada como nadadeiras para bem tornar a forma das pernas...»**



OUVIDO...

ONTEM, HOJE, AMANHÃ...
(JIM)

POUCAS E BOAS...

● *HUMORISMO DE CHURCHILL*

Os estadistas inglêses não abandonam nunca o "fair play" e o "humour". No mês passado, apesar de ferrenhos adversários, Attlee convidou o seu sucessor em Downing Street, 10, para jantar. A caminho do restaurante, o chefe da oposição queixa-se do seu chauffeur, que é um autêntico barbeiro trabalhista.

— Vou mandá-lo embora, diz Attlee. Êle dirige com muita velocidade. Já duas vêzes escapou de me matar.

E Churchill, com o inseparável charuto e o sorriso:

— Mas, Attlee, você precisa dar-lhe ainda uma oportunidade...

● CABELEIREIRO DE HARÉM

O rei do Afganistan contratou ùltimamente na Itália um célebre cabeleireiro de senhoras, Domenico Lanzetta, por um salário que há de acossar a cobiça dos Acossatos de todo o mundo. Mas tudo ficou bem claro num contrato cabeludo: o cabeleireiro se obriga a cuidar das lindas cabecinhas das 100 e poucas lindas espôsas de Sua Majestade, mas deverá sempre em seu trabalho, dentro do Harém, ser acompanhado por dois eunucos armados, que não o abandonarão um instante. E, agora, seu Lanzetta? Vamos cuidar só dos cabelos das mulheres, senão dá água pela barba e é espêto, Lanzetta...

● *GRACINHA...*

Em Portugal, um policial, Rogério Gracinha, depois de haver perdido no jôgo uma soma, que lhe fôra confiada à guarda, escreveu uma carta ao seu comandante, confessando a culpa cometida.

Depois meteu-se voluntàriamente no xadrez e ficou à espera que o carcereiro viesse fechar o cadeado. Uma gracinha de consciência, depois do pecado, êsse Gracinha...

QUEM DISSE ISTO?

116 «Estilo é a maneira simples de dizer coisas complicadas e não a maneira complicada de dizer coisas simples.»

117 «As mulheres letradas são ridicularizadas pelos homens iletrados.»

118 «Deus constantemente nos visita, mas quase sempre não estamos em casa.»

119 «A natureza não dá saltos.»

120 «As grandes paixões são doenças incuráveis.»

RESPOSTAS AS ANTERIORES:

111 — Frase de um personagem de José Américo no seu romance «A Bagaceira»; 112 — Advertência de São Paulo em sua Epístola aos Tessalônicos, cap. V, v. 20; 113 — Frase de todos os tempos, mas que vem sendo repetida desde que Argan, no Doente Imaginário, de Molière, a empregou; 114 — A expressão que parece de um totalitário moderno é de Shiller, o gênio da poesia alemã, companheiro de Goethe; 115 — Frase admirável, que parece de hoje e foi escrita há quase um século por Tavares Bastos, o nosso grande estadista.

ÊSTE MUNDO E O OUTRO... OS ANJOS

CRIAÇÃO DE DARCY





Visão geral de Manhattan, onde se ergue o Empire State Building, de 381 metros de altura e 102 andares; o edifício Chrysler, segundo maior arranha-céu do mundo, com 77 andares. Ao lado, um sem-número de edifícios que disputam a primazia na beleza e na luta pelo domínio do espaço.

AS AMÉRICAS EM FLAGRANTE

DO RIO A NOVA YORK, VIA LIMA ★ 42 HORAS NO AR ★ A TRAVESSIA FANTÁSTICA DOS ANDES ★ NA TERRA DOS INCAS ★ AS DUAS PERSONALIDADES DO PRESIDENTE BATISTA ★ CHICAGO, A SEGUNDA CIDADE AMERICANA ★ NOVA YORK PANORÂMICA

Reportagem de NELSON VAINER

Nova York, novembro (Via Braniff)

ACABAMOS de chegar de uma longa e exaustiva viagem que, apesar de comum, não deixa de ser fantástica. O Tapête Mágico da era do sonho e fantasia, feito realidade em forma de gigantesco avião na era atômica, transportou-nos, em cêrca de doze horas, do Rio de Janeiro à Lima, ou melhor — das margens do Oceano Atlântico às margens do Oceano Pacífico!

E' uma viagem maravilhosa, provàvelmente a mais linda travessia aérea, que vale a pena ser condensada em pílulas, já que nos foi dado saboreá-la em conta-gôtas.

Sobrevoando as terras de São Paulo, Mato Grosso e parte da Bolívia, em pouco mais de quatro horas, a quatro mil metros de altura, o avião começa a elevar-se aos poucos, para subir a mais de sete mil metros, a fim de poder atravessar a fabulosa cordilheira dos Andes. E o passageiro, grudado à janelinha do avião, os olhos fixos no espaço que a barulhenta aeronave vai engolindo, olha atônito para as inúmeras maravilhas que o seu tapête mágico vai revelando. Dir-se-iam obras de magia, que surgem como por encanto, para extasiar a vista dos que as contemplam, e como por encanto tornam a desaparecer.

A cordilheira dos Andes vista de cima. Haverá espetáculo mais grandioso que êsse? Montanhas ciclópicas, gigantescos picos pontiagudos cobertos por eternas neves, vulcões extintos, abismos tremendos, lagos e geleiras aprisionados por entre as montanhas. Tôda uma região que parece não ter fim, pois se estende a milhares de quilômetros, e cuja travessia leva horas. E enquanto o avião vai cortando o espaço, vão surgindo os mais altos picos da cordilheira. Ora é o Illiamani, com seus 6.450 metros de altura, ora o Chacaltaya, de 5.340 metros; depois, inúmeros outros picos dêsse oceano de montanhas, que variam entre três a cêrca de oito mil metros de altura!

Há, ainda, o surpreendente espetáculo que alguns vulcões extintos oferecem, como também o Titicaca, o mais alto lago do mundo, aprisionado numa extensão de 195 quilômetros de comprimento por 75 quilômetros de largura, eterno prisioneiro das montanhas, que não o deixam sair para o mar.

Contudo, também nessa região, que se afigura como pré-histórica, o homem, em sua eterna luta contra os elementos da natureza, logrou vencê-los, edificando por entre as montanhas grandes e pequenas cidades, templos e monumentos de arquitetura arrojada, tanto antes como depois de Cristo.

Terminada a travessia dos Andes, sobrevoamos uma grande planície e chegamos, finalmente, às sete da manhã, à capital do Peru. Desembarcamos no aeroporto de Limatambo, desembaraçamos a bagagem e tomamos um táxi para Lima, onde passaremos todo dia à espera de outro avião, procedente do Rio, que nos levará aos Estados Unidos.

Poucas horas em Lima são o suficiente para convencer-nos que a permanência ali de alguns dias pode ser definido com uma palavra apenas: Tédio! A cidade é relativamente pequena e não tem divertimentos noturnos. A côr cinza predomina em tôda parte. Tudo



Harlem, o bairro negro de Nova York, que concentra a maior comunidade negra do mundo. Durante o último recenseamento, foram registrados, num só edifício, 3.831 negros. E' um mundo à parte, onde os homens de côr vivem juntos, enfrentando a vida; juntos vencem ou juntos fracassam.

ali é cinzento: os edifícios, os bondes, as montanhas que circundam a cidade, a atmosfera e o povo...

Durante todo dia percorremos a cidade a pé, visitamos as praças, avenidas e ruas mais interessantes, os museus, igrejas e arredores da cidade. Entramos em contato com o povo que na maioria é descendente dos incas, saboreamos a comida peruana, e às 20,30 horas, entramos novamente num dêsses gigantescos aviões transcontinentais, e seguimos viagem rumo aos Estados Unidos.

DE LIMA A CHICAGO

A grande aeronave singra os ares, tornando êste imenso mundo cada vez menor. Até Miami, a primeira cidade americana, o avião escala em Guayaquil, Panamá e Havana. Visitamos esta última e no curto lapso de tempo — 40 minutos apenas — percorremos a cidade de táxi. Para se ter uma idéia do conceito em que os cubanos têm o seu presidente, general Batista, vamos reproduzir aqui o que vimos nas paredes de certos lugares, rabiscado a giz ou lápis:

Bandido	**B**ondoso
Asesino	**A**migo
Traidor	**T**rabajador
Intrigante	**I**ntelectual
Sanguinario	**S**erio
Tirano	**T**riunfante
Aventurero	**A**mbicioso

Quase em todos os lugares, a primeira versão termina sempre com uma palavra de baixo calão...

Embarcamos novamente, e poucas horas depois chegamos ao aeroporto internacional de Miami. Visitamos também esta cidade, cujas praias nos fazem lembrar nossa maravilhosa Copacabana. E verificamos que não sem razão apelidaram Miami de «Cidade Mágica» e «Veneza da América».

De Miami até Chicago o avião sobrevoa uma grande extensão do território americano e pára nos aeroportos de Dallas, Oklahoma, Houston e Kansas City. Devido à troca de avião em Dallas, tomamos um táxi e permanecemos algumas horas nessa cidade. Texas, que já nos habituamos a ver nos filmes ou desenhos animados, não é tão bonito e pitoresco como nos celulóides que os americanos nos exportam: é muito mais lindo! Planícies sem fim, tôda cultivada, afigura-se como o próprio tapête mágico que ali caiu, para manter sempre viva a sua magia...

Em Dallas reina a atmosfera das grandes fazendas e a maioria do povo, principalmente as crianças e jovens, se vestem com trajes do destemido e romântico cow-boy.

Mais algumas horas de vôo, e chegamos finalmente ao Midway Airport de Chicago, a grande cidade industrial do oeste americano.



A fabulosa cordilheira dos Andes, vista de avião. Tanto quanto a vista alcança, surgem gigantescas montanhas, abismos tremendos, picos de neve.



Um dos grandes vulcões extintos dos Andes. Segundo os entendidos, sua última erupção deve se ter dado há 1.000.000 de anos. Está ainda ativo.



Um dos maiores edifícios comerciais do mundo é o Merchandise Mart, em Chicago, na parte central da grande cidade, às margens do rio Chicago. À direita — uma visão de Downton, coração da segunda cidade dos Estados Unidos e uma das mais populosas e mais belas metrópoles do mundo.

Desembaraçamos a bagagem, tomamos um táxi e, se já não bastam as 42 horas que passamos no bôjo do avião e muitíssimas outras em várias cidades, temos que viajar ainda cêrca de duas horas de táxi até Lakewood, na parte norte de Chicago, onde pretendemos passar algumas semanas.

A «CIDADE-VENTO»

Durante três semanas de permanência em Chicago, percorrendo diàriamente seus bairros, avenidas, ruas e becos, conseguimos entrar em intimidade com a grande metrópole americana.

Edificado ao longo do vastíssimo lago Michigan, e banhada pelo rio Chicago, a cidade é dividida em três grandes zonas, — sul, norte e oeste, sendo o leste, conhecido pela denominação de Loop, ocupado pelo referido lago, que é um verdadeiro mar.

Chicago é a segunda cidade dos Estados Unidos e uma das maiores cidades do mundo. Chamam-na de «Cidade-Vento», e com razão. Durante o outono, e não raras vêzes durante as demais estações do ano, ela é açoitada por ventos tão fortes, que justificam perfeitamente o citado apelido.

Em Chicago, cujo «slogan» é «Eu quero», tudo é sólido, grandioso, e «maior do mundo». Seus parques são enormes, rivalizando com florestas ou bosques. Suas avenidas e ruas parecem não ter fim. Ali foi construído o primeiro arranha-céu, precursor dos Empire State Building e outros edifícios de construção arrojada, que desafiam as alturas. Sua concentração ferroviária é a maior do mundo, pois diàriamente passam pelas suas estações mais de 1.500 trens de passageiros e mais tantos de carga. Stock Yards, por sua vez, também é o maior do mundo.. Trata-se do matadouro, por cujos currais e edifícios passam anualmente milhões de cabeças de gado, cuja carne é destinada a alimentar os povos famintos do mundo inteiro. Ainda em Chicago encontramos o maior hotel do mundo, o Conrad Hilton, com mais de 3.000 apartamentos! Há, também, um edifício, às margens do rio Chicago, que é o maior prédio comercial do mundo e muitas outras construções de gigantescas proporções, que são o orgulho de Chicago.

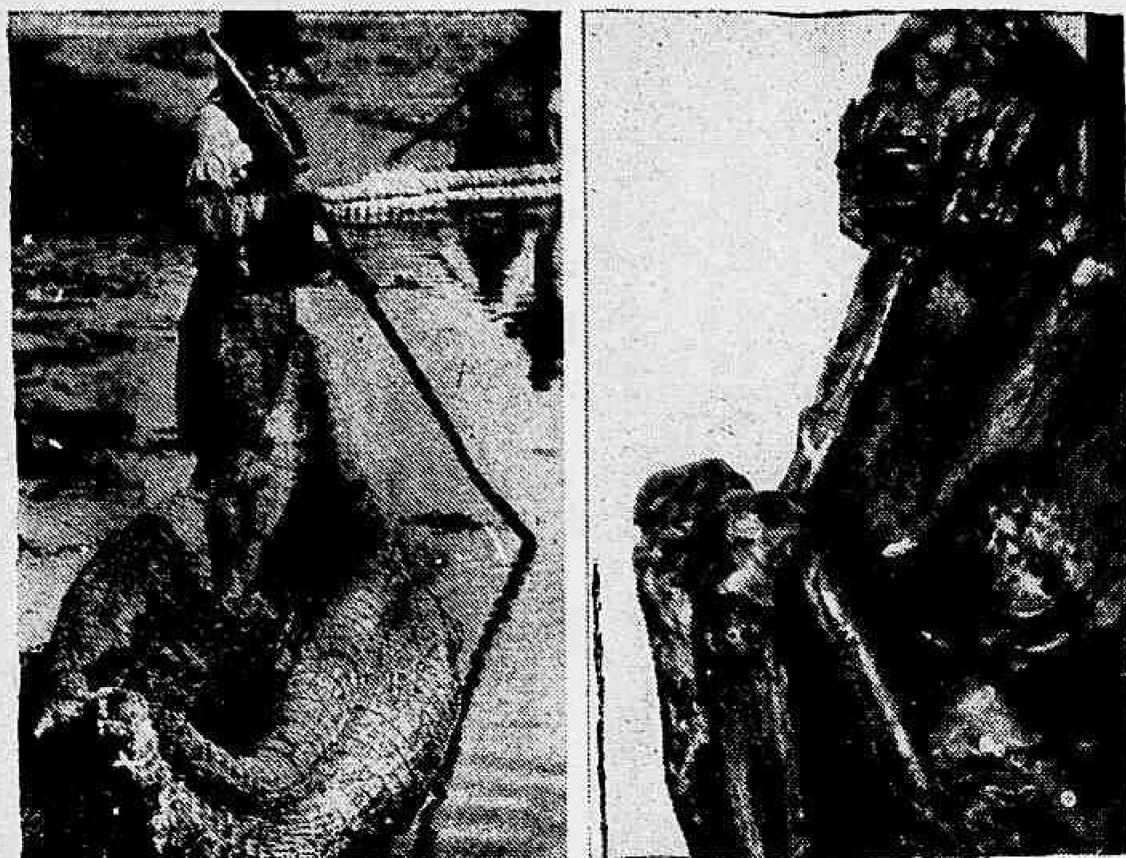
A população de Chicago é de quatro milhões de habitantes e não fica atrás das cidades mais cosmopolitas da terra. Ela abriga uma população polonesa maior que a de qualquer outra cidade, exceto Varsóvia. O bairro negro é um dos maiores do mundo, sendo também considerável o número de ju-



A orgulhosa Llama, «marca registrada do Peru», que sobe fàcilmente aos cumes dos Andes, como os nossos atrevidos cabritos do interior.



A igreja de S. Marco, em Lima. É uma das mais artísticas obras arquitetônicas, não só da capital peruana, mas também de tôda América Latina.



Balsa incaica sôbre o lago Titicaca. Múmia incaica, de Ancona, òtimamente conservada após dezenas de séculos. É um segrêdo para os incas.

deus, italianos, alemães, suecos, japonêses, chineses, sírios e outras minorias que ali residem.

Os negros, em Chicago, gozam de mais liberdade que em qualquer outra cidade do mundo. Êles dominam todo um bairro. Alguns são milionários, proprietários de estabelecimentos industriais, lojas, hotéis, restaurantes, casas de diversões, lavanderias. Muitos conquistaram posições sociais invejáveis, graças às profissões liberais que abraçaram. Êles possuem um jornal moderno e bem feito, cujo nome indica claramente a sua finalidade: «The Defender».

Chicago é uma cidade de grandes contrastes. Relativamente nova, pois o seu desenvolvimento começou no século passado, ela parece contudo tão velha como Paris ou Londres, devido à fumaça dos trens e das fábricas que enegrecem os edifícios.

De um lado, Downtown, com seus soberbos arranha-céus, o luxuoso Boulevard Michigan, os grandes magazines Marshall Field's, Mandel Brothers, Goldblatt e dezenas de outros, os grandes cafés e restaurantes, o velho Palmer House, Blackstone e o College Inn, onde se encontra e diverte a fina flor da grã-finagem, o Maison Hull, fundado pela humanista Jane Addams, os inúmeros museus, institutos de arte, bibliotecas — tudo isso convertido durante o dia em verdadeiro formigueiro humano e, à noite, coberto por um mar de luzes multicores que se acendem e apagam, como nos fantásticos contos de magia.

(Cont. na pág. 46)



O Palácio do Govêrno, em Lima. Como todos os edifícios da capital, também êste é de côr cinzenta. A côr cinza predomina em tôda a cidade.

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● **MARILENA (D. F.)**

SONHO: Sonhei que estava dançando num harém, vestida de odalisca. Havia homens, mas eu não me sentia constrangida. De repente, chegaram várias pessoas para me avisar que meu irmão (êle é pilôto) havia sofrido um desastre de aviação. Saí correndo e me internei numa floresta. Encontrei-o deitado: tinha uma perna de pau que se achava roída pelos cupins e mais parecia um tronco de árvore ôco. Inclinei-me sôbre êle e tratei-o carinhosamente, não sem antes ter rido interiormente do ridículo de haver cupins numa perna de pau. Nesse ponto apareceram dois homens armados de revólveres, exatamente iguais, feios, fortes, maus, do tipo dos «gangsters» dos filmes americanos. Corri, apavorada, mas achando interessante ser perseguida por bandidos de cinema. Afinal, cheguei a uma cidade tipo far-west, e me senti feliz por ter corrido tanto que estava nos Estados Unidos. A cidade era clara e pacata, sentindo-me salva, quando, na fronteira da cidade vi as caras enormes dos «gangsters» aparecendo atrás das casas. Nesse ponto acordei.

INTERPRETAÇÃO: Seria magnífico bailar num harém, vestida de odalisca, só pela puerilidade de julgar o mundo um grande picadeiro... Não é assim que você o julga, Marilena? Seu sonho é dêsses que qualificamos de «caleidoscópicos», por refletirem tôdas as nossas preocupações: aviso do acidente sofrido por seu irmão, seus anseios, seus desejos sufocados, etc., no mesmo golpe de vista. Há em seu sonho um misto de receios e dúvidas e símbolos fálicos, representados no ridículo da **perna de pau roída pelos cupins**... Seus pensamentos são desencontrados e turbilhonantes e fazem você rodopiar num catavento de insatisfações e vácuos interiores. Há verdadeiros contrastes no julgamento que você faz do amor e da vida rotineira e gostaria de sacudir o marasmo de sua existência, substituindo-o por um tempestuoso vai-e-vém, cheio de movimento. Mesmo cheia de sofrimentos («gangsters» que a perseguem) você gostaria de ter a vida colorida de tintas fortes, ao feitio de sua irrequieta personalidade. Não obstante, você é uma afetiva singular: ama e se crítica ao mesmo tempo (**ri interiormente do cupim**...). Dar-lhe-ia certo prazer o ser focalizada no relêvo de algo sensacional, mesmo que êsse algo a fizesse sofrer (ainda os «gangsters). Há, também, indícios de rebeldia em seu modo de pensar e, quem sabe? de agir. Seus sonhos em vigília também são notáveis, e você acalenta a possibilidade de viajar, e talvez mudar-se para bem longe.

● **JUREMA (Rio)**

SONHO: Achava-me junto a um lago que se comunicava com o mar. A água era escura e parada. Dois rapazes brigavam nas margens e caíram no lago; chorei de desespêro por não poder salvá-los. Mas, qual não foi a minha surprêsa, ao encontrar um dêles dentro de minha própria casa? Era um jovem bem apessoado, elegantemente vestido e que, ao ver-me, abraçou-me e beijou-me sem dizer uma palavra; notei, no entanto, que êle estava alegre e se sentia feliz. Eu, porém, me entristecia cruelmente, por não ter podido salvar o segundo rapaz. Entretanto, mais uma vez, cheia de espanto, reconheci o desaparecido num moço que se aproximava de nós.

INTERPRETAÇÃO: Deve haver algo desentrosado e obscuro dentro do seu ser (água escura) e que você, em terrível luta, procura apreender (rapazes brigando, chôro e desespêro). A alma humana é, em geral, comparada a um lago remansoso se nossos pensamentos são positivos e bons, ou a uma espécie de pântano, se deixamos que nossos desejos desenfreados nos conturbem a mente. Na luta travada em seu íntimo, venceu o Eu superior (jovem que encontrou em sua casa) e você recebe o beijo do apaziguamento interior e o abraço de confraternização consigo própria. O silêncio, às vêzes, diz mais do que a própria palavra e sua satisfação foi enorme ao reconhecer que o Eu superior (consciência), vencera o Eu inferior (inconsciência), conseguindo equilibrar uma e outra (aparecimento do segundo rapaz).

● **ARLETE (Rio)**

SONHO: Sonhei com meu irmão, falecido há um ano e pouco. Ao abrir uma porta, vi-o tal como se enterrou, de terno branco. — Você por aqui? — perguntei-lhe e comecei a rezar: Creio em Deus Padre... Então, vi-o cair na minha porta, exclamando: — Continue rezando.

INTERPRETAÇÃO: Se você lê sempre esta seção, procure ver a resposta dada a Juraci, que encontrará explicação para êsses fenômenos, tão comuns entre os parentes que passam desta vida para a do Além. E' freqüente sonharmos com os entes queridos que nos deixaram em meio do caminho que juntos palmilhávamos. No seu caso, a saudade que você tem de seu irmão, faz com que esteja sempre dizendo uma prece por êle (a oração que recitou).

A impressão que lhe causou o funeral, ainda está muito nítida em sua retina; talvez inconscientemente, você comparou a morte de seu irmão à queda de uma árvore cheia de vida (queda do corpo à sua porta).

Continue rezando por êle, que isso faz bem a ambos; a êle, aliviando-lhe as penas, a você, amenizando a saudade.



ESCÂNDALOS E ROSAS

Conto de MARY SERGEANT

Tradução de SYLVIA JAMBEIRO

Ela ambicionava uma vida tranqüila e comum em que não incluía um possível primeiro ministro de cabelos ruivos e com idéia fixa no matrimônio.

CHEGARA, afinal, o Grande Dia e, como todo acontecimento anciosamente esperado, provocava uma atmosfera de anticlimax.

Katie Davis, a última da fila de estudantes de enfermagem, subiu as escadas que levavam ao tablado do novo salão social, ela estava cansada de tudo aquilo; cansada do esfôrço de calcular se os operários dariam a última demão de tinta a tempo para a inauguração oficial da nova Casa de Enfermeiras de São Sebastião, cansada de arranjar as flores, de decidir quais enfermeiras deviam assistir a cerimônia e quais deviam atender aos pacientes, cansada de tudo para prestar atenção ao sr. Claude Harrington, o primeiro ministro, que seria a pessoa a declarar a Casa oficialmente inaugurada.

Ela sentia os pés doídos dentro dos novos sapatos brancos e evitou um bocejo. As pessoas à sua esquerda, alguns oradores, há três qaurtos de hora falavam sôbre banalidades pomposas. Agora, a julgar pela solene apresentação da chefe e pelos aplausos, chegara o grande momento. Olhando disfarçadamente para o lado, Katie pôde ver que Mr. Claude Harrington era jovem e tinha uma bela aparência, coroada por magnífica cabeleira ruiva. Mas era preciso muito esfôrço para acompanhar o que êle dizia. O ambiente saturado de enfermeiras, médicos e visitantes ilustres sufocava-a.

E lá, entre o público, estava Greg ao lado da elegante e frágil genitora. A situação estava penosa, uma vez mais, Katie disfarçou um bocejo. Sentia as pernas dormentes, as costas lhe doíam e, o que era pior, verificou que por dentro ela se sentia tôda dormente também. Sentia-se tanto, como se fôsse adoecer. Num esfôrço para se controlar, olhou para cima. O teto frio e branco parecia-lhe distante milhas e milhas. De repente teve a impressão de que desabava, quase tocando sua cabeça. Se ao menos suas mãos não estivessem tão quentes! Se ao menos aquela voz grave e tonitroante parasse um pouco!

«E' para vós um privilégio viver numa era histórica em que as portas do mundo são franqueadas às mulheres, em que elas se livram dos grilhões convencionais que as prendiam. Hoje a mulher já não é mais aquela criatura frágil mas sim forte e...» — Precisamente neste ponto o chão e o teto começaram a rodopiar ante os olhos de Katie e ela caiu desmaiada junto aos bem calçados pés do jovem primeiro ministro.

Quando ela abriu os olhos, seu maior desejo foi desmaiar novamente; a expressão do rosto da chefe não lhe deixava dúvidas quanto à gravidade do pecado que acabava de cometer. O povo se acotovelava na plataforma, enquanto dois rapazes, repórteres evidentemente, não se cansavam de estourar «flashes» e tirar retratos. Quase sem fôrças, ela tentou afastar o copo que alguém tentava encostar em seus lábios e fêz em vão um tremendo esfôrço para levantar a cabeça que repousava nos joelhos masculinos de alguém.

— Já está bem, enfermeira? — Disse a chefe severamente.

Katie respondeu de acôrdo com o que se esperava dela, mas fêz tal esfôrço que os rostos ao seu redor se voltaram alarmados e ela, sem querer, deixou-se amparar novamente.

Uma voz masculina, grave e forte, falou:

— Será melhor que eu a carregue lá para fora um pouco.

Imediatamente, Katie sentiu-se levar carregada para outro compartimento onde alguém apressadamente arrumou uma fila de cadeiras improvisando uma cama bem pouco cômoda. A chefe desmanchava-se em desculpas para com o cavalheiro que acabara de deitar Katie no leito improvisado e cuja voz reconheceu, para seu maior embaraço, ser a do primeiro ministro.

Foi horrível, embora êle insistisse que não tinha nenhuma importância e que lhe agradava poder ter sido útil e que se precisassem dêle teria o maior prazer em servir, mas a chefe ainda se desculpando disse que não e, agradecida, pediu-lhe que voltasse às cerimônias oficiais.

Enquanto a chefe estêve presente a única defesa de Katie era continuar inconsciente, mas a expressão feroz dos olhos da chefe era tão (Cont. na pág. 45)

MEMÓRIAS DO

Príncipe YUSSUPOFF

CAPÍTULO V

NO dia seguinte, cedo, fomos à Embaixada russa e, de lá, à estação onde tomaríamos um trem para Copenhague. Como nenhum programa de ordem houvesse sido tomado, como era o caso de partida de um Embaixador, ficamos inteiramente à mercê da multidão furiosa e hostil, a lançar-nos pedras em tôda a extensão do caminho. E foi um milagre não nos terem linchado. Vários membros da Embaixada, dentre os quais muitos acompanhados de suas espôsas e filhos, receberam golpes a pau na cabeça. Alguns ficaram feridos e ensangüentados, e outros, com as vestes rôtas, os chapéus rasgados.

Foi com imenso alívio que vimos o trem movimentar-se. Soubemos mais tarde que o enviado do kaiser chegara ao nosso hotel logo após partirmos, e que Guilherme II, ao saber de nossa fuga, dera ordens para que o trem ficasse detido na fronteira. Mas a ordem chegara muito tarde, e atravessamos a fronteira sem nenhuma contrariedade. Quanto ao ajudante-de-campo desafortunado, iria êle expiar seu caiporismo nas trincheiras.

Muito se falou do papel político de Rasputin. Talvez se conheça pouco sua personalidade e a psicologia singular na base de sua escandalosa atuação.

Nascido em 1871, em Pokrowskoie, localidade situada nos confins da Sibéria ocidental, Gregory Efimovitch era filho de um «mujik» alcoólatra, desertor do exército, dado a trampolinagens, compra, venda e troca de cavalos, Efim Novy. Ladrão de cavalos como seu pai, um «varnak», o que é, na Sibéria, a pior injúria. Desde sua mocidade êsse pequenino velhaco fôra apelidado com a alcunha de «Rasputnik» (o dissoluto; o gatuno), de onde veio o seu nome.

Os seus instintos místicos foram postos à tona pela influência de um padre. Seu temperamento brutal e sensual deveria lançar-se, logo depois, para a seita dos Flagelantes ou Khlystis. Os guias dessa seita não queriam mais do que compenetrar-se das virtudes de Cristo e conquistar a comunhão celeste pelo sofrimento e penitência.

Rasputin era suficientemente dotado para receber o «influxo divino». Tinha êle mandado construir em sua residência um pavilhão sem janelas com instalação para banhos de vapor onde êle realizava reuniões misteriosas, sem dúvida no gênero «radenyi», e se entregava à prática de misticismo sádico.

Catequizado por um padre, deixa sua cidade natal. Tinha êle trinta e três anos. Vai a pé, como um peregrino, e visita os principais mosteiros da Sibéria e da Rússia, praticando atos que lhe dessem a reputação de santidade, fazendo penitências terríveis e espetaculares após suas quedas morais monstruosas. Para desenvolver sua vontade e o magnetismo do olhar, impôs a si mesmo privações de faquir. Nos conventos muito estudou nos livros sagrados. A despeito de sua cultura primária, sua prodigiosa memória lhe permitiu decorar textos que êle era incapaz de assimilar, mas que muito lhe serviam não apenas perante os simples, mas, também, quanto aos mais cultos e da própria tsarina formada em filosofia por Oxford.

Em São Petersburgo foi êle recebido no convento de Santo Alexande-Nevsky, pelo padre Jean de Kronstadt, a quem surpreende na sua boa-fé, pensando o sacerdote ver nesse jovem profeta siberiano uma «centelha de Deus».

Essa visita inicial à capital do país abriu àquele camponês malandro e sem escrúpulos, novos horizontes. Voltou à cidade natal, onde conseguiu seus intentos e encheu a bôlsa. De começo freqüentava uma freguesia de terceira ordem; mas, pouco a pouco, conquistou a consideração dos arciprestes e dos «higoumenes», os quais, da mesma forma, viam nêle um pastor marcado pelo «sêlo de Deus».

Enquanto se cobre de prestígio, êsse diabo não perde tempo. Em Tsarvtsine, deflora uma religiosa sob pretexto de a exorcizar. Em Kasan é visto sair de um lupanar, levando diante dêle uma jovem nua, a quem espanca com um cinturão. Em Tobolsk seduziu a piedosa espôsa de um engenheiro, e a impressiona de tal maneira que a desgraçada vai por tôda parte proclamando seu amor e se glorificando de sua vergonha. Que importa! Tudo não é permitido a um «Khlyst»?

Eis o homem que, em 1905, um jovem missionário instruído, mas de uma ingenuidade infantil, apresenta ao arquimandrita Teophane, reitor da Academia teológica de S. Petersburgo e confessor da tsarina. E é êsse honestíssimo e piedoso prelado quem vai recomendá-lo aos meios devotos da capital.

Dentro em pouco conseguiu o profeta siberiano dominar uma parte da sociedade sanpetersburguesa, dada ao ocultismo e a práticas de necromancia. As duas grã-duquesas montenegrinas seriam as primeiras dentre os adeptos de Rasputin, que mais fervorosas se mostravam pela virtudes do «homem de Deus». Foram elas que, já em 1900, introduziram o mago Philippe na côrte russa; foram elas que apresentaram Rasputin ao imperador e à imperatriz. A recomendação do arquimandrita Teophane, desfez os últimos escrúpulos dos soberanos.

«Gregory Efimovitch é um simples. Vossas Majestades muito lucrarão em ouvi-lo, porque é a voz da terra russa que fala por sua bôca. Sei tudo o que censuram nêle. Conheço seus pecados; são numerosos e muitos dêles abomináveis. Mas há nêle uma tal fôrça de contrição e uma fé tão natural na misericórdia celeste, que eu quase garanto sua salvação eterna. Depois de cada arrependimento é tão puro como a criança que acaba de ser purificada pela água batismal. Deus o contempla, evidentemente, com a sua predileção».

UM MUJIK DE GRANDES BOTAS

Com muita clarividência e astúcia, Rasputin evita despir sua roupa de camponês. «E' um mujik de grandes botas que entrou no palácio e vai palmilhando os seus soalhos», diria êle consigo mesmo. Sua ascendência sôbre os soberanos não é devida à adulação. Muito diferente disso, êle lhes fala rudemente, com uma intimidade audaciosa e até trivial, «a voz da terra russa».

Anna Wiruboff, dama de honra e confidente da tsarina, muito cedo se tornou para Rasputin, uma amiga e uma aliada. Já tive ocasião de falar dessa Anna Taneeff, tão desprovida de atrativos, e que foi uma de minhas companheiras de mocidade. Em 1903 tornou-se dama de honra da imperatriz, quatro anos mais tarde desposou o oficial de marinha Wiruboff. O casamento foi celebrado sob grande pompa na capela do grande palácio de Tsarkoie-Selo, e a imperatriz foi madrinha do enlace. Alguns dias antes da cerimônia, quisera a soberana que Anna tivesse uma entrevista com Rasputin. Ao dar-lhe a bênção, disse Rasputin à noiva: «Teu casamento não durará muito, e tu não serás feliz». Essa profecia se realizou.

O jovem par se instala em Tsarskoie-Selo, numa «vila» vizinha ao palácio Alexandre. Wiruboff, ao chegar, uma noite ao seu lar, acha a porta da casa fechada e sabe que a imperatriz e Rasputin estavam com sua mulher. Esperou que saíssem para entrar em casa, e fêz então, com sua espôsa, uma cena violenta, pois que lhe havia proibido terminantemente de receber o «staretz». Disseram mesmo que o militar bateu na mulher. Anna fugiu e foi refugiar-se em casa da imperatriz, pedindo-lhe que a protegesse contra seu marido que, segundo afirmara, queria matá-la. O divórcio foi concedido logo depois.

A Wiburoff não era digna da amizade da imperatriz. Sua intimidade com a soberana lhe valera uma situação privilegiada.

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON



A influência do «staretz» não tarda a estender-se aos meios políticos. Interessados de tôda espécie vão procurá-lo em seus aposentos. Altos funcionários, membros do clero, mulheres perdidas, etc., todo mundo recorre ao seu prestígio.

A funesta cegueira da infeliz imperatriz Alexandra, foi, com tôda a evidência, o trunfo precioso com que Rasputin contou; mas não se disse nunca como se explica isso, e, até certo ponto, o desculpa.

A princesa Alice de Hesse havia entrado na Rússia por detrás de um ataúde. Subiu ao trono sem ter tido tempo de conhecer sua nova pátria e de familiarizar-se com o povo que a chamara para reinar.

A crença mística que ela tinha em sua missão e o ardente desejo de vir em ajuda ao seu espôso, duplamente impressionado com a morte de seu pai e pelas dificuldades do poder, levaram-na a imiscuir-se nos negócios do Estado. Compreendendo que ela não havia conquistado as simpatias do povo russo, e, ainda menos as da côrte e da aristocracia, a jovem soberana cada vez mais se encerrou dentro de si mesma.

Sua conversão à religião ortodoxa havia desenvolvido em seu espírito uma tendência natural para um misticismo exaltado que a faria sofrer a ascendência de um Rasputin, como já havia experimentado, anteriormente, a influência de Papus e Philippe, os magos. Mas é, acima de tudo, a enfermidade do tsarevitch que devia fazer da desgraçada imperatriz um instrumento passivo nas mãos do «homem de Deus».

A pretendida santidade do «staretz» não podia impressionar senão aos que o viam de longe. Os cocheiros de fiacres que o conduziam aos «banias» com mulheres, os garções de restaurantes que o serviam nas suas orgias noturnas, os polícias secretas que o protegiam, sabiam muito bem de quem se tratava. Fàcilmente se pode imaginar como tudo isto pôde ser explorado pelo partido da Revolução.

A Igreja Ortodoxa se agita. Hermogene, bispo de Saratow, se mostra particularmente violento. Em companhia de alguns prelados, entre os quais o frade Heliodoro, antigo companheiro do «staretz», teve com Rasputin uma conferência das mais tempestuosas: — «Maldito!... Sacrílego!... Patife!... Bêsta nojenta!... Víbora do diabo!...» — Por fim lhe cospem na cara. Rasputin procura reagir e profere as mais grosseiras injúrias. O bispo Hermogene, que era um colosso, dá-lhe no crânio com sua cruz peitoral: «Ajoelha-te, miserável!... De joelhos diante das santas imagens... Pede perdão a Deus de tuas canalhices imundas! Jura que não ousarás mais infeccionar com tua presença o palácio do nosso tsar bem-amado.»

Rasputin, suando de mêdo, com o nariz a sangrar, bate nos peitos, gagueja uma oração e jura que cumprirá tudo o que lhe mandarem fazer. Depois, logo que pôde ficar livre, nada mais fêz do que correr a se queixar aos ocupantes de Tsarskoie-Selo. Sua vingança não se fêz esperar: alguns dias mais tarde Hermogene perdia sua sede episcopal e o monje Heliodoro era prêso e encarcerado em um convento-penitenciária. Todavia, Rasputin jamais recebeu o sacerdócio.

(Cont. no próximo número)

O Colar de ESMERALDAS

Conto de **IRENE BATISTA DE CASTRO**

NO Rio de Janeiro, num palacete situado no Cosme Velho, vivia uma família de nome Barroso Rocha, que era composta de um casal e dois filhos: Mário e Otávio.

Mário, o mais velho, era feio, pois tinha o rosto comprido e afinado, bôca pequena, alto, de espáduas estreitas com quadris largos.

Otávio, ao contrário de Mário, era um belo rapaz de vinte e um anos, estatura mediana, trigueiro de feições finas, cabelos castanhos, olhos verdes e corpo de atleta.

Mário ficara por longo tempo afastado de seus pais, porque sendo o querido do seu avô, fôra educado por êle com tôdas as vontades satisfeitas; não gostava de estudar, de modo que o seu avô ensinou-o a ler, escrever, contar e deixou-o fazer o que quisesse.

Otávio, vivendo sempre ao lado de seus pais, recebera educação de mestres abalizados, vivia lendo, era muito viajado, falada inglês correntemente e, além de ser belo, era uma criatura de extraordinária simpatia.

No dia 24 de dezembro de 1946, às 18 horas, a casa da Rua Cosme Velho estava feèricamente iluminada; festejava-se o casamento de Mário, que não era por seu pai olhado com muita simpatia, em virtude de Mário ser comerciário, ganhar pouco e casar-se com moça de poucos recursos.

O casamento realizou-se na sala de recepções do senhor Barroso, foram padrinhos os pais de Mário e os pais da moça. Depois da realização do ato, os noivos foram gozar a lua-de-mel em Petrópolis e vieram para o Rio, morar com o dr. Barroso, em virtude de não terem encontrado apartamento.

Em casa de seus pais, Mário ocupava o antigo quarto de solteiro, vivia aborrecido porque a sua vida tornara-se muito difícil, sua espôsa gostava de confôrto e êle não tinha meios para satisfazê-la; desgostoso, procurava um jeito de aumentar seus rendimentos; como não tinha recursos, resolveu ingressar na política.

No princípio, sua espôsa não levava a mal o que êle fazia, tinha pena dêle por causa do excesso de trabalho que estava tendo, mas, por fim, dona Alzira começou a ter ciúmes de Mário, e brigas horrorosas se faziam. Dona Guiomar e o dr. Barroso acudiam, só Otávio não se envolvia.

Um dia, dona Alzira, não agüentando mais os maus tratos de Mário, partiu para a casa de seus pais em Vitória.

O dr. Barroso, desgostoso com a situação, resolveu empreender uma viagem ao estrangeiro, em companhia de sua espôsa, deixou Mário e Otávio tomando conta da casa.

Como o desejo de Mário era ficar dono absoluto do Palacete da rua Cosme Velho, logo que seus pais saíram, brigou com o irmão; Otávio ficou indignado, telefonou para uma pensão na rua do Catete e encomendou um quarto.

Mário ao ver-se sòzinho em casa, ficou radiante, pois ficara dono absoluto de tudo; fazia farras diàriamente, e freqüentando um «dancing» na Avenida Mem de Sá, conheceu uma bailarina, de nome Lia, de quem se fêz amante.

Lia era de extraordinária formosura, e vivia da exploração dos seus dotes físicos; sendo amiga do luxo, ela explorava os incautos o mais que podia. Quando conheceu Mário, achou que êle estava em condições de satisfazer as suas vontades; com o seu corpo e a sua lábia, ela seduziu-o a tal ponto, que êle não enxergava mais nada a não ser ela; por um beijo de Lia, êle era capaz de vender a própria alma.

Um dia, tomando chá na Brasileira, Lia conheceu um magnata, por quem teve viva simpatia; êste, depois de manter com ela um grande «flirt», convidou-a para a «boite» Casa Blanca.

Lia, que raramente recebia dêsses convites, mormente partindo de magnatas, sentiu-se muitíssimo honrada, aceitando-o satisfeita e, para captar a simpatia de tão ilustre criatura, comprou um magnífico vestido de cetim verde-pistache e pediu a Mário que lhe arranjasse o colar de esmeraldas que êle lhe dissera que sua mãe tinha guardado dentro do cofre em sua casa.

Mário não aceitou essa idéia. Disse-lhe que não podia fazer isso, porque sua mãe tinha ciúmes das suas jóias.

— Emprestado só, Mário, eu to devolverei assim que vier da festa — disse ela.

— Não Lia, não é possível! O que me pedes é de mais.

— Não é de mais quando se ama.

— Eu te amo muito, Lia, mas não é possível fazer isso.

Lia, com raiva, replicou:

— Pois se não o fizeres, não apareças aqui, porque de mim não terás nada.

Dizendo isso, mandou Mário embora e fechou a porta do quarto a chave.

Mário estava louco por Lia. Três vêzes tinha ido à casa dela, e ela não lhe abrira a porta. Havia uma semana que não se falavam, desesperado, Mário passava as noites em claro.

Um dia, Mário, não agüentando mais de saudades de Lia, abriu o cofre da sua mãe e tirou o colar de esmeraldas para emprestar a ela.

Com o colar na mão e a fisionomia transtornada pelo desejo, Mário andava pela rua como um louco até à

(Cont. na pág. 45)

Ilustração de **JERONYMO RIBEIRO**



Espantoso e horrível...

UMA "SUPERBOMBA" SÓ DESTRUIRIA O RIO DE JANEIRO E FARIA POEIRA DO PÃO DE AÇÚCAR ★ O SÁBIO COSTA RIBEIRO FALA DAS POSSIBILIDADES DESTRUIDORAS DA BOMBA DE HIDROGÊNIO ★ A RÚSSIA POSSUIRÁ O SEGRÊDO? ★ O CORONEL ORLANDO RANGEL, CIENTISTA BRASILEIRO, QUE ASSISTIU ÀS EXPERIÊNCIAS DA BOMBA ATÔMICA, NO ATOLL DE BIKINI, FAZ UM PARALELO ENTRE ESTA E A BOMBA DE HIDROGÊNIO ★ O MONSTRO INCONTROLÁVEL

Reportagem de **OROMAR TERRA**

A primeira manifestação pública de interêsse oficial dos Estados Unidos na «Bomba de Hidrogênio» ou «Superbomba» teve lugar em novembro de 1949, por indiscrição do senador Edwin Johnson, membro da Comissão de Energia Atômica do Congresso Americano. No mês seguinte, a imprensa debateu o assunto, precipitando uma discussão pública generalizada sôbre a bomba de hidrogênio, como ficou logo conhecido o novo engenho bélico. Daí para cá, não mais se deixou de falar na sucessora da bomba-atômica, até que, agora, a 1º de novembro, os Estados Unidos fizeram explodir, finalmente, em Eniwetok, a primeira bomba de hidrogênio e anunciaram, logo depois, essa explosão, forçados pela indiscrição de alguns militares que estiveram presentes às «experiências termo-nucleares», como preferiram denominar a explosão da bomba H.

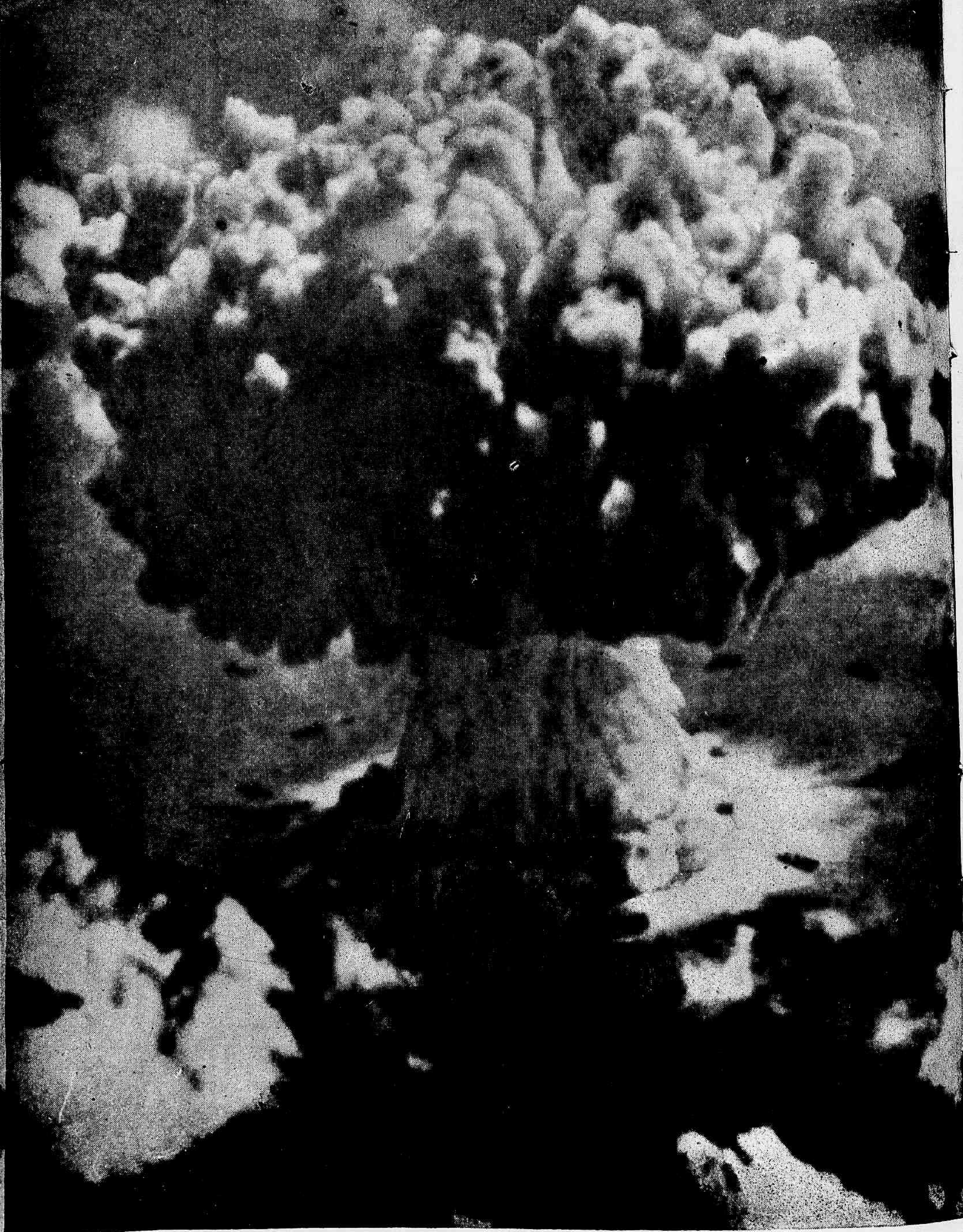
Os fundamentos teóricos dêsse novo tipo de bomba nuclear já eram conhecidos muito antes do alvorecer da idade atômica e voltaram a ser abordados depois da espetacular liberação explosiva da energia intranuclear, em agôsto de 1945. No ano seguinte, o professor Gamow, da George Washington University, calculou a energia da reação termo-nuclear de fusão de 2 átomos de deutério, salientando o seu tremendo poder destruidor. No mesmo ano de 1946, o físico austríaco Hans Thirring publicava o seu livro «Die Geshichte der Atombombe», no qual destinava um capítulo inteiro à teoria da bomba termo-nuclear de

O técnico militar, coronel Orlando Rangel, que assistiu às experiências da bomba-atômica em Bikini. Já escreveu uma monografia sôbre a bomba de hidrogênio, de que nos valhemos para esta reportagem, e realizou para nós os cálculos da destruição do Rio pela detonação de uma só Bomba H. À direita: instantâneo tirado durante uma das últimas explosões experimentais da bomba-atômica, em Las Vegas.

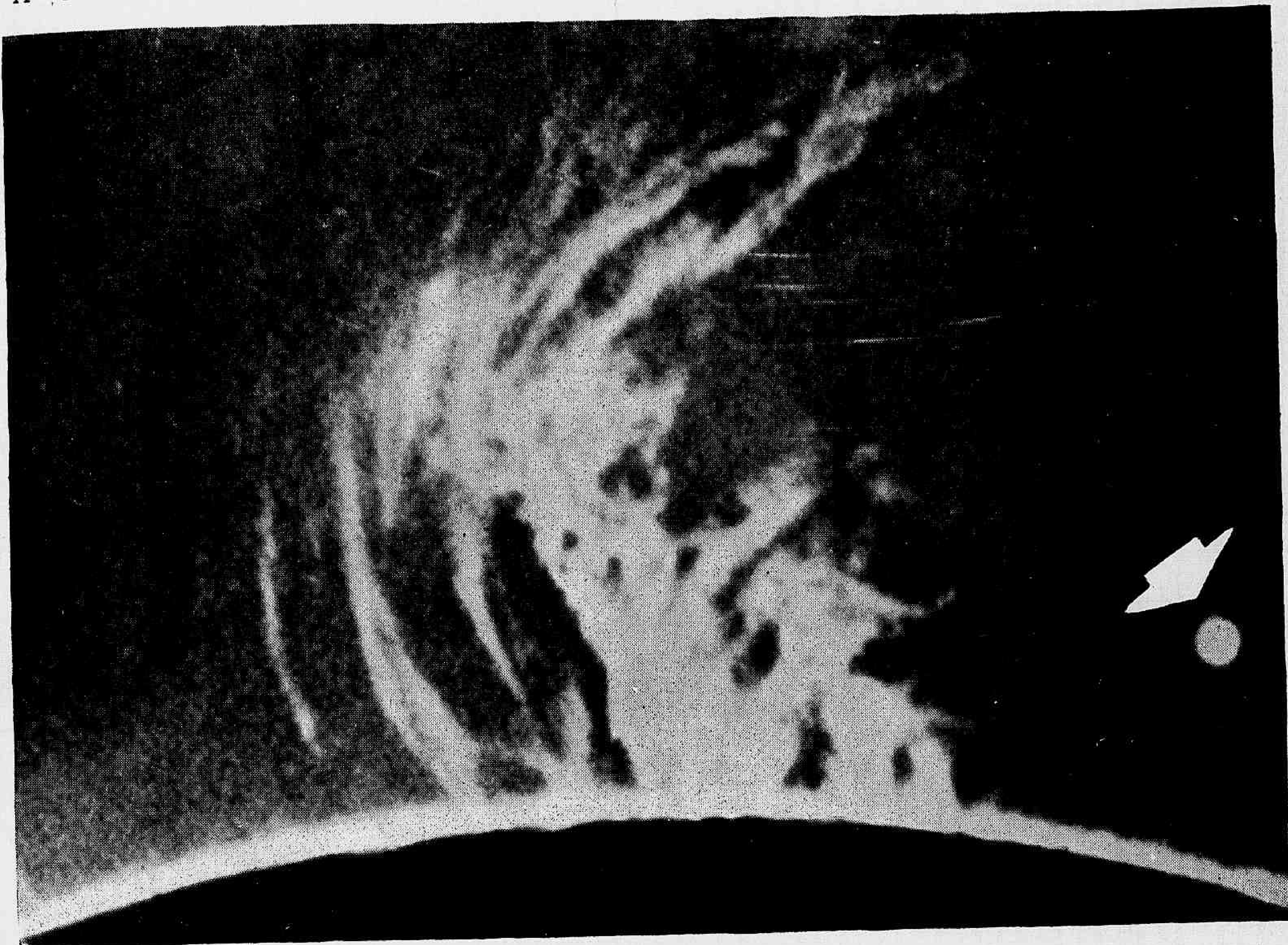




A BOMBA ATÔMICA ESPOLÊTA DA BOMBA DE HIDROGÊNIO



EXPLOSÃO ATÔMICA DE BIKINI — Foi uma coisa gigantesca. Basta observar-se os couraçados para se avaliar as proporções da tremenda explosão.



AS PROTUBERÂNCIAS SOLARES — A parte preta é um segmento do sol e compare-se as explosões, equivalentes às de H, com a Terra (assinalada).

hidrogênio, chamada superbomba. Nas revistas de caráter científico o assunto não foi publicado amplamente e houve, mesmo, uma voluntária censura dos cientistas norte-americanos para qualquer discussão pública sôbre a bomba de hidrogênio.

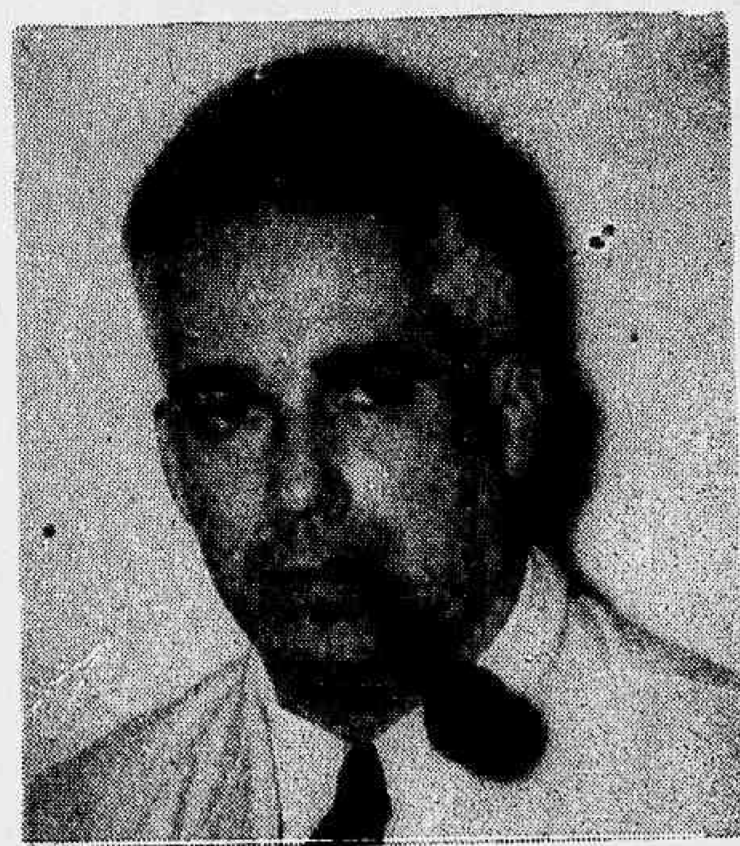
EXPLODIU, FINALMENTE, A PRIMEIRA BOMBA H

Enquanto o silêncio que pairava sôbre os estudos norte-americanos acêrca da bomba fazia crer que o assunto estava em semi-ouvido, eis que a indiscrição de alguns membros da Fôrça Especial obriga a Comisão de Energia Atômica a, de um momento para outro, distribuir um comunicado oficial sôbre a matéria, sendo obrigada a confessar, embora em têrmos velados, a explosão da primeira bomba de hidrogênio na Terra. Os militares haviam escrito várias cartas comprometedoras a seus parentes, e o sr. Gordon Dean, presidente da Comissão de Energia Atômica e que não faz muito estêve no Brasil, viu-se na contingência de se manifestar a respeito das «experiências termo-nucleares de Eniwetok».

Já agora não há mais dúvidas de que a famosa «Bomba H», «Superbomba» ou «Bomba de Hidrogênio» é uma arma de que dispõem os Estados Unidos, muito embora as notícias que nos cheguem daquele país sôbre a mesma sejam mínimas.

A bomba atômica comparada com a de Hidrogênio

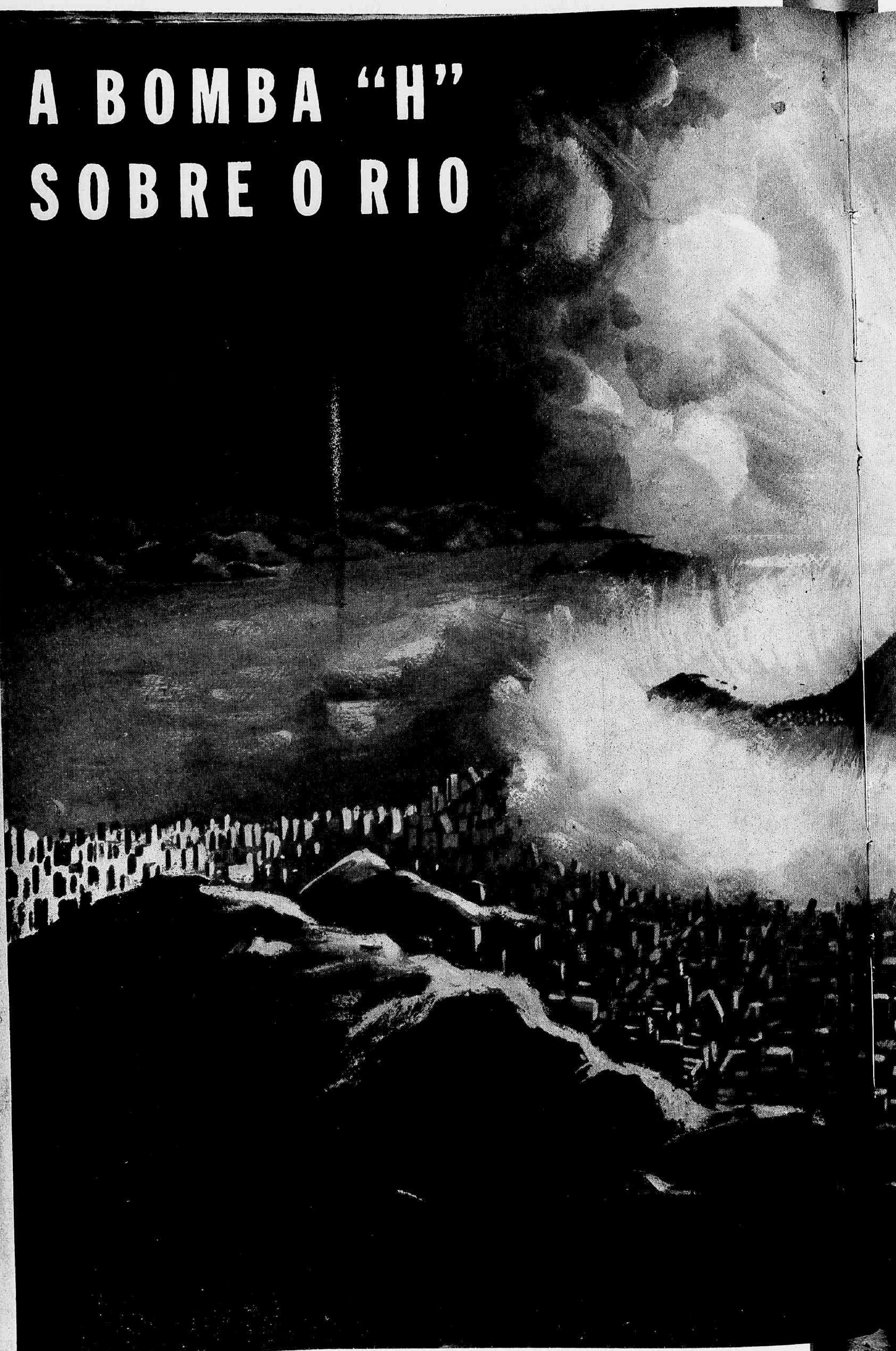
A gravura à esquerda é uma fotografia da explosão de uma bomba atômica de urânio, nas experiências de Bikini (25 de julho de 1946). É uma das mais espetaculares manifestações da liberação da energia atômica já realizadas na superfície da terra e o tamanho dos navios de guerra que aparecem na figura dá bem uma idéia das gigantescas proporções do fenômeno. A gravura acima é uma fotografia de uma protuberância solar de cêrca de 225.000 quilômetros de altura, obtida com os instrumentos do Observatório de Mount Wilson. O pequenino disco, à direita, representa, na mesma escala, o tamanho do globo terrestre. As protuberâncias termo-nucleares, ou seja, as reações de tipo semelhante às que são empregadas na bomba de hidrogênio. Por aí se vê a nova escala de valores em que penetra a ciência moderna, com produções artificiais...



Prof. Costa Ribeiro, sábio da física brasileira, diretor científico do Conselho N. de Pesquisas, que faz sensacional resumo das enormes possibilidades destruidoras da nova arma de guerra experimentada recentemente em Eniwetok.

xplosão.

A BOMBA "H" SOBRE O RIO





A BOMBA «H» SÔBRE O RIO! sendo obra de pura imaginação do artista, que pintou o momento tenebroso em que cairia sôbre o nosso Pão de Açúcar uma poderosíssima bomba de hidrogénio, é, entretanto, calcada sôbre dados positivos e científicos relativos ao poder tremendamente destruidor dêsse horrível engenho de guerra, que os Estados Unidos acabam de anunciar, pela palavra do presidente Truman, haver conseguido construir e feito deflagrar a primeira.

● No texto desta reportagem encontra-se a indagação ansiosa do repórter ao cientista patrício sôbre se uma dessas bombas poderia destruir o Pão de Açúcar e a resposta positiva do sábio brasileiro: sim, uma dessas bombas, de alto poder, reduziria a poeira o Pão de Açúcar. O artista passou para o papel o maravilhoso panorama do Rio de Janeiro, no momento preciso em que a bomba H teria caído e na fração de segundo em que o bloco granítico que emoldura a entrada de nossa Guanabara, recebeu o impacto e está concomitantemente explódindo.

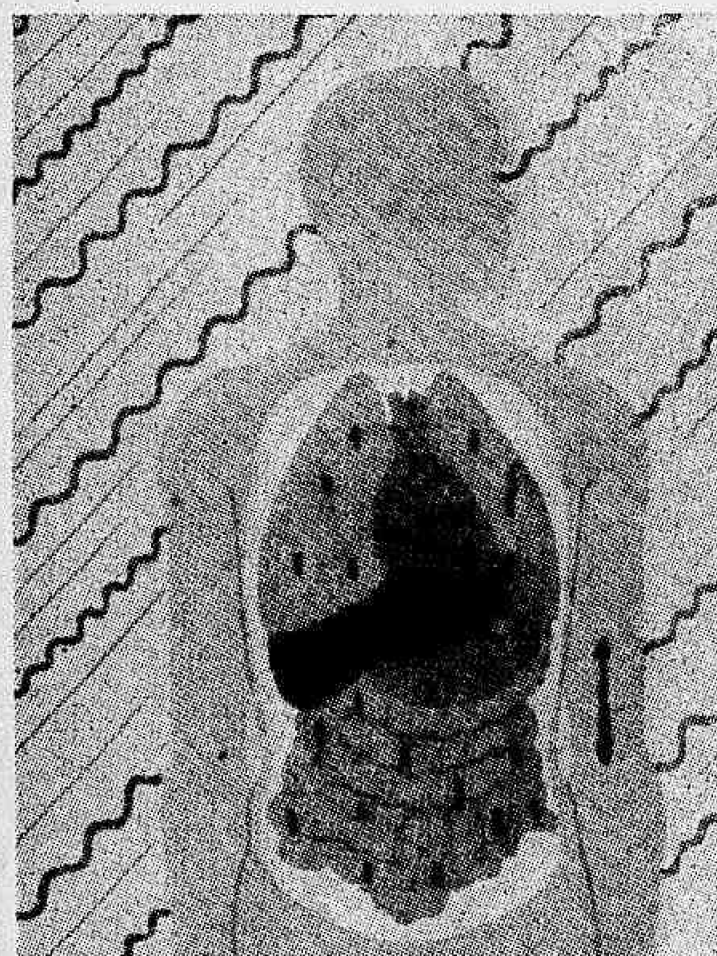
● Note-se em volta o mar se levantando. Em segundos a cidade inteira seria reduzida a um montão de ruínas. Dessa desgraça, como de tôdas sòmente a clemência do Cristo Redentor poderá salvar a Humanidade, conduzindo para fins pacíficos tão grande descoberta



O CALOR e os raios ultravioletas de uma bomba atômica marcam indelèvelmente a pele de suas vítimas. Os suspensórios deixaram seus traços.



O SOL, UM MILHÃO DE VÊZES MAIOR QUE A TERRA, vive e se alimenta de explosões nucleares. Aqui vemos, na parte negra da gravura, um pequeno segmento do grande globo que é



OS RAIOS GAMA e partículas atômicas penetram as paredes do corpo e danificam os centros produtivos do sangue destruindo a resistência.

EXPLICA O PROF. COSTA RIBEIRO O QUE E' A BOMBA DE HIDROGÊNIO

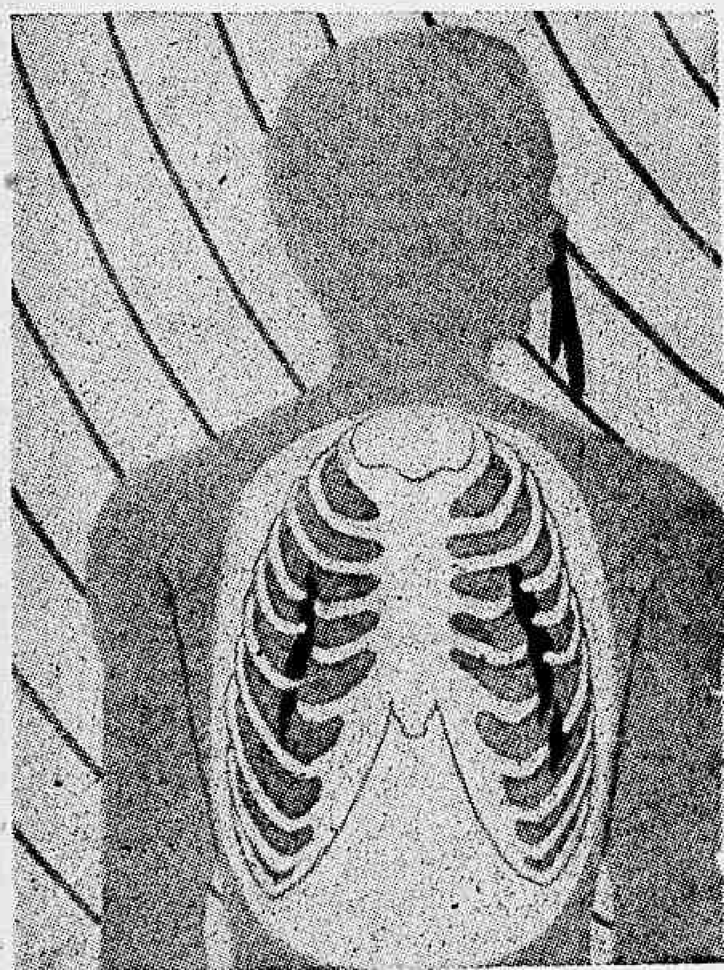
A nova e espetacular arma de guerra que se acha nas mãos dos Estados Unidos é, também, uma bomba atômica, diferindo da de urânio, principalmente, pelo processo empregado para a liberação da energia armazenada no núcleo atômico. Enquanto a bomba-atômica de urânio ou plutônio é conseguida pelo processo de **fissão** ou **cisão**, a bomba de hidrogênio obtém-se pela **fusão** de núcleos de elementos leves, para a formação do elemento mais pesado.

Mas deixemos que fale sôbre o terrível invento o Professor Joaquim Costa Ribeiro, diretor científico do Conselho Nacional de Pesquisas e a maior autoridade no Brasil sôbre o assunto, que nos apresenta um minucioso estudo da energia nuclear, desde a «pilha atômica» até à bomba de hidrogênio.

E' o seguinte o depoimento do sábio brasileiro à REVISTA DA SEMANA:

— «O anunciado êxito das experiências levadas a efeito recentemente pela Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos em Eniwetok representa a conquista de mais um degrau no progresso das pesquisas físicas no campo da energia nuclear.

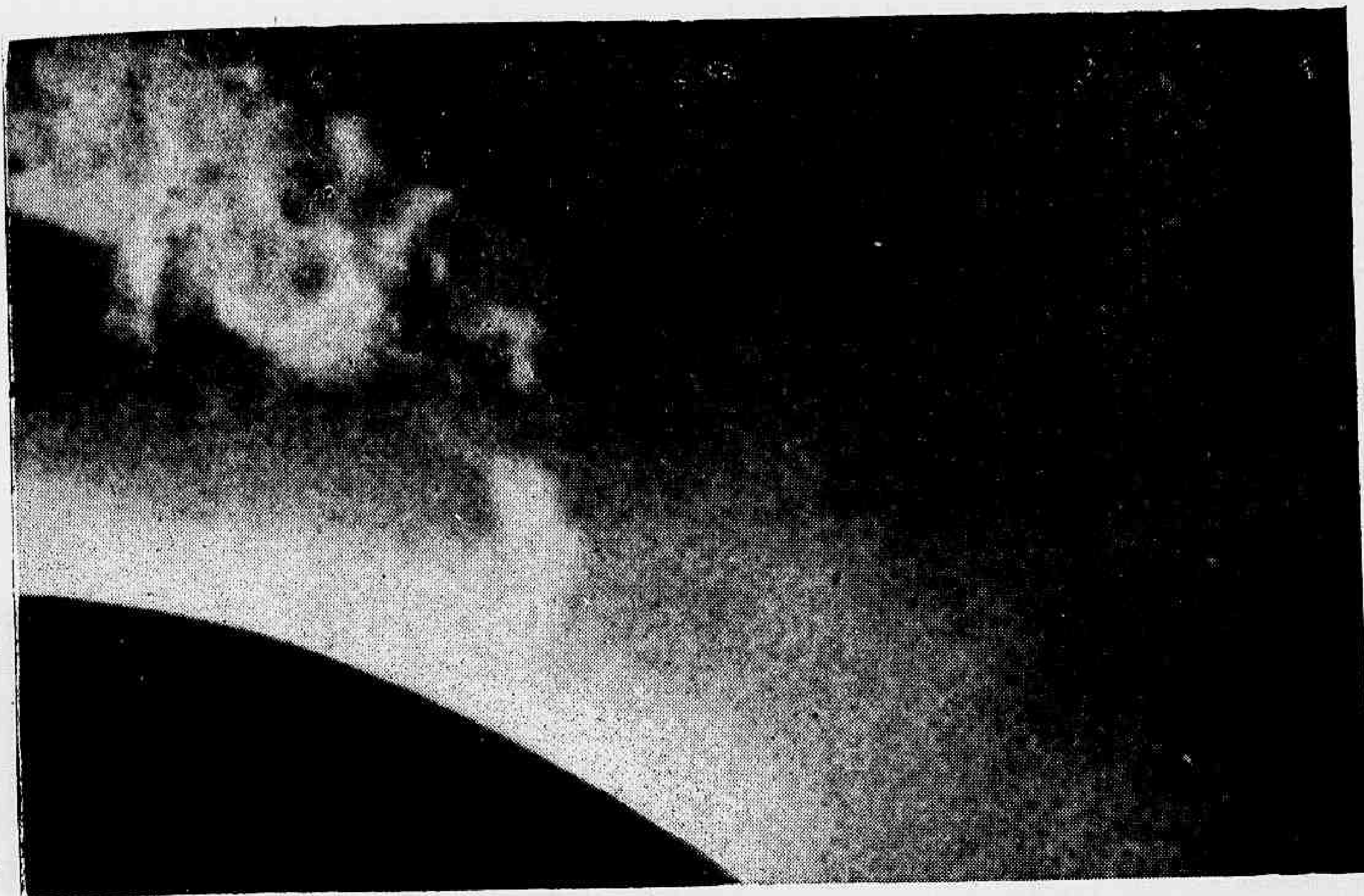
Desde que, em 1942, foi realizada a primeira verificação experimental da possibilidade de libertação da energia atômica com o funcionamento da primeira pilha atômica de Chicago, baseada no processo de fissão nuclear do urânio, os progressos que se verificaram nesse domínio foram extraordiná-



O CHOQUE das ondas, transmitido pelo ar, faz pressão sôbre as costelas, causando hemorragias pelos olhos e pelo nariz e ruptura de vasos.



PROTUBERÂNCIAS SOLARES — Algumas dessas chamas têm quatrocentos mil quilômetros de altura. Os astrônomos têm fotografado o sol, que para êles já não tem segrêdo algum.



o centro de nosso sistema planetário e as chamas imensas que saem de suas protuberâncias. O destino da humanidade depende em tudo do que possa acontecer ali num futuro próximo.

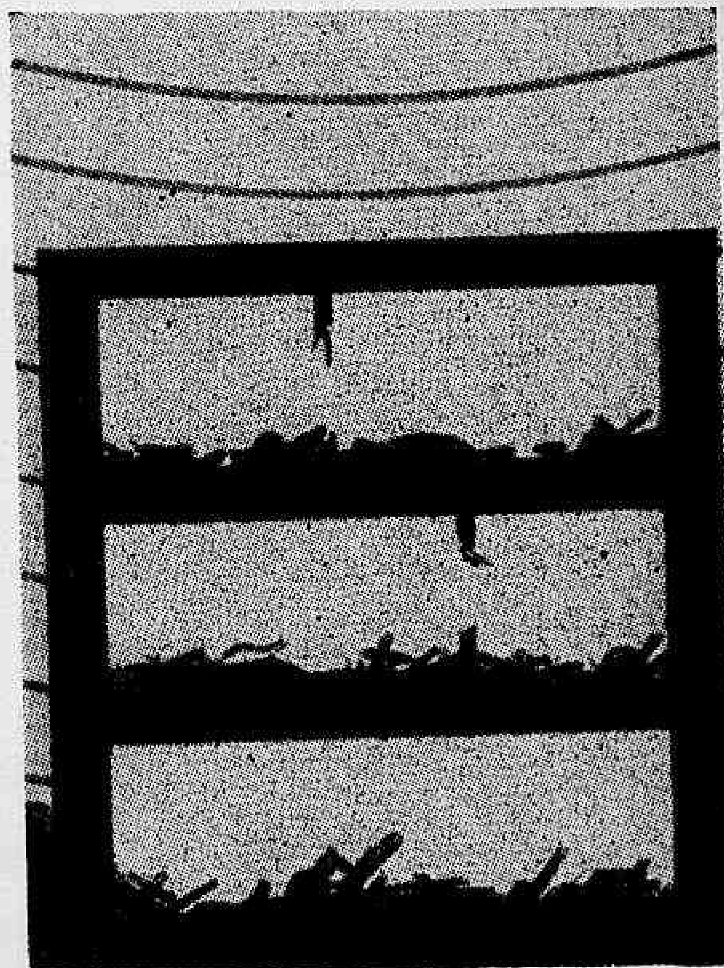


O PODER das explosões atômicas era tal que esta casa foi esmagada só com o deslocamento do ar, cuja onda chega a 2.000 m. Em Nagasaki.

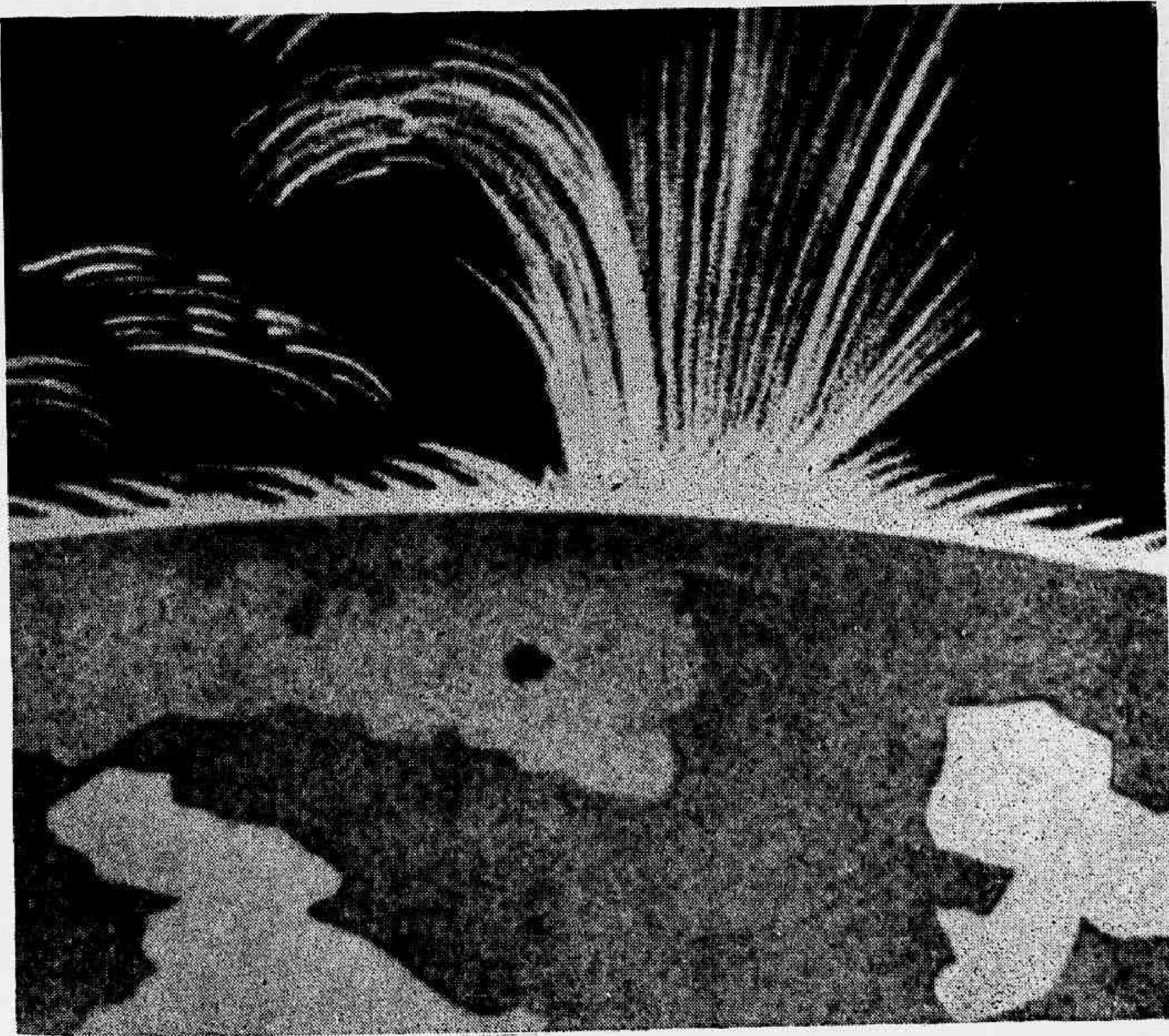
rios. E' interessante salientar a coincidência de que justamente nas vésperas da comemoração do primeiro decênio do funcionamento daquela pilha possa ser registrado mais um grande passo na conquista da energia nuclear.

A ENERGIA ATÔMICA EMPREGADA PARA O BEM

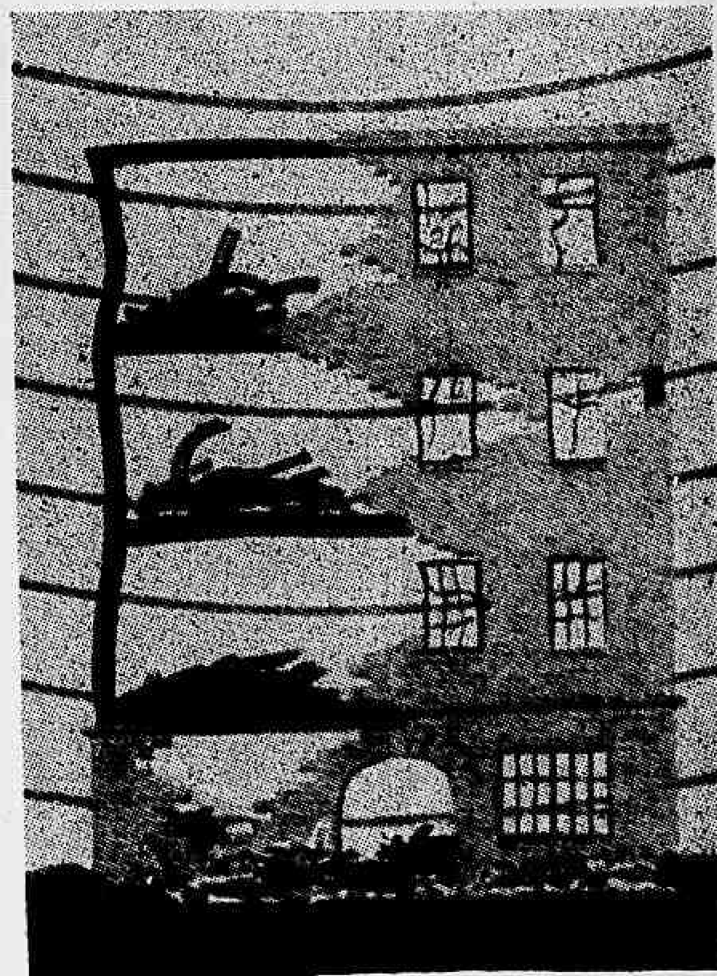
Até agora, tôdas as pilhas atômicas, construídas nos Estados Unidos, no Canadá, na Inglaterra, na França, e nos países escandinavos, representam tipos mais ou menos aperfeiçoados da pilha primitiva de Chicago, pois tôdas elas utilizam o processo da fissão nuclear do urânio, ou seja, a desintegração, por meio de neutrons, do núcleo atômico do urânio, com a formação de núcleos mais leves e produção simultânea de grande quantidade de energia e de novos neutrons, capazes de propagar a fissão sob a forma de uma reação em cadeia. Nessas pilhas, a reação em cadeia é controlada de modo que se pode obter uma produção gradual de energia e um fluxo de neutrons perfeitamente regularizado, que é, então, utilizado para a produção de elementos radioativos artificiais (os chamados radioisótopos) de inúmeras aplicações nas pesquisas físico-químicas, nas pesquisas tecnológicas, nas investigações biológicas e até mesmo na terapêutica, em substituição às antigas fontes de rádio. Além dêsses radioisótopos, uma pilha atômica produz, também, plutônio, isto é, um novo elemento químico, transuraniano, que pode ser igualmente utilizado no processo de fissão nuclear.



O CIMENTO armado vira sorvete só com a pressão, à distância, da explosão atômica. Imagina-se que, com a de hidrogênio, possa de volatizar.



NÃO E' FOGO DE ARTIFICIO, mas fogo de verdade, protuberâncias do Sol, esta, como a outra que é vista aqui junta, e que são denominadas pelos sábios de protuberâncias eruptivas.



ESTRUTURAS DE AÇO se retorcem só com a pressão e as paredes voam pelos ares. Conforme a distância, as criaturas até se volatilizam.



Sofia Portela, lente da Escola de Engenharia, a mulher-sábia da Eletrônica brasileira. Estêve nos EE. UU. e nos declarou: «Não acredito que a Rússia possua a Bomba H». O aparelho mostrado ao repórter é o «Detector», que se destina a acusar a presença de substâncias radioativas no solo.

DA BOMBA-ATÔMICA À BOMBA H

As bombas atômicas, até agora construídas, tanto as de urânio (U 235), como as de plutônio, utilizam o mesmo processo de fissão nuclear, com a diferença, porém, de que, no caso das bombas, a reação não é controlada, assumindo caráter de uma explosão, com a produção instantânea de enormes quantidades de energia.

Além dessa energia, que determina uma violentíssima onda de choque de efeitos altamente destrutivos, há, simultâneamente, irradiação intensíssima de calor, devido às altas temperaturas (da ordem de milhões de graus) que resultam da explosão nuclear. Essa onda de calor tem efeitos incendiários, que se estendem num raio muito amplo, além de produzirem tôda a sorte de queimaduras, mais ou menos graves, conforme a distância ao centro da explosão. Um terceiro efeito que acompanha as bombas atômicas acima descritas é o que resulta da produção de elementos radioativos artificiais, que, sob a forma de gases ou poeiras radioativas, contaminam o local onde se deu a explosão, a atmosfera e a água, oferecendo grande perigo durante um tempo mais ou menos longo, até que êsses radioelementos (de vida média relativamente curta) desapareçam, pràticamente, por completo.

A SUPERBOMBA IMITA O SOL E AS ESTRÊLAS

Desde o início das experiências atômicas, os pesquisadores em todo o mundo tinham a sua atenção voltada para o problema da produção de energia atômica baseada num processo totalmente diverso do processo de fissão do urânio e de outros elementos pesados, ou seja, numa reação nuclear utilizando núcleos de elementos leves, combinando-se entre si para formar núcleos mais complexos. Os estudos de astro-física haviam mostrado (sobretudo depois dos trabalhos do físico Bethe) que a energia das estrêlas e do sol tem sua origem em processos dessa natureza. Um exemplo espetacular de explosões oriundas de reações termo-nucleares nos é oferecido pelas chamadas «protuberâncias solares», que hoje podem ser fotografadas e até cinematografadas por meio do aparelho denominado «coronógrafo». Teòricamente, pôde-se verificar a possibilidade de obter tais reações desde que os núcleos dos elementos leves (como, por exemplo, o hidrogênio, deutério, o trício, etc.) fôssem submetidos a temperaturas extremamente elevadas (da ordem de milhões de graus), como as que existem no interior das estrêlas.

Essas reações, chamadas termo-nucleares, produzem, por sua vez, grande quantidade de calor, permitindo, assim, a manutenção das elevadas temperaturas que as entretêm. Dentre êsses núcleos mais leves a que nos referimos, podemos distinguir o hidrogênio (cujo núcleo é constituído apenas por um próton), o deutério (isótopo do hidrogênio, cujo núcleo é constituído por um próton e um nêutron) e o trício (outro isótopo do hidrogênio, cujo núcleo é constituído por dois nêutrons e um próton).

(Cont. na pág. 45)



Dr. R. Oppenheimer, diretor do Laboratório de Los Alamos, New Mexico, onde foi fabricada a bomba-atômica. A despeito da insistência dos jornalistas, recusou-se a fazer declarações mais detalhadas a respeito da Bomba H, frisando ter de respeitar as medidas do govêrno para manter em segrêdo os estudos nucleares.



Enrico Fermi, italiano de nascimento, naturalizado americano, foi o homem que dirigiu as experiências para o funcionamento da primeira pilha atômica, inaugurando a idade atômica, em 2 de dezembro de 1942. Agora, instado, referiu, apenas, que o comunicado da C.E.A. indica «que ocorreu uma explosão tremenda».

Moda Modelos e Manequins



(Canadá de Luxe)

jeanne lafaurie

A moda é uma grande arte, sem dúvida, mas como visa fins comerciais seus criadores usam, às vêzes, para chamar atenção, de recursos que a diminuem. Não os costureiros que verdadeiramente a ditam, no entanto — êsses fazem primar seus modelos por um equilíbrio freqüentemente atingido numa simplicidade que é a depuração máxima da beleza. Para lançar tais modelos são escolhidos e treinados manequins excepcionais. E', sem dúvida índice de requinte de uma capital contar com um bom corpo de manequins.



(Canadá de Luxe)

jean dessès

jean dessès

O Rio de Janeiro não fica devendo nada a nenhuma das grandes cidades do mundo pela representação dos seus manequins. Os vestidos exibidos nestas páginas pelo grupo de uma reputada casa de modas dá bem a prova do que dizemos.
Essas moças que aí estão escolheram uma profissão árdua para ganhar a vida, sendo entretanto aquinhoadas pelas qualidades que fazem a fragilidade da mulher: graça e beleza.
Enfrentando longas horas de trabalho com uma bravura própria da mocidade e da saúde perfeita, denotam ainda uma alta evolução espiritual pela paciência e desprendimento com que se prestam ao jôgo da freguesia para melhor valorizarem a mercadoria, por cujo sucesso de colocação são, em grande parte, responsáveis.
Em geral são moças de ambição louvável e honesta, idealistas mesmo como devem ser os jovens, que fazem planos para o futuro, fora ou ao lado do seu «métier».
Façamos uma sumária apresentação de cada uma:
Vânia, a perfeita, tem muita escola

(Canadá de Luxe)





(Canadá de Luxe)

e um tipo que se presta a todos os caprichos da moda — conquistou um tal domínio da profissão que é natural que já pense mais nela como um fim e não um meio

Ara, a heráldica, confere nobreza e classe ao que usa. Cortou recentemente os lindos cabelos, sôbre os quais tão bem ficam os grandes chapéus.
Helga, figurinha escultural, com contrôle e graça de movimentos desenvolvidos pela sua arte de bailarina, irradiando uma aura de acentuada espiritualidade.
Ilka, a formosa, graciosa nos vestidinhos esportivos mais simples e magnífica nos modelos de noite.
Monique, **jeune-fille** incomparável, que tão bem sabe rodopiar envôlta nos «tulles» e «mousselines».
Patrícia, beleza de pintor, que, por motivos indecifráveis, trocou por êste nome de repercussões fraternas o outro tão sonoro, o seu verdadeiro,



(Canadá de Luxe)

lucille manguin

consideram excepcionais. O público, êsse sim, se extasia diante delas como diante de sêres raríssimos, e sabemos de muitas senhoras que se surpreenderam de saber que essas bonecas comem feijão e arroz — eu gostaria de lhes contar que minha avó, que era mais nutrida do que de desejar, desprezava tão grosseiros alimentos e fazia farto uso de morangos, «glacés» e **pétalas** de violeta cristalizada.

que lhe havia dado um reinado de verão. E Nicole que, com a autoridade de uma grande sedução feminina, empresta personalidade ao que veste. São tôdas, se bem que extraordinàriamente belas, moças simples que amam as coisas comuns e têm preferências que coincidem com as de muita gente. Ilka é artista de cinema e nisso põe um grande ideal, Helga é bailarina clássica, outras gostam da boa literatura, outras visam um lugar de mérito no teatro, mas agem tôdas normalmente, como criaturas que não se



(Canadá de Luxe)



A VIDA de NOEL ROSA

Contada por ALMIRANTE



CAPÍTULO IX

AINDA VIAGENS ★ PERDIDOS NA ESTRADA ★ DECEPÇÃO DE UMA PLATÉIA ★ CARTA COMOVEDORA ★ ATREVIMENTO INAUDITO ★ CAUSAS DA MOLÉSTIA ★ PERMANÊNCIA EM BELO HORIZONTE ★ RONDANTE DO BARULHO

DUAS vêzes estêve Noel Rosa em Friburgo.

A primeira, em abril de 1932, e a segunda, aí por agôsto de 1936.

Paulo Neto, nosso companheiro, por sugestão de parentes que residiam naquela cidade, imaginou exibir ali o «Bando de Tangarás», num espetáculo no Cine Teatro Leal. Tudo acertado para o dia 14 de abril de 1932, daqui partimos, na véspera, de automóvel: eu, Noel Rosa, Alvinho, Henrique Brito e outros.

Uma viagem de automóvel a Friburgo, hoje em dia, será das mais corriqueiras, mas, há 20 anos, era aventura temerária, cujas conseqüências não sabíamos avaliar.

Na realidade, não foi mero espírito de excursionismo o que nos levou a realizar tal proeza. O fato é que tantos foram os «adendos» que se filiaram, imediatamente, à caravana, que o dinheiro de todos reunido não daria sequer para as passagens de trem. E então, entre diminuir a «turba» e aceitar o afoito oferecimento de um motorista de praça, nosso velho amigo, o Reinaldo Barbosa — hoje, aliás, alto funcionário da Câmara de Vereadores — o último alvitre encontrou acolhida sem restrições — já porque «safava a onça», já porque nos oferecia o prazer de um passeio raro.



Na Praça São Salvador, em Campos, a 25 de Março de 1934, Russo do Pandeiro, Grijó Sobrinho e Macrino posam para a posteridade. Russo foi depois à América, enriqueceu e possui hoje uma emprêsa de gravações. Grijó continua como artista, agora na televisão. Macrino morreu.

Infelizmente, até o próprio motorista desconhecia, por completo, o trajeto a seguir e nós, partindo desta Capital às 4 da madrugada, às 22 horas da noite seguinte, depois de viagem acidentada e aflitiva, nos achávamos perdidos, em estrada desconhecida, com séria avaria no carro e sem a menor possibilidade de socorro imediato.

E o espetáculo, em Friburgo, deveria ter tido início naquela noite, às 21 horas...

Lá pela meia noite, fomos recolhidos por um providencial caminhão que por ali trafegava e que nos transportou a Friburgo, onde chegamos ainda a tempo de ouvir, de noctívagos, na Praça, comentários sôbre a péssima impressão causada por nossa falta, sem o menor aviso, fato êsse que obrigara o proprietário do cinema a devolver os ingressos a uma assistência irritada pela desconsideração dos artistas anunciados.

No dia seguinte, sexta-feira, procuramos, por todos os meios, justificar nossa ausência, na véspera. Inse-

Minha bôa Mãesinha.
Chegamos bem.
Estou levantando cêdo e tenho tido fome na hora das refeições.
O Noël tambem tem comido muito bem.
Hoje eu passeei com o Noël de automovel para conhecer a cidade.
De tarde, eu andei de bicycleta.
E o Keca? Já sahiu da Empreza?
Seu Thomé tem usado a cartolinha?
Nosso Hotel é muito bom mas tambem é um pouco caro. Tivemos que aguentar com o preço porque os outros Hoteis estão cheios.
Estamos pagando 24$000 por dia porque pagamos dez dias adeantado. O dono do Hotel tinha pedido 30$000 mas o Noël resolveu fazer como fallei, isto é pagar adeantado

Aqui é muito fresco. Não faz calor como ahi no Rio.
O Noël tem passado muito bem: não tem tosse nem falta de ar.
Hoje nós compramos um mamão grande por 300 reis.
As verduras e as fructas aqui, são muito baratas.
Brevemente escreverei dando mais noticias.
Dê um abraço no Seu Thomé e no Keca.
Aceite um beijo da sua filha
Linda

N.B. – O Noël manda muitas lembranças para a Sra, Seu Thomé e para o Keca.

NOEL ESCREVE FINGINDO QUE ERA A PRÓPRIA ESPÔSA — «Fac-simile» da carta da letra inconfundível de Noel Rosa, fingindo que era Lindaura, sua espôsa, quem escrevia. Tudo aí é adorável, inclusive aquela coisa extraordinária: «Hoje nós compramos um mamão grande por 300 réis».

rimos notícia no periódico local e fizemos distribuir impressos, de porta em porta. Entretanto, não alcançamos integralmente nossa reabilitação e a prova é que, o Teatro que na noite anterior se achava repleto, na seguinte se mostrava pelo meio. O que apuramos não chegou para pagamento da conta do hotel e muito menos para o consêrto do automóvel danificado.

Apressadamente, anunciamos para a segunda-feira imediata, uma audição a ser realizada no Clube de Xadrez, e ali o «Bando de Tangarás» teve oportunidade de evidenciar quanto era justa a fama que o cercava. E o público que, a rigor, não se achava perfeitamente inteirado das razões de nossa ausência ao primeiro espetáculo, veio, afinal, a conhecer tôdas as agruras por que passáramos, através dos inúmeros versos improvisados pelo Noel, onde se descreviam, com graça e exatidão, tôdas as nossas peripécias.

Pena se tenha perdido tal versalhada, que seria excelente prova do gênio improvisador do filósofo do samba.

Aliás, tal faculdade de improvisação, era aproveitada por nós, desde os tempos da Rádio Philips, onde, Noel Rosa, João de Barro e eu ficávamos, ao microfone, a desenvolver repentes que constituiam um dos pontos altos do Programa Casé, durante longo tempo. Depois surgiram outros repentistas; os primeiros, entretanto, fomos nós.

★

Da segunda vez que Noel visitou Friburgo, fê-lo em companhia de sua espôsa, Lindaura. Estava já enfêrmo e a mais exata informação sôbre as ocorrências daqueles dias ficou em curiosa carta, escrita pelo punho de Noel, mas como se fôsse escrita por sua mulher. Era como se a própria Linda se dirigisse à sua progenitora — usando a mão de Noel.

CARTA

A fim de poder permanecer em Friburgo, naquela temporada onde não possuía parentes, alguns amigos do compositor, no Rio, se haviam cotizado, reunindo pequena quantia que, não obstante, teria sido de real ajuda para Noel. É ao que se referia, em carta que enviava dali e cujo original desastradamente se perdeu:

«Tenho pena daqueles que estou incomodando com a minha merecida moléstia. Confesso que não sei agradecer tanta bondade. Era mais negócios vocês me deixarem morrer, como eu mereço. Não quero amolar mais.»

E em post-scriptum, num desabafo contra o isolamento a que era obrigado a manter-se:

«P. S. — Há muito que não escrevo; isto basta para você perdoar os garranchos. Qualquer dia não sei mais falar."

★

Em março de 1934, seguia Noel para Campos, com o grupo «Gente do Morro», do qual faziam parte Benedito Lacerda, «Canhoto», «Russo do Pandeiro», Macrino, Bernardo e «Doidinho». Acompanhava-os os humoristas Grijó Sobrinho e Coringa. Escalando de cidade em cidade, projetava a caravana percorrer todo o norte do Brasil.

Em Campos, precedidos de regular publicidade, os artistas se exibiram no Coliseu dos Recreios. Da apresentação em palco se desincumbia o Grijó Sobrinho, que fazia aparecer os companheiros, um a um:

— Benedito Lacerda, o grande flautista brasileiro! — anunciava.

A assistência prorrompia em aplausos.

— Russo — o malabarista do pandeiro!

Novas palmas.

— Coringa — o rei da embolada!

Palmas a valer. Chegava, enfim, a vez de Noel.

— Noel, o filósofo do samba!

Era indisfarçável a estranheza da platéia, ao ver a aparência exótica do artista. Risos à socalpa, muxoxos, mostras várias de decepção, sobrepujavam as ralas palmas que marcavam o aparecimento do notável mas desconhecido valor, naquela cidade.

Mal, porém, Noel desempenhava seus primeiros números, a platéia compreendia todo o imenso valor daquela insignificante figura. A despeito de seu físico mirrado, de todo desajeita-

do e da voz insuficiente, Noel era, afinal de contas, o maior sucesso daqueles espetáculos. E as palmas vibrantes de entusiasmo que depois recebia, revelavam o intuito do público em desagravar o artista, oferecendo-lhe a compensação pela recepção fria e zombeteira.

De Campos, o grupo seguiu para Muqui e dali para Vitória.

Na sua incontrolável tendência para as más companhias, na Capital espírito-santense, Noel, imediatamente se tomou de amizades por certo valentão da terra, apelidado «Alagoano», cuja fama intimidava a própria polícia.

Habitué das zonas de baixo meretrício, para lá conduziu Noel Rosa, onde o fêz conhecer certa criatura a quem o compositor, com a facilidade costumeira, veio a se dedicar de corpo e alma, abandonando os companheiros de excursão, aos quais só se ligava nos instantes de espetáculos.

De tal modo «Alagoano» manteve Noel subjugado a seus atrevimentos e desmandos que, certo dia, viu-se êle forçado a praticar, na principal praça pública da cidade, um ato íntimo, exclusivamente para que o desordeiro mais achincalhasse um policial que a tudo assistia acovardado, sem intervir, rindo aparvalhadamente.

— Faça de conta que está em sua casa, Noel — ordenava o malandro. Pode ficar à vontade. Quem manda aqui sou eu — e com olhares petulantes para o soldado — e ninguém me impede de fazer o que eu quiser...

Noel, na alegria de uma façanha de que se poderia vangloriar depois, punha-se, realmente, à vontade e fazia, em praça pública, o que só se concebe no recato caseiro.

E o defensor da ordem, rindo, bestamente...

Poucos meses depois, cumprindo-se o seu destino de mau elemento, «Alagoano» tombou vítima da navalha de um desafeto mais ágil.

★

As representações do grupo no Teatro Politeama, de Vitória, redundaram em completo fracasso e, ao fim de alguns dias, incapazes de saldar a conta da Pensão São Luís, onde se hospedavam, dali fugiram, alta noite, a tempo de alcançar o trem que se destinava ao Rio. Noel não formava entre os «fujões», pois, desde as primeiras noites se aboletara fora da pensão. Detidos na próxima estação, os componentes do grupo se viram forçados a regressar à Capital. Felizmente, compreendendo aquelas almas de boêmios, amigos da cidade tomaram a si a incumbência de solucionar o impasse, assumindo a responsabilidade dos débitos. E mais ainda: — organizaram elegante festa no Hotel Império, onde os artistas se apresentaram com positivo sucesso e cuja renda foi suficiente para saldar tôdas as dívidas.

E só assim os artistas não mereceram, em Vitória, a desairosa designação de «cano de ferro».

No dia seguinte àquele recital, Benedito, Grijó, Canhoto e outros, regressavam ao Rio. Noel ficou. Êle, Russo do Pandeiro e os dois irmãos Coringa, saíram a tentar a sorte em várias cidades vizinhas, entre elas, Colatina e Cachoeiro do Itapemirim. Como nada ou quase nada rendessem suas apresentações, retornaram à Vitória, onde Noel se entregou declaradamente à vida desregrada que destruiu as últimas resistências de seu combalido organismo.

Tornou-se necessário que D. Marta, sua mãe, para lá seguisse, compesado sacrifício para suas parcas finanças, a fim de arrancá-lo à fôrça do pernicioso ambiente em que se enquistara.

A existência desbragada em Vitória abriu as portas para a moléstia que levou Noel ao túmulo. Submetido a exame, logo que chegou ao Rio, seu médico e amigo, Dr. Edgard da Graça Melo, recomendou-lhe a mudança de ares.

Noel partiu, sem demora, para Belo Horizonte, onde residia D. Carmen, sua tia. Na acolhedora residência do bairro da Floresta, Noel permaneceu alguns dias seguindo as prescrições médicas, cercado dos cuidados e dos carinhos de que tanto necessitava.

Seu temperamento irrequieto, entretanto, não se acomodava à uma vida regrada e em pouco já não mais se recolhia cedo e nem mais se privava do álcool. Noites inteiras se demorava pelos cafés, em conversas infindáveis, regadas a chopes, na companhia de novos amigos, seduzidos pelas histórias que contava e pelos sambas que cantava. Assim, certo dia veio a conhecer ali, Hervé Cordovil, estudante de direito e pianista e, com êle, no velho piano do Bar do Cine Brasil, compôs um samba memorável:

Parecia um boi mugindo
Aquela triste cuíca
Tocada pelo Laurindo.

★

Certa ocasião, alta madrugada, lá se ia o boêmio para sua residência.

Estivera a cantar para amigos, ao relento, na Praça da Liberdade e esgotado pelo cansaço e pelas libações, incapaz de prosseguir na caminhada, deitou-se sob o viaduto da Floresta, acomodando ao lado seu inseparável violão. Não tardou em ferrar no sono.

Instantes depois aproximou-se um guarda-noturno que, após demoradas sacudidelas, conseguiu fazê-lo abrir os olhos.

Teje prêso.

Ao ouvir a ordem, Noel reagiu:

— Prêso por quê? Eu não fiz nada!

— Justamente por isso. É desocupado. Vai prêso porque está dormindo na rua.

— Mas, seu guarda, — apelou o boêmio — estou dando só um cochilo. Já vou prá casa.

— Nada disso! Tá prêso. Onde estão seus documentos?

Ainda zonzo de sono, Noel rebuscou pelas algibeiras, sacando de uma delas o primeiro papel que encontrou. O guarda desdobrou o «documento», procurou a luz de um lampião próximo e pôs-se a ler, em voz alta:

— João Ninguém... não tem ideal na vida... além de casa e comida... tem seus amôres também... Ora essa! — estourou — mas isso é letra de samba!

— É sim — confirmou Noel. De samba meu, aliás.

— Mas êste samba não é o «João Ninguém», de Noel Rosa?...

— Justamente. E Noel Rosa sou eu.

A informação não podia ser mais surpreendente para o rondante. E êle, substituindo instantâneamente a severidade da face por uma expressão esgazeada e feliz, depois de relancear os olhos por todos os lados e verificar se não era observado, sacou do bôlso do dólmã pequena flautinha e, em tom alvissareiro, sussurrou:

— Eu também sou músico. Pega o violão. Faz ré maior aí.

E, sem mais delongas, esquecido completamente de sua missão, seguido pelo violão de Noel, ficou, até raiar o dia, a executar chorinhos e valsas, felicíssimo por encontrar tão excelente e renomado acompanhador.

(Continua no próximo número)



As tabuletas que nas cidades de Campos e Vitória anunciavam os espetáculos de Noel Rosa e do Grupo «Gente do Morro», exibiam esta fotografia do filósofo do samba, em expressão triste e pensativa.

CONVERSA DE MULHER

VIAGEM DE LOTAÇÃO



NUMA freiada perigosa, de última hora, apesar do meu braço demoradamente estendido com uma bôlsa vermelha na mão, o motorista pára o carro amàvelmente rente ao meio-fio. Amàvelmente para mim, que vou subir, mas a gorda senhora que estava a meu lado na calçada passou o susto da vida com o receio de algum fininho. Entro. No primeiro banco, uma mocinha desdenhosa ergue os lustrosos olhos para examinar a intrusa e logo os abaixa sôbre um gordo volume. Sento-me e espicho uma olhadela para o que está lendo: «Contraponto», em tradução, de Aldous Huxley. Ora, minha menina! Com essa carinha? Rosto redondo, tudo redondo no rosto — olhos, nariz, bôca — mãozinha redonda que vira preguiçosa e devidamente a página. A inteligência também deve ser redondíssima, isto é, de tão obtusa. Pra quê vocêzinha, que deve ter dificuldade de seguir com atenção uma linha reta, anda metida nessas funduras cheias de contraponto intelectual, excessivamente sutil? Olhe, se é por causa do namorado, não adianta. Não adiantou nem para Lana Turner, que se casou com um chefe de orquestra metido a crânio: ela fêz fôrça, meteu-se com Homero e Shakespeare, mas não passou daquilo mesmo... redondinha e «busto», que é o que você também eminentemente é.

● **Largo de examinar a garôta e virando para a direita não posso me furtar de considerar a vizinha da fila de bancos simples. Uma massa bem alimentada, enchendo uma sedinha estampada tôda em fofos e franzidos, acabando na base por dois mocotós socados — que absurdo! — numas sandálias de tirinhas de verniz e saltos altíssimos, próprias sòmente para pés delicados de Cinderelas. Gostaria de ver se êsse balão em pé se agüenta ou cai. Farta da paisagem interna do lotação, atiro o olhar para fora. Sol dourado, céu muito azul, um vento travêsso e libérrimo, dêsses que caçoam da gente ter que ir para o trabalho. Na rua, tudo atrai. Aqui é a prisão.**

E... oh! mas que maravilha! Numa esquina de rua, numa ponta de barraca de feira, agita-se ao ar algo que me dá o desejo de me despencar de uma vez da condução: um tecido todo enfunado de golfadas de vento, embalado na direção da minha faceirice, prêto, prêto, prêto, com traços vivos formando uma barra animada de figuras humanas, grandes para chegarem na saia de abaixo do joelho até ao meio da coxa, num desenho digno de Matisse. Qual, mas já o veículo vai longe, é preferível sofrear a tentação e seguir para a luta pela vida.

● Suspiro. Para me consolar e ocupar procuro ler o jornal do passageiro da frente. Olga Suely quer ser assistente social? Como? Apresentou-se sòzinha com o seu topete na prisão de Bangu e «dirigiu a palavra para colhêr informações» a um técnico estrangeiro que visitava no mesmo momento o presidio? Ah, acha que D. Helbe «tem muita personalidade»? E', talvez não tanta quanto Lampião. E' incrível, a moça matou dois e agora quer ser e vai ser assistente social. Bom, não procuro mais distrações nesta viagem. São tôdas para desgostar. Fecho os olhos e deixo-me levar. Quando fôr chegando no ponto, êste meu corpo tão treinado há de me advertir e darei o sinal para parar.

ISOLETTE



ESTA É A MISS P.T.T... isto é, Miss Correios (Postes) e Telégrafos, da França. O título foi obtido êste ano pela flamante Jeannete Flamon, com 18 anos. Boné de carteiro e faixa de Rainha... **vive la France!**

QUATRO FLAGRANTES



SAÚDE E DIETÉTICA, SIM SENHORES... eis a legenda exata desta foto, pois aqui esta moça gulosa está apenas provando, na Exposição de Saúde e Dietética, de Paris, o pão especial completo. E' Adela Scott, dançarina.

ROTINA DE BELEZA



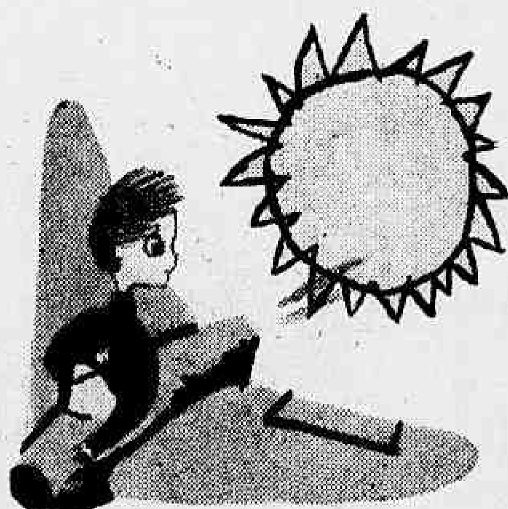
PEQUENO VERDADEIRAMENTE DAS ARÁBIAS — Sim, não só porque nessa idade já leva beijos aos pares de um par de ases femininos, como porque na **Mesquita** de Paris (no pátio) estão celebrando o «Ait-El-Kebir».

DA VIDA FRANCESA



GAROTOS DE MONTMARTRE, denominados «Petits Poulbots», devido aos célebres desenhos animados do artista Poulbot, organizaram no último verão «matinées» recreativas para as crianças que não saíram de Paris.

CONSELHOS ÀS BELAS QUE PARTEM PARA FÉRIAS



MAL DO AR

O mal do ar se manifesta de início por uma série de bocejos e um desejo irresistível de dormir. A pessoa fica pálida, sente zumbidos nos ouvidos, a cabeça pesada. Depois vêm as vertigens e vômitos. Para êsse estado são reconhecidas como favoráveis as seguintes posições: deitada, de costas, com a cabeça bem horizontal, ou sentada com a cabeça um pouco inclinada para trás. O mal do ar é, em geral, aliviado por algumas gôtas de beladona.

MAL DAS MONTANHAS

O mal das montanhas se declara por uma indisposição geral: moleza nas pernas, joelhos frouxos, impressão de grande pêso, suores frios, zumbidos nos ouvidos, opressão, fortes dores de cabeça, enjôo, vômitos, palpitações, desânimo, necessidade de dormir. São sintomas que se atenuam assim que a pessoa se deita, mas reaparecem imediatamente quando recomeça a andar. E' aconselhável abandonar a ascensão e voltar a uma altitude mais bem tolerada. Nos casos sérios a inalação de oxigênio proporciona uma melhora imediata. Não devem escalar montanhas as pessoas fatigadas, os cardíacos, os convalescentes, os hipertensos e os tuberculosos.



MAL DO MAR

O enjôo marítimo começa por um mal-estar vago: vertigens, náuseas, sensações giratórias, impressão de pêso, suores, pulso irregular e fraco. O doente fica inerte, indiferente a tudo, atacado de vômitos dolorosos, mais ou menos violentos. Às vêzes, o receio de passar pelo enjôo ou mesmo o simples fato de entrar num navio ancorado no pôrto desencadeiam em algumas pessoas os sintomas do mal. Mas, em caso de perigo grave em alto-mar, os passageiros mais arrasados esquecem seus padecimentos e se mexem para salvar a vida. Em geral, o mal desaparece assim que o doente põe pé em terra firme. As crianças, mais freqüentemente que os adultos, também são atacadas dêsse mal, mesmo as pequeninas que não sabem que o enjôo existe. A causa do enjôo marítimo ainda não está bem explicada: culpa-se, às vêzes, o balanço do navio, o ruído das máquinas de bordo, o cheiro especial das embarcações. Sem dúvida, o psiquismo representa um papel muito importante quanto a êsse mal para certas pessoas.

Os remédios mais variados e mais contraditórios são aconselhados: é preciso comer bem, deve-se ficar em jejum, ou tomar grandes copos de água gelada; ficar no leito ou dar caminhadas infindáveis ao vento; não perder com os olhos a linha do horizonte...

Eis alguns dos conselhos mais seguros:



— Fazer uma boa refeição antes de embarcar.

— Fazer uso de alimentação regular durante a travessia, escolhendo o que houver de mais digerível.

— Não comer nem pão nem tomar álcool.

— Dois dias antes da partida tomar meio comprimido de gardenal de 5 cgr. trinta minutos antes das três refeições principais e antes de dormir, mais 1 gr. de bromureto de sódio durante cada refeição.

Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES** anuncia:

em

1953

ONDAS CURTAS

25 MTS. 11.925 KLCS.
49 MTS. 6185 KLCS.

em

1954

TELEVISÃO

CANAL 13

RÁDIO BANDEIRANTES

— a mais popular emissora paulista



ESCÂNDALOS E ROSAS (Cont. da pág. 23)

forte que pareceu atravessar suas pálpebras e ela sentiu as faces ardendo de vergonha.

— Ela já está voltando a si, já posso voltar para o palanque — falou a chefe àsperamente. — Fique com ela enfermeira Williams e leve-a depois para o quarto.

Ao ouvir o ruído da porta que se cerrava, Katie olhou cautelosamente através dos cílios para Amanda Williams, que falou ainda rindo:

— Se você pudesse se ver, Katie! Aquêles repórteres e fotógrafos indiscretos tirando instantâneos para todos os lados. E ainda bem que eu tive cabeça para ajeitar sua saia... porque você estava cômica com a cabeça no colo do ministro...

Katie deu um gemido. Teria sido melhor que tivesse fraturado o crânio e morrido ali mesmo, pois a chefe jamais a perdoará.

— Creio que a chefe não perdoará você — falou Amanda — principalmente porque você, ao cair, derrubou um jarro com crisântemos e molhou os pés dela, e os sapatos novos! Vamos subir?

Katie percebeu que Amanda estava impaciente para voltar ao salão da cerimônia e dispensou-a:

— Eu estou bem e posso ir para o quarto sòzinha, obrigada. — E, ao chegar no quarto, atirou-se na cama soluçando amargamente. Ela não queria se fazer de vítima, mas podia bem imaginar a fúria que iriam desencadear sôbre ela mais tarde, e sentia a injustiça, pois o incidente fôra involuntário.

Horas mais tarde, levantou a cabeça ao ouvir os passos da servente Peggy:

— Desculpe incomodá-la, Miss, mas tem um moço aí fora que quer falar com a senhora e a chefe também quer que a senhora vá a sala dela. — E colocando na mesa uma bandeja com chá a servente sorriu com simpatia.

— Muito obrigada, Peggy, eu já vou.

Katie levantou-se, desejando ardentemente desmaiar de uma vez, mas tal não se deu. Sòmente a lembrança de Greg a animava; haviam combinado ir à nova cantina depois da cerimônia.

— Há quanto tempo o dr. Mathews está esperando?

— Não é o dr. Mathews, não senhora, é um outro moço estranho.

— E você não perguntou o nome dêle?

— Não senhora, e mesmo êle não estava com muita vontade de dizer, eu não quis insistir.

— Pois devia ter insistido. E o dr. Mathews não telefonou?

— Não, senhora, e a chefe quer falar com a senhora às seis e meia, sem falta.

Depois de ajeitar uma touquinha branca nova e engomada, mais para agradar a chefe, Katie resolveu descer.

No «hall», que ainda cheirava a tinta fresca, um rapaz de ombros largos, trajado sem requinte, com uma cabeleira castanha que não parecia penteada com muito cuidado, largou o jornal que estava lendo e se voltou para ela interessado:

— Miss Davis? — Perguntou sorridente.

— Enfermeira Davis (corrigiu ela) em que posso servi-lo?

Êle a fitou sorrindo amàvelmente, como se sua presença a agradasse, e falou:

— Eu sou Michael Blanding, repórter do «Evening Star». Gostaria que a senhorita respondesse algumas perguntas sôbre o incidente... se não se aborrecer...

— É, mas eu me aborreço sim, e muito até, e não compreendo para que podem lhe interessar...

Como resposta, êle abriu o jornal que tinha na mão e mostrou a ela.

(Conclui no próximo número)

A BOMBA ATÔMICA, ESPOLÊTA... (Cont. da pág. 34)

REAÇÕES PARA PRODUÇÃO DE ENERGIA

Das reações termo-nucleares que têm sido sugeridas teòricamente como possìvelmente utilizáveis para realizar uma bomba de hidrogênio, podemos mencionar a reação de síntese do núcleo do elemento hélio (constituído por 2 prótons e 2 nêutrons) por meio da interação de dois núcleos de trício, segundo o esquema:


trício + trício ⟶ hélio + 2 nêutrons.

Esta reação corresponde à liberação de uma energia de 11,4 milhões de eléctron-volts para cada núcleo de hélio formado.

Outra reação possível é a que obedece ao esquema:


trício + deutério ⟶ hélio + 1 nêutron.

Esta reação corresponde à liberação de uma energia de 17,6 milhões de eléctron-volts por núcleo de hélio formado.

A ESPOLÊTA DA SUPERBOMBA

Tudo leva a crer que as experiências agora anunciadas representam o coroamento prático de cuidadosas pesquisas no sentido acima indicado. Na verdade, uma bomba atômica de urânio ou de plutônio poderia fornecer as elevadas temperaturas necessárias para dar início a uma das reações termonucleares acima referidas. Desta forma, poder-se-ia dizer que a bomba atômica de urânio funcionaria como uma espolêta para a bomba de hidrogênio.

E' possível, mesmo, que, uma vez iniciadas tais reações, a temperatura obtida seja suficiente para excitar os corpúsculos constitutivos dos núcleos atômicos mais leves, de modo a formar os diferentes isótopos que tomam parte nas reações subseqüentes.

MUITO MAIS PODEROSA QUE A ATÔMICA

Do ponto de vista da intensidade dos efeitos, pode-se esperar que uma bomba de hidrogênio, utilizando reações termo-nucleares, possa dar origem a explosões muito mais violentas do que a explosão de uma bomba atômica de urânio ou de plutônio. Com efeito, quando se utiliza urânio (U 235) ou plutônio, há um limite superior da massa utilizável (denominado «massa crítica») acima do qual produz-se a **explosão espontânea**, e esta circunstância que limita a **massa utilizável de uma bomba de urânio não ocorre no caso de uma bomba de hidrogênio.**

O GIGANTE INCONTROLAVEL

Devemos encarar sempre com otimismo qualquer progresso no campo da ciência. Entretanto, é pena ter que assinalar o fato de que, presentemente, pelo menos, não se conhece ainda nenhum mecanismo capaz de controlar as reações termo-nucleares, que, portanto, por enquanto, só poderão ser utilizadas sob a forma explosiva. Não temos dúvida, porém, de que num futuro mais ou menos próximo, a ciência consiga controlar, também, essas reações, de modo a permitir sua utilização para fins pacíficos. Nesse dia, ter-se-á, realmente, resolvido o problema da industrialização da energia atômica, partindo de elementos químicos muito abundantes na superfície da terra, como o hidrogênio, o que trará benefícios incalculáveis para a humanidade.»

(Cont. na pág. 46)

O COLAR DE ESMERALDAS (Cont. da pág. 26)

casa de Lia; ao chegar, encontrou-a em «penhoir», correu para ela com o intuito de abraçá-la, porém, ela o deteve dizendo:

— Não, tu não me terás, enquanto não satisfizeres o meu pedido, pois sabes que tenho necessidade de ir a esta festa e aparecer o melhor possível.

— Toma Lia, aqui está! — Disse êle desesperado, atirando o colar aos pés da sua amante.

Lia abaixou-se para apanhá-lo e assentada no chão, com a fisionomia iluminada pelo prazer e cobiça, ela acariciava as esmeraldas como o usurário ao seu dinheiro.

Depois de ter examinado bem uma por uma das pedras do colar, ela virou-se para Mário e disse-lhe:

(Cont. no próximo número)



Lingerie F.M.
O MAIS FINO ACABAMENTO

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Sóc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

UMA MULHER PODE CONSERVAR-SE SEMPRE JOVEM E BELA

Para uma mulher se conservar sempre jovem e bela deve ter os seus órgãos femininos em perfeita saúde. E a mulher sabe que os seus órgãos femininos estão em perfeita saúde pelo bom funcionamento de suas regras. Se as regras são anormais, isto é: diminutas ou abundantes, dolorosas, repetidas ou atrasadas indicam enfermidade grave que deve ser combatida com um dos dois Reguladores Xavier. E'-lhe fácil saber o número que lhe convém. O Nº 1 só serve para os casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas conseqüências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. Já o Nº 2 tem aplicação inteiramente diversa e só serve para os casos de falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas conseqüências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Tal como exigem a ciência e o bom senso o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes atendendo às duas naturezas diferentes dos males femininos.

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência especifica da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.



TRABALHOS GRÁFICOS

LIVROS E FOLHETOS

TRATAR NA COMPANHIA EDITORA AMERICANA, RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO — TELEFONE: 22-8647



SANSÃO...

(Cont. da pág. 51)

— Estou começando. Primeiro foi no Largo de São Cristóvão, onde eu puxei com os cabelos um ônibus com 45 passageiros, a uma distância de 8 metros; depois no Largo da Carioca eu me prontifiquei a puxar seis automóveis, mas êles acharam que dois já bastavam e então puxei dois autos com os cabelos e o povo fêz uma coleta e me deram uns 500 cruzeiros. Na Ponte dos Marinheiros estava um velho caminhão carregado de caixas e caixotes, mas com o rolante gripado. Apesar de tudo, das rodas não andarem, puxei, quero dizer, arrastei o caminhão com os cabelos e êles ficaram bestas...

Agora vocês viram aí no Largo da Lapa eu puxar êsse caminhão cheio, mas o fato é que continuo empalhado na profissão de barbeiro...

AS BARBEIRAGENS DO POETA

E José Sansão não pára de falar, mostra suas fotos com violões, recita o que êle chama de seus poemas. Eis um dêles:

«Em mais de uma cidade eu andei
Em Paraíba e Pernambuco
E só um sabor de suco
Foi nesta aqui que encontrei
Com calma, atenção prestei
E visei com atenção
Com minha fraca noção
Para falar a verdade,
Campina Grande é cidade
De minha predileção
Eu fui a Joazeirinho
De lá fui a Piancó
Com um colega e não sòzinho
Depois vim a Salgadinho
Vim a Vila de São João
Também vim a Boqueirão
Certificando a verdade
Campina Grande é cidade
De minha predileção»

Com a promessa de publicarmos êstes «poemas», o Barbeiro Sansão nos deu habeas-corpus às duas da tarde, a fim de que pudéssemos ir almoçar...

A BOMBA ATÔMICA...

(Cont. da pág. 45)

VOARIA PELOS ARES O RIO DE JANEIRO

Que aconteceria se uma bomba de hidrogênio fôsse lançada sôbre a nossa cidade? Esta pergunta, que o repórter fazia a si mesmo, levou-o a procurar o coronel Orlando Rangel, oficial e cientista brasileiro de renome que serve no Conselho Nacional de Pesquisas e que assistiu às experiências da bomba atômica em Bikini. A êle, que é outra grande autoridade no assunto, formulamos uma série de indagações práticas, no intuito de esclarecer o leitor leigo sôbre as terríveis proporções dos efeitos da bomba de hidrogênio.

Repórter: — Considerando ilimitada a potência da Bomba H, pode-se admitir que uma de tamanho grande, lançada sôbre a cidade, destruiria completamente o Rio de Janeiro?

Coronel: — A bomba de cisão ou fissão (bomba atômica) possui um volume crítico (2 a 100 quilos), além do qual há perigo da explosão espontânea, ao passo que não há essa limitação para a bomba de hidrogênio, que é de fusão.

Uma bomba atômica tipo Hiroshima tem um raio de destruição da ordem de grandeza de uma milha, ou seja, 1.600 metros. Uma bomba de hidrogênio mil vêzes mais potente possuirá um raio de destruição sòmente 10 vêzes maior, ou seja, de 16 quilômetros, pois o poder de destruição aumenta proporcionalmente à raiz cúbica da potência. Para a destruição completa da cidade do Rio de Janeiro seria necessária uma bomba nuclear com um raio de destruição de cêrca de 30 quilômetros. Essa bomba deveria ser 8.000 vêzes mais potente que a bomba atômica tipo Hiroshima. E' possível, teòricamente, fazer uma bomba de hidrogênio dêsse tipo.

Repórter: — Uma bomba H destruiria o Pão de Açúcar?

Coronel: — Uma bomba de hidrogênio, convenientemente colocada no centro da pedra do Pão de Açúcar, provocaria certamente a sua destruição.

Repórter: — Qual a defesa mais aconselhável contra a bomba H, coronel?

Coronel: — A única defesa eficaz contra as bombas nucleares (atômica ou a de hidrogênio) é evitar que elas detonem ou interceptá-las antes de chegar ao objetivo, pela destruição do meio de condução (avião, etc.). A melhor defesa contra as bombas nucleares é a dispersão dos objetivos ou a sua proteção em subterrâneos de profundidade conveniente.

Repórter: — Ficará muito pesada uma bomba H de tamanho grande? Poderá ser jogada de um avião?

Coronel: — A bomba de hidrogênio, como a bomba atômica, poderá, certamente, ser jogada de um avião bombardeiro. O pêso da bomba depende do mecanismo de detonação, que poderá ser aperfeiçoado e reduzido. Por outro lado, a capacidade de transporte dos bombardeiros pode aumentar com os progressos da aviação, permitindo a utilização de bombas mais pesadas.

Repórter: — Uma vez conhecido o seu segrêdo, será difícil fazer-se uma bomba de hidrogênio no Brasil? Qual a que apresenta maiores dificuldades de construção, a atômica ou a de hidrogênio?

Coronel: — Os princípios teóricos em que se baseiam as bombas atômicas e de hidrogênio são conhecidos. Os segredos das bombas nucleares residem, principalmente, nas minúcias das instalações de fabricações dos explosivos nucleares e no mecanismo de detonação da bomba, além de certas constantes físicas, métodos de cálculo, etc. No estado atual das publicações sôbre o assunto, o único método conhecido para liberar energia dos núcleos leves, por meio da fusão nuclear, é pelas reações termo-nucleares, isto é, reações processadas a altas temperaturas. A reação nuclear da bomba de hidrogênio exige temperaturas que, até agora, só podem ser obtidas na terra com a explosão de bombas atômicas de urânio ou de plutônio, que agem como verdadeiros detonadores da superbomba.

O nosso país ainda não está em condições de produzir os explosivos utilizados na bomba atômica (urânio 233, urânio 235 e plutônio) e os isótopos pesados do hidrogênio provàvelmente utilizados na bomba de hidrogênia (trício e deutério). Não se conhecem, finalmente, os detalhes do dispositivo utilizado para provocar a explosão das bombas nucleares.

TUDO INDICA QUE A RÚSSIA NÃO POSSUI A BOMBA H

Como se vê, portanto, consiste o processo da construção da bomba de hidrogênio no aproveitamento da energia das reações termo-nucleares como as que se passam no sol e nas outras estrêlas, reações que precisam de altíssimas temperaturas para se darem. Nestas reações, o hidrogênio se transforma em hélio, e no sol, por exemplo, essa transformação é muito lenta e, por isso, o desprendimento de energia é contínuo. Para a reprodução artificial dêsse processo é necessário obter as mesmas condições do sol e mesmo acelerá-las, e nisto está o grande segrêdo da descoberta da bomba H.

Os Estados Unidos marcham à frente dessa experiência como líderes incontestáveis na matéria e, por outro lado, não parece provável que a Rússia possua o segrêdo da fabricação da bomba de hidrogênio, pois já teria revelado a posse dessa grande arma, no sentido de intimidar o mundo ocidental. Entretanto, o recente terremoto que sacudiu as terras siberianas, poucos dias depois das experiências americanas em Eniwetok, não deixa de ser um fato estranho, principalmente porque, até agora, Moscou nada disse a respeito do fenômeno que tantos danos causou principalmente em Petropavlovsky, no nordeste da Sibéria.

O que não resta dúvida, porém, é que, mais do que nunca, se faz preciso maior entendimento entre as grandes potências, pois o emprêgo da nova e monstruosa arma de guerra seria o maior flagelo que a humanidade poderia sofrer em tôda a história do mundo.

AS AMÉRICAS EM ...

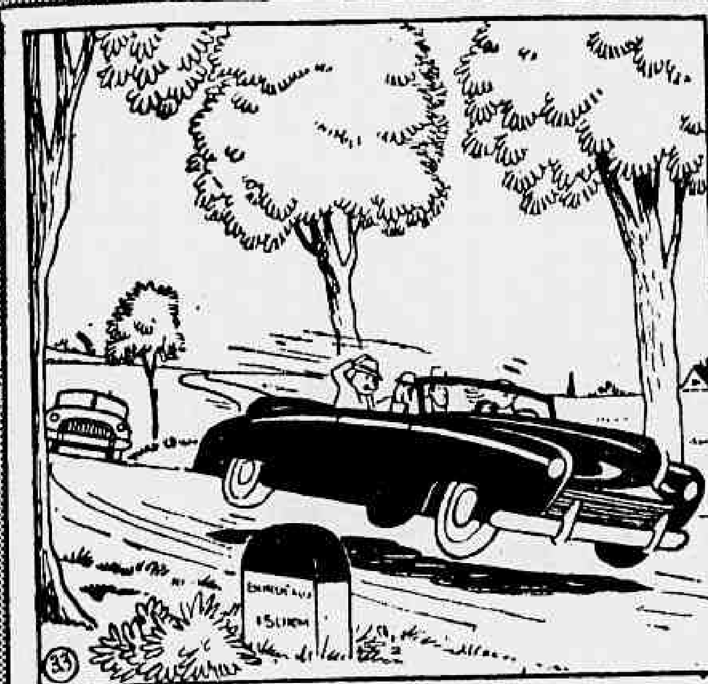
(Cont. da pág. 22)

De outro lado, a vida dura dos que labutam de sol a sol, para ganhar o pão de cada dia. Luta tremenda para assegurar a subsistência, morando em apartamentos que se parecem com gaiolas e alimentando-se com comestíveis enlatados, sendo eternos escravos do relógio.

Depois, a miséria dos que constituem um mundo à parte — os «gangsters», os vagabundos, a prostituição clandestina, os que vivem sabe Deus como, pois nada têm que ganhar ou perder...

Assim é Chicago, cidade diferente das demais cidades norte-americanas,

ARABELLE, a ultima sereia



Os dois carros da quadrilha correm a grande velocidade, sendo o da frente guiado pela própria «Branca de Neve», que desafiava a morte.



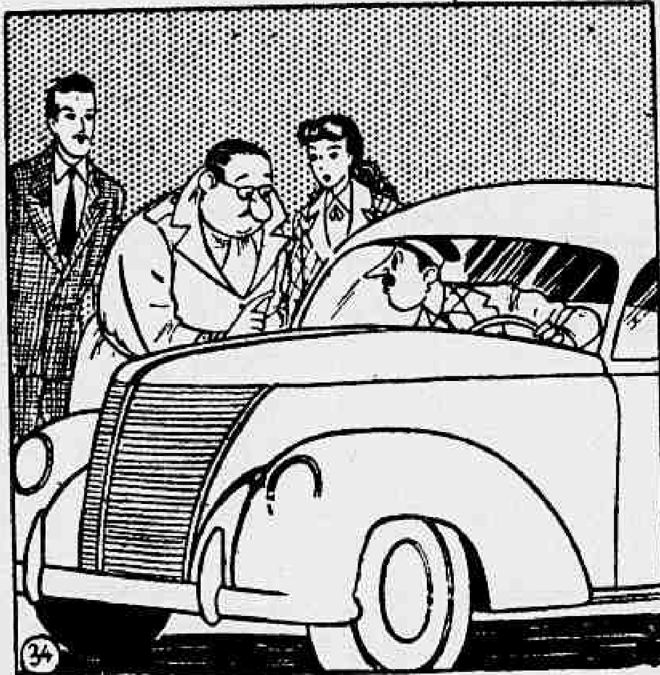
— E eis aqui como me transformei numa grande dama, graças ao bisturi do querido Bimbleton — terminou Arabelle a história de sua vida.



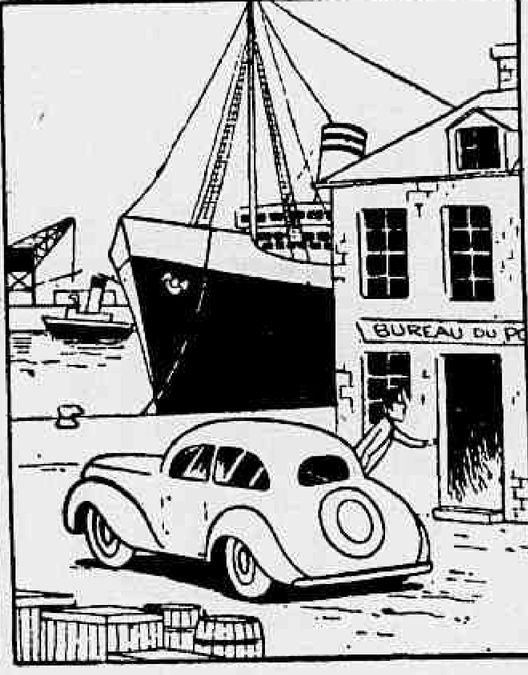
O detective está fascinado com a ex-sereia, e fica ainda mais apaixonado quando ela começa a cantar. Como seria feliz quem a desposasse!



Um duelo de velocidade é mantido entre o avião de Pommier e os carros da «gang» de «Branca de Neve». Quem chegaria primeiro a Bordéus?



Só mesmo quando o avião chega ao aeroporto é que o detective retoma a consciência de sua missão: — prender os criminosos. Estava enlevado!



Pommier corre à Chefatura de Polícia e se informa sobre os navios a partir. Só o «Cruzeiro do Sul». Pede então para ver a lista de passageiros.



Fica exultante quando sabe que oito passageiros de última hora haviam chegado. Uma mulher e sete homens. Eram êles, os salteadores, sem dúvida!



Correm ao cais. Mas já era tarde, pois os delinqüentes já haviam embarcado e o navio, nesta altura, transpusera a barra com todos êles disfarçados.



Pommier está desolado. Tão perto do fim e tudo perdido. Indaga para onde vai o navio. «Rio de Janeiro» — respondem. E a perseguição segue.



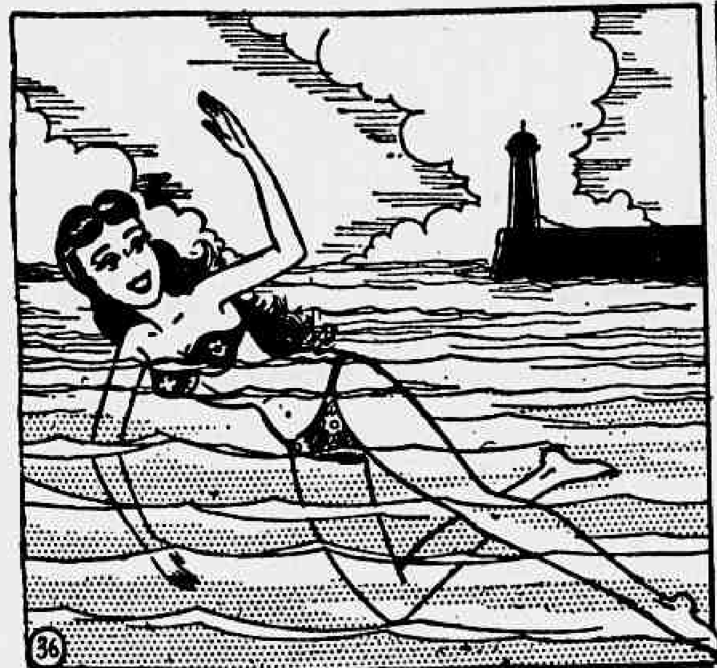
Arabelle sugere que se radiografe ao comandante do navio. O detective discorda. Então Arabelle despe a roupa e fica em trajes de banho.



— Vejam bem! — diz ela. — Ainda nado como uma sereia. Dentro de minutos estarei junto ao navio, e encontrarei um meio de penetrar a bordo!



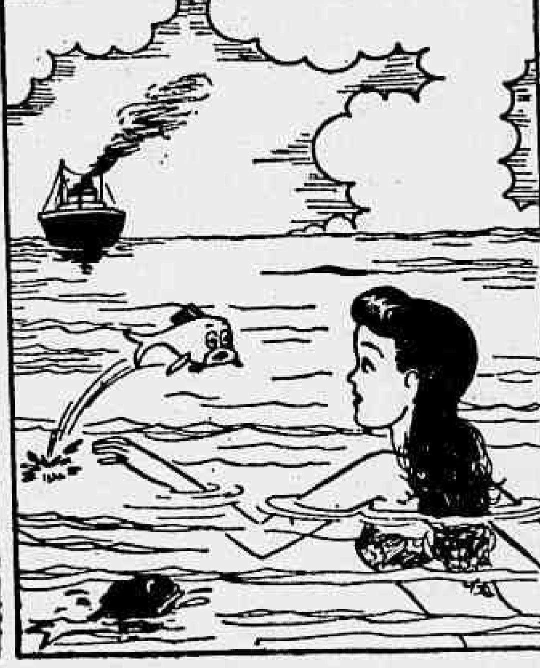
Pommier e Bimbleton procuram dissuadi-la da idéia. Mas Arabelle lhes diz que, dentro de quinze dias, êles a encontrarão no Rio. E mergulha...



Muito feliz por encontrar-se no seu antigo elemento, a linda Arabelle faz cabriolas e se volta para os seus amigos fazendo-lhes gestos de «adeus».



— Compreendeu, caro Pommier? — Pergunta Bimbleton. E prossegue: — «Ela quer que a encontremos no Rio, dentro de 15 dias. Vamos tratar da viagem!



Arabelle nada velozmente e se aproxima do navio. Tomando a distância, pensa em ocultar-se entre ondas para não chamar a atenção dos passageiros.



Sob as águas, ela percebe que os seus velhos amigos — os peixes — já não a reconhecem e a olham com hostilidade. Um polvo se aproxima.

História de VANIA LAUREZ

Desenhos de JEAN ACHE

Semana Literária

EDMUNDO LYS

FORA DO PRELO

● ASSIM CANTAVA UM CIDADÃO DO MUNDO — O poeta Roberto das Neves quer retomar as tradições revolucionárias, antes anarquistas, da poesia portuguêsa, que se entronca em Antero, Gomes Leal e Junqueiro. Êste seu livro é ostensivamente obra de um rebelado, de um inconformista. Aliás, essa obra assim ousada, já valeu ao autor várias prisões e o exílio que êle vive no Brasil. Todo o livro, todos os poemas, todos os versos dêste livro bradam a rebeldia de um espírito, a indignação de um homem contra as injustiças sociais e os abusos políticos. Daí seu interêsse, mais evidentemente político e social do que lírico.

● A CIDADE DAS CRIANÇAS — Muito curiosas as ilustrações de Rodolfo Dan para «A Cidade das Crianças», álbum colorido, nº 20, da série «Horas Felizes», editada pela Melhoramentos. Os versos de Correia Júnior, como legenda, agradam pela graça e espontaneidade, motivando interêsse de parte da garotada.

● O PEQUENO MÁGICO — Tem uma aceitação realmente considerável a coleção «Encanto e Verdade», que as Edições Melhoramentos vêm apresentando agora, com nova feição artística. O livrinho 8, já em 4ª tiragem, é de autoria de Tales C. de Andrade. Intitula-se «O Pequeno Mágico» e é ilustrado pela arte de Renato Eggers.

● GRAÇA ARANHA — Em pouco tempo, «Grandes vultos das letras», das Edições Melhoramentos, publicou as biografias de Tobias Barreto (Paulo Dantas), Euclides da Cunha (Moisés Gicovate), Olavo Bilac (Leonardo Arroio) e Coelho Neto (Paulo Dantas).

Surge, agora, a de «Graça Aranha», da lavra de Maria de Lourdes Teixeira, que dividiu a matéria de maneira atraente para o leitor: Infância; Adolescência; Mocidade; Maturidade; Velhice; Sinopse cronológica.

É uma coletânea que presta notáveis serviços como informação, trabalhada artìsticamente pela romancista laureada de «Banco de três lugares» e prestigiosa cultora da crítica literária.

UM AUTOR:

CHARLES MAURRAS



Charles Maurras, o escritor francês que morreu há poucos dias, aos 84 anos de idade, foi um grande escritor e um grande francês. A História lhe fará justiça que — parodiando a palavra de Heine — êsse é o seu ofício. Desde já, entretanto, podemos ver, senão de todo claro, pelo menos não tão escuro como pelas alturas da Guerra de Hitler. Grande francês, podemos repetir, citando certo garôto de uns nove anos, de uma cidadezinha da província de Maurras, que respondeu a Aníbal Fernandes, quando juntos andamos pelo «doux pays» e êle, como o vício do repórter, aproveitou um grupo de pequenos franceses brincando na rua, para realizar um inquérito, perguntando a um dêles: «—Que acha de Charles Maurras?». «— C'est un grand français, monsieur!» — afirmou o pequeno. Já era a voz da História, na exclamação jovial do infante mal saído da Guerra e da Ocupação... Maurras foi o homem que se bateu e que sofreu por suas idéias e por sua França. Cometeu erros, equivocou-se, transviou-se, mas foi um sincero e um francês. Mais do que suas atitudes e seus erros políticos falarão dêle suas obras. Êle foi um herói, na mais justa significação do têrmo. Agora que morreu e que não poderá mais discordar de nós — tanto é certo que os erros alheios em geral só são erros porque contrariam nossa opinião — agora, deixemos de parte as dissenções, os ódios que não podem permanecer diante da obra dêsse escritor, de quem muitas páginas serão fachos de luz sôbre a crônica de nosso tempo, e que, em uma palavra, era um bravo. Não nos voltemos para Tours, onde êsse grande homem expirou, condenado à prisão perpétua, expulso da Academia, sua obra excomungada pela Igreja; pensemos no Maurras de Paris, onde pulsou seu coração, onde vibrou sua palavra, onde, com sua pena, êsse terrível espadachim acometeu como um retardatário Mosqueteiro do Rei

UM LIVRO:

"FLORESTA SEM PÁSSAROS"

É muito difícil encontrar em um livro de contos ou de crônicas algo que nos indique que o autor pode ou deve tentar obra de maior fôlego, mais extensa, mais profunda, mais trabalhada, um romance, uma peça de teatro. Em geral os livros de obras curtas dão apenas a medida da capacidade do autor em reduzir seu material, dinamizá-lo, realizar sínteses expressivas. Mesmo quando o contista é Maupassant, que também escreveu romances perfeitos, como técnica e como temática, o conto não denuncia em geral o romancista que pode haver no autor. E quanto melhor o contista, o cronista, tanto menos sentimos, nêles a presença de outro gênero de prosa.

Ora, neste livro de histórias, de breves episódios, de impressões dramáticas, «Floresta sem Pássaros», de Maria Carvalhais, o que encontramos não é o prosador de pequenas páginas, de manchas, de «sketches» rápidos e sintéticos. Todo o livro está gritando a presença do romancista, do dramaturgo que ainda não encontrou o seu caminho e a que falta, mesmo, a técnica da obra curta, da síntese, do condensado.

É curioso o caso, sem dúvida. A autora, realmente dotada para os largos vôos, nos dá a idéia de um grande pássaro, o loo-loo surrealista, por exemplo, que o engano lamentável de um equivocado Papageno meteu na gaiola de um passarinho. A vibração de suas grandes asas ferem o gradil minúsculo, em terrível desproporção com êle... Como pode ser assim? Como se explica isso? Lemos êste livro com uma pungente impressão: é preciso gritar a essa moça que ela tem que fugir da obra curta à qual foi guiada talvez por uma modéstia errada, um certo pudor de principiante, uma certa timidez muito natural nas mulheres que se iniciam na carreira literária e que, tendo real vocação, preferem atitudes discretas, optam por um pequeno lugar na agitada sociedade das letras, desencorajadas pelo espetáculo de ridículo da legião de negações que querem se projetar e investem por todos os caminhos, pensando, logo de início, serem pelo menos outras Georges Sand... Só assim podemos compreender o caso de Maria Carvalhais, cuja «Floresta sem Pássaros» é uma obra densa de substância, mas onde falha a técnica da obra pequena, tanto seus temas são grandes e exorbitam, transbordam dos limites que, por isso ou aquilo, lhes traçou a autora. A impressão que nos deixam êstes dramas, estas tragédias, êstes romances, é a de um fichário, fixado às pressas, já envoltos no seu vocabulário específico e nas tonalidades próprias, alguns até projetados como romances — «Meu Pai» — ou como peças — «Nada se cria... nada se perde» — alguns grafados com nervosismo evidente, em largas e rápidas «esquisses», para serem depois trabalhados com vagar. E quanto conteúdo humano nestas criaturas, lancinantes e vivas, nestes quadros firmes e cavados como águas-fortes... Quanto traço de tragédia, nestes episódios e nestas almas, nestes corpos batidos de paixões, de amor e de morte... Êste é um livro de criaturas e de acontecimentos, uma obra essencialmente trágica, vestida em côres sempre sombrias, com momentos brontianos, de vidas atormentadas e violentas, com cenas de sabor esquiliano, quando o «croquis», cerrado em duas ou três páginas, está bradando pela obra dramática que o liberte das exíguas proporções que lhe impôs a autora.

«Floresta sem Pássaros» é um livro de «assuntos», uma coletânea de grandes temas reduzidos a anotações. É certo que essas anotações, vasadas em prosa forte e impressiva, já nos tocam a sensibilidade e a emoção, mostrando a garra. Entretanto, por isso mesmo que possuem tanta substância, nos deixam indignados com essa autora que, com tanto a nos dizer, insiste em dizer tão pouco: que venha o romance, que nos dê a peça de teatro — e só assim poderá ser perdoada.

POR ÊSSE MUNDO DAS LETRAS

(FRADIQUE)

HERMAN LIMA tem a sair, na coleção Cadernos de Cultura, do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, seu "Roteiro da Bahia", guia sentimental do Salvador que vem se juntar a outros do mesmo gênero que possuimos, como o "Guia de Ouro Prêto", de Manuel Bandeira, e o "Guia do Recife", de Gilberto Freyre.

★

É OPORTUNO CHAMAR aqui a atenção dos leitores para a Cooperativa de Livros, da Campanha de barateamento do livro, chefiada por Waldiki Moura, do Ministério da Educação: trata-se de meritória iniciativa já em pleno funcionamento no térreo do Palácio da Educação, proporcionando inúmeras vantagens aos compradores de livros.

★

ACABAMOS DE RECEBER o último numero de *Bando*, revista de letras e cultura que se edita em Natal e que já firmou justificável prestígio. Êste número traz artigos de Luís da Câmara Cascudo, Eloy de Souza, Florival Seraine, Câmara Torres e outros, além de notas, comentários, etc., matéria tôda ela do maior interêsse.

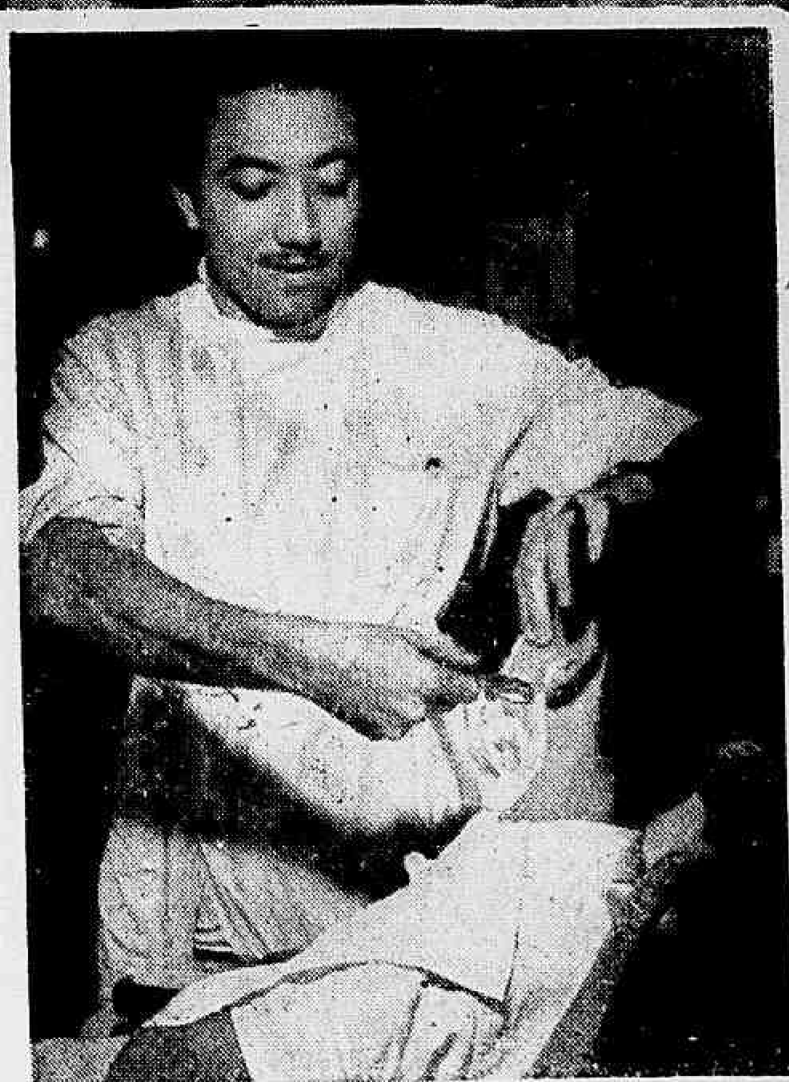
★

"LETRAS FLUMINENSES" aparece em mais um numero repleto de matéria de largo interêsse sôbre assuntos literários e históricos, primorosamente colaborada, destacando-se, entre outros artigos de seu sumário, um inquérito sôbre o conto e uma página dupla sôbre o poeta Augusto Frederico Schmidt, de Geir Campos.

★

ESTA DESPERTANDO o interêsse que obras do gênero raramente conseguem entre nós o monumental estudo de Otávio Tarquínio de Souza sôbre "D. Pedro I". São dois volumes da José Olympio, na coleção Documentos Brasileiros.





1

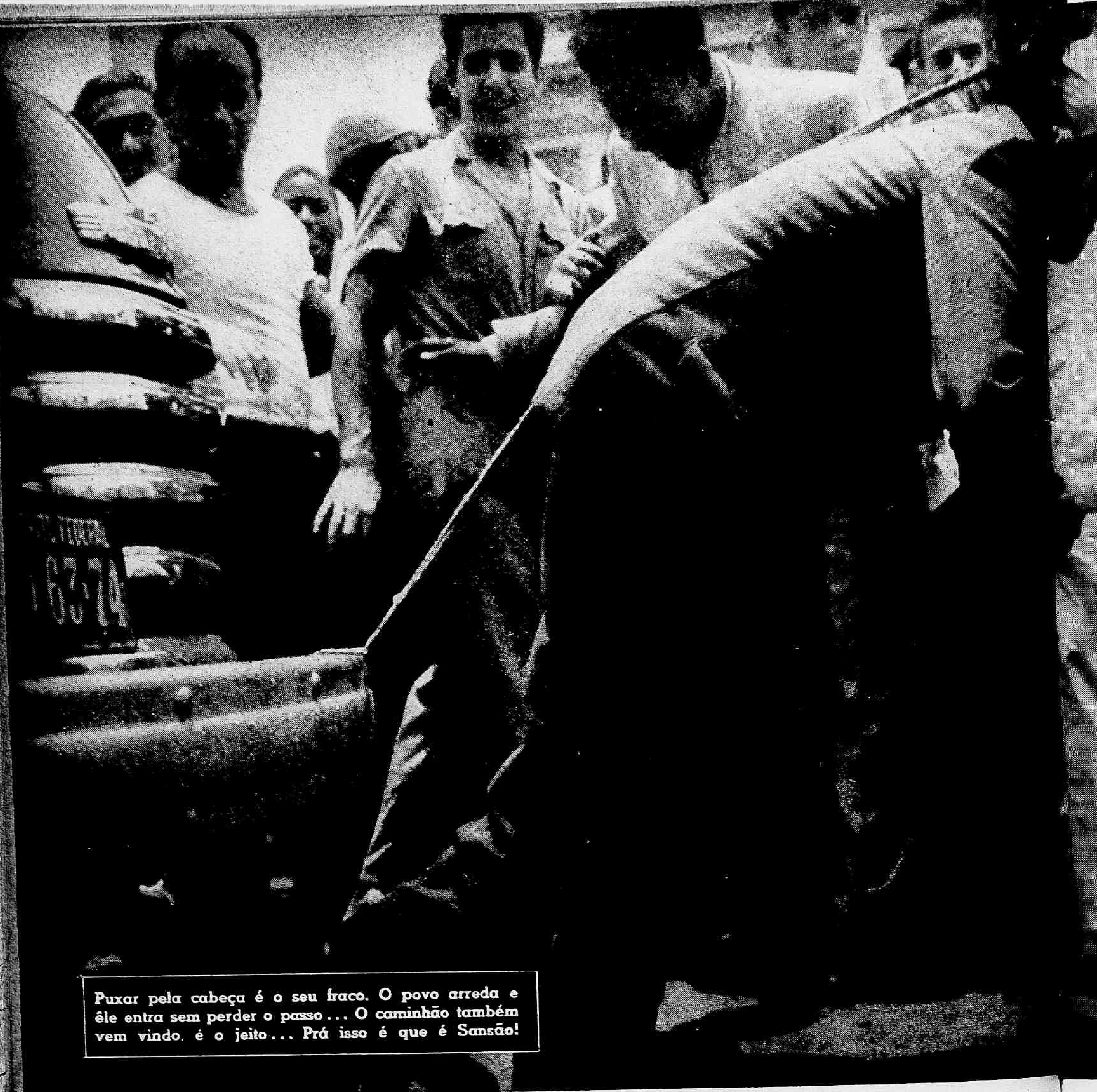
O cabelo amarrado, mas o rosto sereno, os óculos em perfeito equilíbrio, lá vem êle, absoluto, trazendo às costas todo um caminhão carregado, como se pode observar pela foto. E quando descansa, arranja outro jeito de fazer fôrça: — Sansão barbeia a sua freguesia...

O SANSÃO... BARBEIRO!

NASCEU EM SÃO JOSÉ DO EGITO E É BARBEIRO NA AVENIDA PRESIDENTE VARGAS ★ POETA E BARBEIRO ★ DESDE CRIANÇA QUERIA FAZER MAIS QUE OS OUTROS ★ ARRASTANDO CAMINHÕES, ÔNIBUS E AUTOS SUPERLOTADOS PELOS CABELOS ★ BARBEIRAGENS POÉTICAS

Texto de JIM DAQUI

Fotos de ALBERTO FERREIRA



Puxar pela cabeça é o seu fraco. O povo arreda e êle entra sem perder o passo... O caminhão também vem vindo, é o jeito... Prá isso é que é Sansão!



A coisa é fácil. Primeiro amarra-se uma argola no cabelo, bem amarrada. Não perde nem um fio, porque é a união dêles que faz a fôrça.



Depois, é só inclinar o corpo para a frente. Concentrar-se pensando só em andar, sem parar. Isso é que é cabelo! O mais, calvície

SIM, por um paradoxo, Sansão ressuscitou e, parece para fazer ironia à Dalila, com uma alusão clara àquele deslealíssimo corte de cabelo, que o deixou pelos cabelos, na história bíblica, reincarnou... como barbeiro.

É o caso de José Maranhão Gomes, também por mera coincidência nascido em... São José do Egito, em Pernambuco, há 25 anos precisamente.

Quando à redação chegou a notícia de que um barbeiro pernambucano estava no Largo da Lapa, pronto a puxar um caminhão pelos cabelos, houve arrepios nos nervos e nos cabelos dos raros que em nossa redação os possuem, por pura judiaria do destino. Desceram fotógrafos, os que só querem movimento e os que adoram os pratos feitos das poses, desceram redatores sérios, acostumados a tratar de assuntos de arte, de música, de coisas clássicas e belas e não do prosaísmo de um nordestino dando duro no couro cabeludo, para ver se afinal pelos cabelos agarra a esquiva Deusa da Fortuna.

Tiraram tôdas as fotografias inacreditáveis, a que o testemunho de centenas de pessoas dão todo o cunho da autenticidade. E fizeram mais: trouxeram o fenômeno para nossa redação. Entrou um nordestino de cabeça chata e cara larga, com os cabelos recurvados e amarrados a uma argola de aço, que seria cômica, se não fôsse necessária.

— Então você é o tal que anda arrastando automóveis e caminhões, perguntou-lhe o plantão, pondo

O SANSÃO... BARBEIRO!



os olhos num relógio que marcava uma da tarde, quando a hora do almôço é meio dia.

POETA E BARBEIRO

— Sim, sou poeta e barbeiro...
— Acumula, então?
— Sim, senhor.

E o repórter passa a bisbilhotar a vida pregressa dêsse filho de José do Egito, que anda atrapalhando a Bíblia, sendo Sansão, o que cria um estranho parentesco entre os dois bíblicos personagens. E o loquaz barbeiro (perdão para o pleonasmo) começou dizendo que «desde menino era muito inteligente e sempre queria fazer mais do que os outros». O que os outros faziam, êle não gostava, «preferia apresentar serviço diferente»... Morava num sítio do avô, por nome Cacimba de Dente — e aqui o Sansão interrompe para indagar ao redator se não fica feio para êle contar que morou num sítio. Não senhor, ora essa, até é bonito, que é danado, bem brasileiro. Ali, na Cacimba do Dente, via os primos entretidos em corridas de cavalo e de bois e êle não gostava de se meter na «caatinga».

— De que gostava?

COMO COMEÇOU A BANCAR O SANSÃO

— Eu via os outros subir nos pés de imbuzeiros e baraúnas e êles amarrarem um pau e duas cordas e vinham escorregando até embaixo. Eu, mais metido a difícil, quis logo fazer diferente e enganchei os pés no pau e descia de cabeça para baixo. Mas depois quis fazer mais, achei que era pouco. Torei um pedaço de arame farpado da cêrca para fazer uma imitação desta argola que agora uso. Amarrei meus cabelos na argola e comecei a fazer de balão, pendurado pelos cabelos, numa corda que ia de uma árvore a outra, enquanto os outros meninos me empurravam ou me puxavam pelos pés. Vi então que meus cabelos tinham fôrça pra burro. Ninguém pôde fazer o mesmo porque doía muito, enquanto eu agüento firme. Começou aí essa história de eu puxar tudo pelos cabelos, o que tem me rendido às vêzes aborrecimentos, mas sempre um bocadinho de dinheiro para ajudar a vida.

E José Maranhão Gomes passa a relatar suas viagens pelos Estados do nordeste, Pernambuco, Ceará, Paraíba... Eu tinha doze anos quando procurei me foragir do sítio, diz êle em seu linguajar pitoresco —e freqüentar as cidades, porque tenho vocação poética e nas cidades, em Cajazeiras, em Catolé do Rocha, em Souza, no Bonito, de Santa Fé, em Misericórdia, hoje Itaporama, no Piancó, na Paraíba, o povo sempre me abraçava depois que eu tocava violão, dizia poesias minhas e fazia alguma prova de arrastar carros e caminhões. Êles vendo que eu era inteligente, diz o Sansão, me davam pensão, transporte e algum dinheiro.

ATRÁS DE LUÍS E DE JOSÉ GONZAGA

— E como v. veio parar aqui no Rio?
— Sabendo que meus companheiros, quero dizer, meus conterrâneos Luís e José Gonzaga estavam fazendo sucesso aqui na Capital Federal, achei que também podia ter sucesso por essas bandas. Mas tudo que arranjei até agora foi um lugar de barbeiro na Avenida Getúlio Vargas, onde trabalho na minha profissão, que é a de barbeiro... Já está aqui há quatro meses e no salão dizendo a uns e outros de suas proezas com os cabelos, muitos o têm aconselhado a explorar essa fôrça. Aí, diz, o Sansão, «taquei peito».

— E já tem aparecido ao povo do Rio?

(Continua na pág. 46)

E, enquanto uns aplaudem e outros se espantam, Sansão, que é capaz de arrastar um Pão de Açúcar sôbre quatro rodas (é só arranjarem as rodas) ri e repousa sôbre o pára-lama do monstro por êle domado. Quem vem do Norte tem que vencer, e o jeito é puxar.



AS AMÉRIAS EM . . .

(Cont. da pág. 46)

cheia de contrastes e surprêsas, onde o trabalho e o ócio, a honestidade e o gangsterismo, o esplendor e miséria, andam de braço dado.

NOVA YORK E SUAS MARAVILHAS

Ponto final da viagem: Nova York. Nova York da Estátua da Liberdade e das maiores pontes suspensas do mundo, do Empire State Building e Rockfeller Center, da Quinta Avenida e do Times Square, da Patrick's Cathedral e do Templo Emanuel, do Harlem e da Chinatown, de Wall Street e Broadway. Nova York, a maior cidade do mundo.

Marseille, na França, talvez seja mesmo a cidade mais cosmopolita do mundo, mas como compará-la a Nova York, cidade de oito milhões de habitantes, onde vivem mais italianos do que em Roma, mais irlandeses que em Dublin, mais judeus que em todos os países da Europa de hoje? Quais os povos da terra que não têm seus representantes nessa grande cidade americana? Há em Nova York uma pequena Rumânia, uma pequena Alemanha, uma pequena Irlanda, um pequeno Japão e muitas outras minorias que ali vivem na mais estreitas camaradagem.

Merece especial menção o bairro chinês — Chinatown — onde 95 por cento da população é chinesa. Imaginem todo um bairro com edifícios cobertos com cartazes em língua chinesa, restaurantes, cafés, bares que servem comida genuinamente chinesa, grandes lojas que contêm artigos e objetos importados diretamente do grande país do Extremo Oriente.

Digno de tôda atenção é também o Harlem, paraíso dos negros, sem dúvida a maior comunidade negra do mundo.

Como no bairro negro de Chicago, também no Harlem há muitos negros milionários, proprietários de imóveis, lojas e magazines de luxo, fábricas, hotéis e restaurantes. Um negro, que inventou o processo de esticar o cabelo crêspo, ganhou uma grande fortuna, sendo hoje multimilionário. Nos inúmeros institutos de beleza para negros êsse processo é hoje muito comum.

Quanto às demais minorias, acham-se concentradas em certos bairros ou dispersos pelas cinco zonas da grande cidade.

Nova York, ao contrário de Londres, Paris e Roma, é uma cidade sem grande passado histórico. Daí a diferença entre a capital americana e as grandes cidades européias: estas têm como fundamento mais de dois mil anos de história, sendo, portanto, cidades do passado; Nova York nasceu ontem.

Os inglêses — sem dúvida os que não gostam de viajar — se convenceram de que Trafalgar Square, em Londres, é a mais linda praça do mundo; os franceses, por sua vez, se orgulham de Champs Elysées, considerando-a a mais bela avenida de todos os países do globo; os americanos, que não querem ficar atrás, colocam acima de tôdas a sua famosa Quinta Avenida.

Embora Nova York seja constituída de cinco grandes zonas — Manhattan, Bronx, Brooklyn, Queens e Richmond — para o mundo inteiro Nova York é Manhattan. A Quinta Avenida é o seu coração.

A Quinta Avenida divide Manhattan em duas partes — East e West — e ambas juntas constituem um mar de arranha-céus, rivais na batalha para a conquista das alturas. Dominando a grande avenida, lá está o orgulhoso Empire State Building, de 381 metros de altura e 102 andares, que é visitado diàriamente por milhares de pessoas e no qual trabalham nada menos de 25.000 pessoas! Pouco adiante, erguem-se outros monstros da arquitetura moderna, o Rockfeller Center e o edifício Chrysler e muitos outros, de dezenas de andares, testemunhas mudas de quanto é capaz o engenho humano. E, por entre essas monstruosas construções de cimento, tijolos e ferro, mourejam milhões de pessoas, qual míseras formigas, lembrando os lendários liliputianos descobertos por Gulliver no país de Swift...

Saindo do domínio **walstreeteano** de Manhattan, cujo símbolo é o ouro e o luxo, estendem-se, tanto quanto a vista possa alcançar, as infinitas ruas de prédios de baixo construção. E' a segunda facêta de Nova York. E' o mundo dos operários e da classe média, entregues à faina de ganhar a vida. Para êles, Nova York e suas maravilhas, que tanto extasiam a vista dos forasteiros, pràticamente não existem. Não conhecem êsse mundo de contos de fadas e provàvelmente nunca chegarão a conhecê-lo. A luta cotidiana pela existência os absorve.

Respostas ao teste

1—Por ter inventado a máquina de escrever
2—Onze metros e meio
3—Dez metros
4—O Imortalidade
5—O rei está morto
6—Do árabe
7—Na Inglaterra
8—Trinta
9—Quarenta e dois
10—A Espanha
11—Michel
12—Em Campinas
13—O camelo
14—Do Maranhão
15—Uma espécie de camarão do Nordeste.

DIACUÍ — NÃO . . .

(Cont. da pág. 56)

SELVAGERIA!

À entrada da noiva, aquela avalanche de gente que se dizia civilizada, precipitou-se, de roldão, de maneira bárbara, para o interior do templo, derrubando cadeiras, bancos e jarros de flores, empurrando policiais e sacerdotes, tudo, enfim, que fôsse obstáculo ao seu objetivo, que era o de ver, bem de perto, a noiva kalapalo.

Quando Diacuí se viu em frente ao altar-mor, estava com o seu vestido de noiva rasgado. Quase a deixam de tanga...

A bênção nupcial foi, assim, ministrada pelo padre Campos Góis em meio de todo aquêle atropêlo. A multidão se acotovelava em volta dos nubentes, do sacerdote e do intérprete, pois Diacuí, como se sabe, não compreende bem o português.

Ao fim da cerimônia, ao ser declarado pelo padre Góis: «Deus os abençoe: estão casados», Aires beijou ternamente a espôsa. Carinhoso, com um leque, procurava abaná-la, suavisando-lhe o calor.

Não houve a costumeira prédica aos recém-casados. O sacerdote quase nem podia se mexer...

A NOIVA NEM SORRIU

Para a noiva, aquilo foi um sacrifício. Ela quase desmaiou. Desde que entrou na Igreja até quando saiu, Diacuí não esboçou um sorriso. Ficou o tempo todo visìvelmente contrafeita, aborrecida mesmo. Nem com o noivo falou. Bem que Aires tentou arrancar-lhe um sorriso para os seus admiradores e para os fotógrafos, mas não conseguiu. De uma vez Aires quis que ela voltasse o rosto para um flagrante fotográfico ansiosamente procurado pelos repórteres. Carinhosamente, tocou-lhe o queixo. Não houve jeito: Diacuí recusou-se. Manteve o rosto na mesma posição e até contraiu os músculos do pescoço, teimosamente...

Se Diacuí não gostou da manifestação, o mesmo não se pode dizer dos três kalapalos. Metidos em suas roupas novas (paletó, calça, camisa branca e gravata) pareciam felizes com aquela ruidosa consagração. Riram o tempo todo. Ou estariam «gozando» as maneiras daqueles «caraíbas»?

A multidão se dispersava, os policiais procuravam se recuperar da luta tremenda: terminara, enfim, a cerimônia. À porta do templo, viam-se o monsenhor Henrique Magalhães, o padre Campos Góis, que ministrara a bênção nupcial, e outros sacerdotes. Todos se manifestaram profundamente tristes com os excessos dos fiéis, que haviam depredado a igreja, desrespeitando normas sagradas.

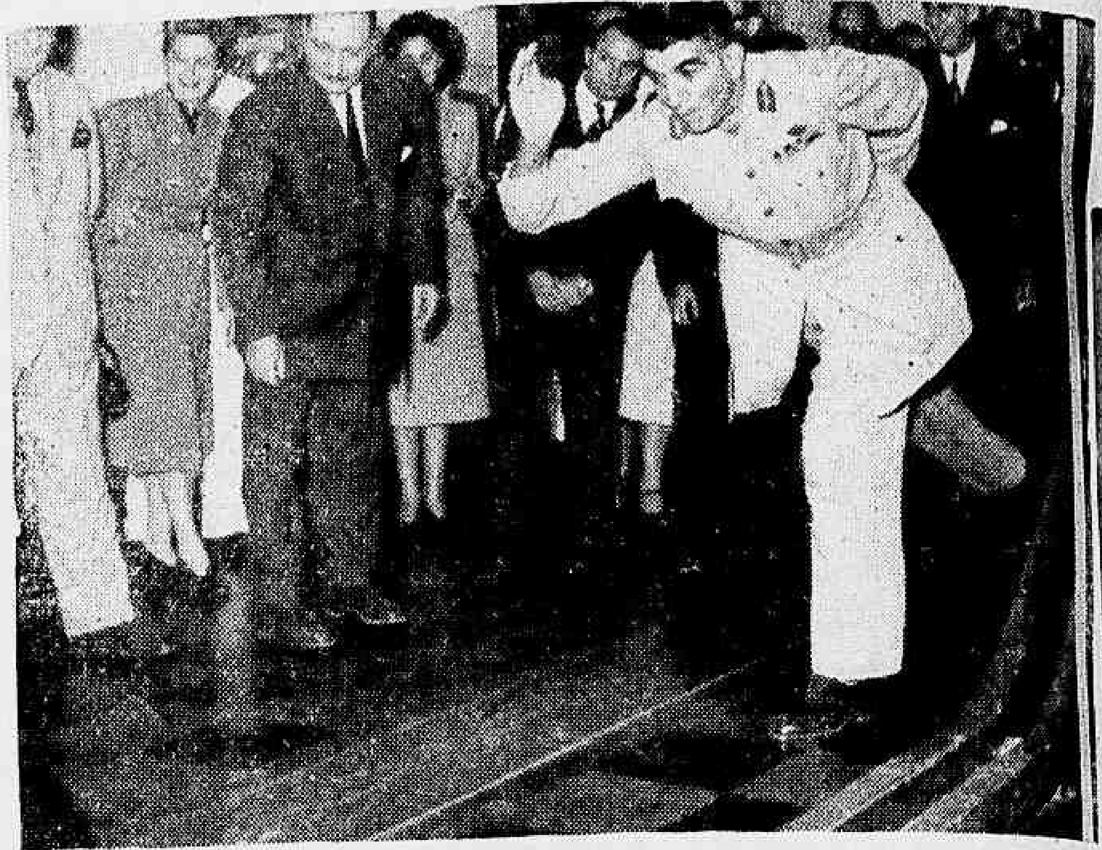
Mas as lamentações não chegaram a durar muito tempo, porque, filosòficamente, monsenhor Magalhães observou:

— «Coitada, como sofreu a indiazinha. Que ela seja feliz!»

De fato, sofrera muito Diacuí: beijos violentos de mulheres entusiasmadas, abraços nervosos de homens alegres, calor de uma tarde abafadíssima, luz fortíssima de «flashes» sucessivos.

Indiscutivelmente, Diacuí foi uma noiva diferente. A sua popularidade fêz que ela fôsse a primeira noiva no mundo que não sorriu no dia maior para tôdas as mulheres.

FLAGRANTES INTERNACIONAIS



E NAGUIB TAMBÉM SE DIVERTE — Depois de haver destronado o rei Farouk e tomado conta do Egito, o general Naguib, assoberbado com as coisas do govêrno ainda dispõe de tempo para jogar "boliche" no Clube Suíço do Cairo



O REI DOS CLARINETAS CHEGA À ALEMANHA — A n... cista Alemanha recebe entre flores o negro americano Lo... Armstrong, que para ali foi fazer uma tournée espalhafatosa e barulhenta de jazz na terra do romance e da boa música



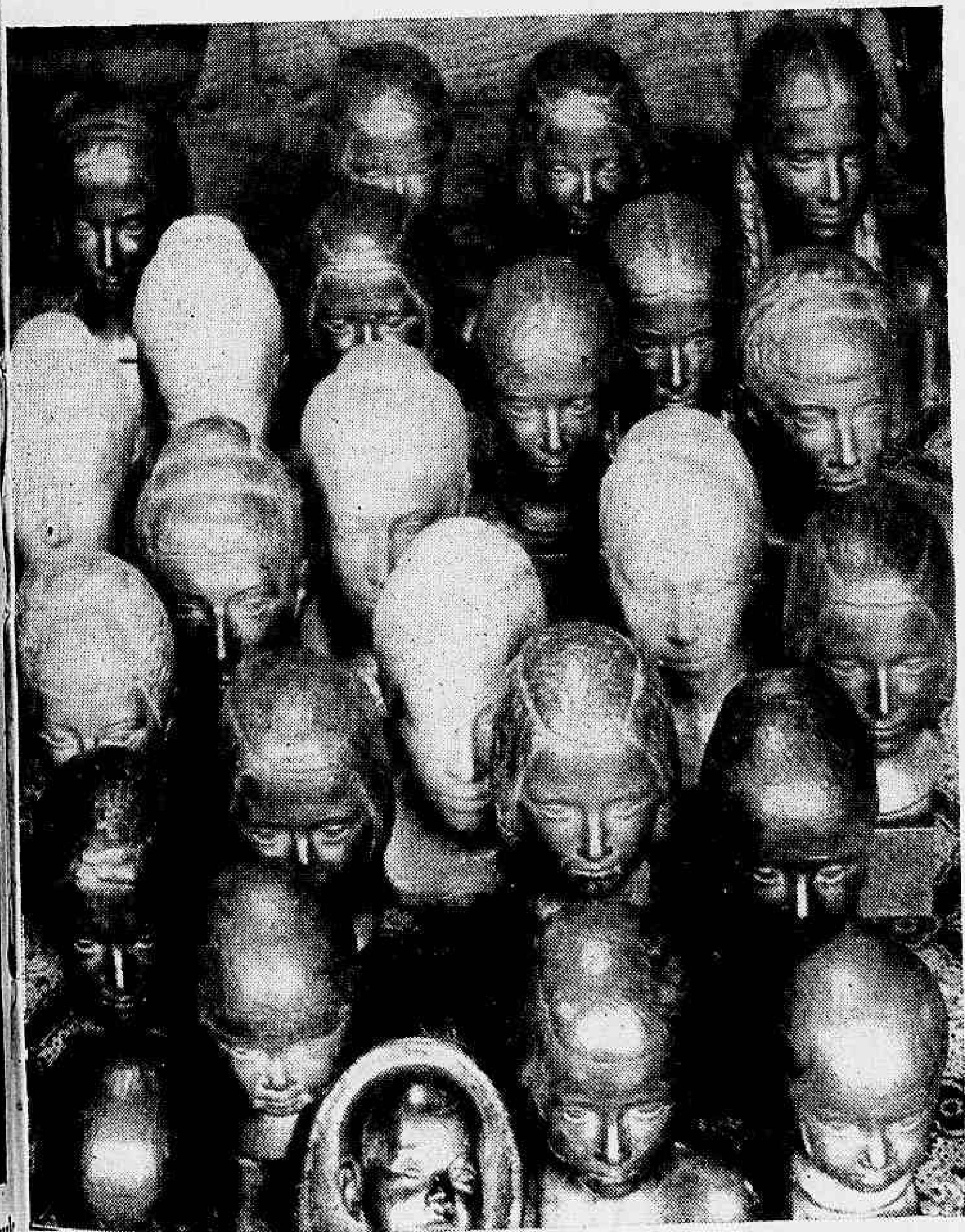
E O REI E A RAINHA CAIRAM NA DANÇA — O rei Paulo e a rainha Frederica, da Grécia, foram ao norte do país a fim de inaugurar uns serviços de água. E nesta aldeia Rei e Rainha deram um alegrão aos súditos caindo na dança

ESCULTOR
Huesgen, d
vilhosos, m
filha Doris,

ESCULPINI
o lema d
modêlo: s



ESCULTOR E PAI, apaixonado pela arte e pela filha, Wilhelm Huesgen, de setenta e quatro anos, tem feito bustos maravilhosos, mas sempre inspirados e tendo como modêlo sua filha Doris, uma linda pequena de vinte e seis anos em flor.



ESCULPINDO ESPALHAREI POR TÔDA PARTE... parece ser o lema do escultor Wilhelm Huegen, que só tem usado um modêlo: sua filha, da qual acaba de esculpir o 26.º busto.

À LUZ DA PSICANÁLISE

A COSTUREIRA

DR. LUIZ FRAGA

● Minha família trata-me com menosprêzo porque, fugindo à tradição, não fiz um curso de ginásio nem me fiz professôra. Isto está provocando, a contra-gôsto meu, um complexo de inferioridade. Sou costureira... — As modistas cosem com o aço de suas agulhas, o destino de suas freguesas... Desde os primórdios da civilização o homem conquista pela fôrça; a mulher forma o seu império com carícias; a galinha dá-lhe o seu ôvo e a vaca o seu leite; trata da abelha, que lhe traz o suco das flores, e do bicho, que converte em sêda a fôlha da amoreira. Se a natureza ligou ao homem o cão irascível, como êle, para o defender dos animais carnívoros, submeteu à mulher o gato sedentário e paciente, para velar as provisões que guarda em armários e celeiros.

● *Na escolha das profissões coube também à mulher pender para o delicado, o elegante, o carinhoso. Verdade é que para o abono da regra, surgiram algumas exceções de caráter anômalo: uma ferreira, na Inglaterra, uma sapateira, na Itália, e, recentemente, oriundas não sabemos de onde, duas ou três lutadoras de "catch-as-can". A profissão de costureira é profissão para mulher, mulher de gôsto artístico. Ela tem resolvido o destino duma família, duma geração e quiçá, o próprio destino duma nação. A "toilette" de Maria Antonieta, Ana Bolena, Margarida de Valois, Maria Stuart e outras, viraram cabeças coroadas e transformaram decisões dos mais exigentes embaixadores ou aplacaram a ira dos mais atrozes guerreiros.*

● A França, ainda desta vez, tem a primazia dos fatos históricos ligados à vida das grandes ou pequenas costureiras. Mademoiselle Louise Carpentier, com os seus modelos, antecipou um protelou reuniões no Louvre e em Versailles, segundo a necessidade de apresentar um novo modêlo ou satisfazer a um capricho da duquesa de Montpellier ou da princesa Margot...

— Madame J. Fath...

—...As grandes cidades têm, tôdas elas, uma história das suas modistas ou um romance de suas costureirinhas. Também o Rio pode contar, no período relativamente curto de sua vida social do "grand-monde" fatos e anedotas ou intrigas que enriqueceram uma mocinha bonita e tragédias que enlutaram famílias proletárias. E' uma profissão honrosa e distinta. As modistas cosem com o aço de suas agulhas, o destino de suas freguesas.

C U P Ã O

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do **nascimento** ....

Estado civil .... **Profissão** ....

Residência ....



Tudo ao sabor da época. Ao fundo o chalet. Professôres ao centro e três filas de jovens que hoje têm a cabeça branca. A saudade os identifica.

UM JOVEM DE 81 ANOS

MR. ARMSTRONG E SEUS "MENINOS" DO ANGLO



Generoso Ponce Fº, ex-aluno de Mr. Armstrong, foi o braço forte da turma. Hoje êle brilha como orador da reunião e nunca esgota sua verve.

MAUROIS, PROUST, CABELOS BRANCOS E CARECAS... "COBRAS... CARANGUEJOS... E MANGABAS" ★ UM JOVEM DE 81 ANOS VAI FUNDAR UM COLEGIO ★ MR. CHARLES ARMSTRONG, O HOMEM QUE DEVIA TER DADO SEU NOME À AVENIDA NIEMEYER ★ ADEMAR DE BARROS, HORACIO LAFER E RICARDO JAFFET, FORAM SEUS ANTIGOS ALUNOS ★ ARGEMIRO HUNGRIA MACHADO, "O COBRA", PRESIDENTE DOS "OLD BOYS" DO COLÉGIO ANGLO-BRASILEIRO

Reportagem de **ALTAMYRO PONCE**

É no «Arte de Viver» de Maurois que êle cita a página de Proust em que o genial francês nos conta um encontro entre amigos colegas e companheiros de infância que não se viam há anos. Fica cada qual admirado ante as rugas, os cabelos brancos e a calva de cabelos dos outros. Mas não é possível. "Uns meninos!" como foi possível isto"

Assim se deu com os antigos alunos de 1910 e 1913 do antigo Colégio Anglo-Brasileiro, quando nos reunimos recentemente, a convite de um dêles, Antenor Mayrink Veiga, em sua aprazível ilha de Sotavento, na Guanabara, para uma festa de confraternização que resultou numa encantadora reunião evocadora.

O convite publicado na imprensa marcava como ponto de reunião o Iate Clube às 10 da manhã.

E ali, à proporção que iam chegando, uns que não haviam perdido contato com outros, abrindo-se em expansões de alegria, outras a perguntar, sem-cerimônia:

— E você, seu careca, não me conhece mais, não se lembra do «Cobra»?

— «Cobra», querido, como te haveria de esquecer o «Caranguejo»? — E lá vinham os apelidos, com as efusões de alegria.

Brigadeiro, que já fôra «Mangaba», ali continuava Mangaba, para todos os efeitos e assim generais, ministros, antigos parlamentares, banqueiros, presidentes de autarquias, grandes industriais, altos funcionários, corretores, engenheiros famosos e arquitetos, médicos, professôres, juristas eminentes, entre os quais o próprio presidente do Instituto dos Advogados, todos, todos, muitos com as senhoras, filhos e filhas, eram ali apenas «os meninos do Anglo», o Colégio Anglo-Brasileiro, de Mr. Charles W. Armstrong.

Fotografias e filmes iam sendo tirados, enquanto os retratos antigos e outras recordações iam sendo mostrados pelos que as haviam carinhosamente guardado. Uúmeros do «Alpha», o jornalzinho do Colégoi, impresso em papel «couché» e até hoje novinho em fôlha, órgão de que era diretor meu irmão Generoso Ponce Filho e redatores Oscar Fontenele e Armando Bartolomeu da Souza e Silva, retratos do grupo dos «maiores» (os maiores tinham 12 a 15 anos), notas semanais, das quais constavam que, pela média obtida, o aluno teria direito à saída no domingo, andavam de mão em mão, comentados, num ambiente de alegria.

— E Mr. Armstrong vem?

— Vem, olha, está chegando!

— Welcome to the old master! Foi uma satisfação geral quando, embora com os seus 81 janeiros, apareceu, ladeado por dois de seus cinco filhos, todos brasileiros, o grande educador, ainda forte, sem os bigodes espigados e louros que conhecíamos há 40 anos, mas nos assombrando pela vivacidade e pela juventude da alma, cheia dos mesmos sonhos pela educação da infância, a que se dedicou no Brasil, desde 1896.

Em três lanchas, duas de Antenor Mayrink Veiga e uma, a maior, de Jorge Matos, o presidente da Fundação da Casa Popular, lá seguimos, em alegres tertúlias.

Na Ilha, onde no Verão vive Grã Senhor Mayrink, lá estava êle de estonteante gandola e seu boné de comodoro, hospitaleiro. No alto de um mastro duplo de navio, tremulavam duas bandeiras que Antenor hasteara, a brasileira e a inglêsa, esta a homenagear o velho educador, recebido por uma salva de palmas.

Antenor, com sua fidalguia, foi incansável. Deu aos antigos colegas uma feijoada pantagruélica, servida nos vários «halls» e varandas da sua encantadora vivenda. Depois houve discursos. Podem lá brasileiros reunir-se sem discursos? Pois se até a índia Diacuí teve discurso na Câmara dos Vereadores...

Primeiramente falou Mr. Charles W. Armstrong. O velho educador não usou óculos para ler o discurso dactilografado com a mesma voz firme com que aos domingos, no colégio, dava suas magníficas «Lições de Moral» ou contava histórias maravilhosas.

Mr. Armstrong, em seu «speech» fêz um retrospecto de sua atuação no setor educacional brasileiro. Em quase 60 anos de magistério, mais de 5.000 alunos havia êle preparado no Brasil e assim, disse, era natural que nem de todos se recordasse. Mas, pela imprensa, acompanhava a vida pública de quantos nomes lhe eram familiares como de seus antigos alunos. Agora, vendido o seu último colégio, em Petrópolis, esperava repousar, mas sentiu que o não podia fazer. Não poderia viver sem o seu colégio. Por isso pretendia fundar outro no próximo ano. E expôs, ante os olhos e ouvidos atônitos de seus «old boys», o seu projeto de fundar um novo Colégio Anglo-Brasileiro, para o qual pedia apoio de seus antigos discípulos e amigos. Palmas calorosas e vibrantes acolheram as suas palavras.

Depois falou José Bandeira, chorando, ao recordar-se daqueles adoráveis tempos da meninice, para depois arrancar gargalhadas com a evocação de tantos episódios engraçados. Propôs a fundação da Associação dos «Old Boys» do Anglo-Brasileiro, sendo aclamados, Presidente de Honra, Mr. Charles W. Armstrong; presidente, Argemiro Hungria Machado, o aluno n. 1, do Rio; vice-presidente, Antenor Mayrink Veiga; secretário, Generoso Ponce Filho; tesoureiro, Hortêncio Alcântara; diretor executivo, José Gonçalves Bandeira.

Falou também o brigadeiro Antônio Azevedo de Castro Lima, muito aplaudido. Agradeceram suas eleições, Argemiro Machado, o presidente dos «Old Boys» e o Generoso.

Êste, que desde os tempos do Colégio fazia humorismo, estêve na verdade felicíssimo em seu improvisado «speech», principalmente quando «ajustou contas» com Mr. Armstrong pelos seus métodos educacionais. Depois de jogar futebol, de praticar o box e ser campeão de esgrima, eis o resultado, Mr. Armstrong. E exibia o insofismável corpo de delito de suas banhas... Todos riam. Mas Generoso perorou a sério, numa feliz exaltação das qualidades de Mr. Armstrong, levantando seu protesto por estar êle sendo injustamente tratado ali de velho, quando na verdade ali tínhamos era o «**Mr. Armstrong**», o jovem de 81 anos..



Familiares dos ex-alunos se preparam para o embarque. Foram à ilha do Mayrink, onde prestaram sua homenagem a Mister Chips, que foi professor do colégio Anglo-Brasileiro.



Mr. Charles W. Armstrong, alma do colégio Anglo-Brasileiro, vê seus pupilos, nos dias de hoje, dirigindo indústrias, comandando batalhões, dirigindo bancos, o que é enfim um consôlo.

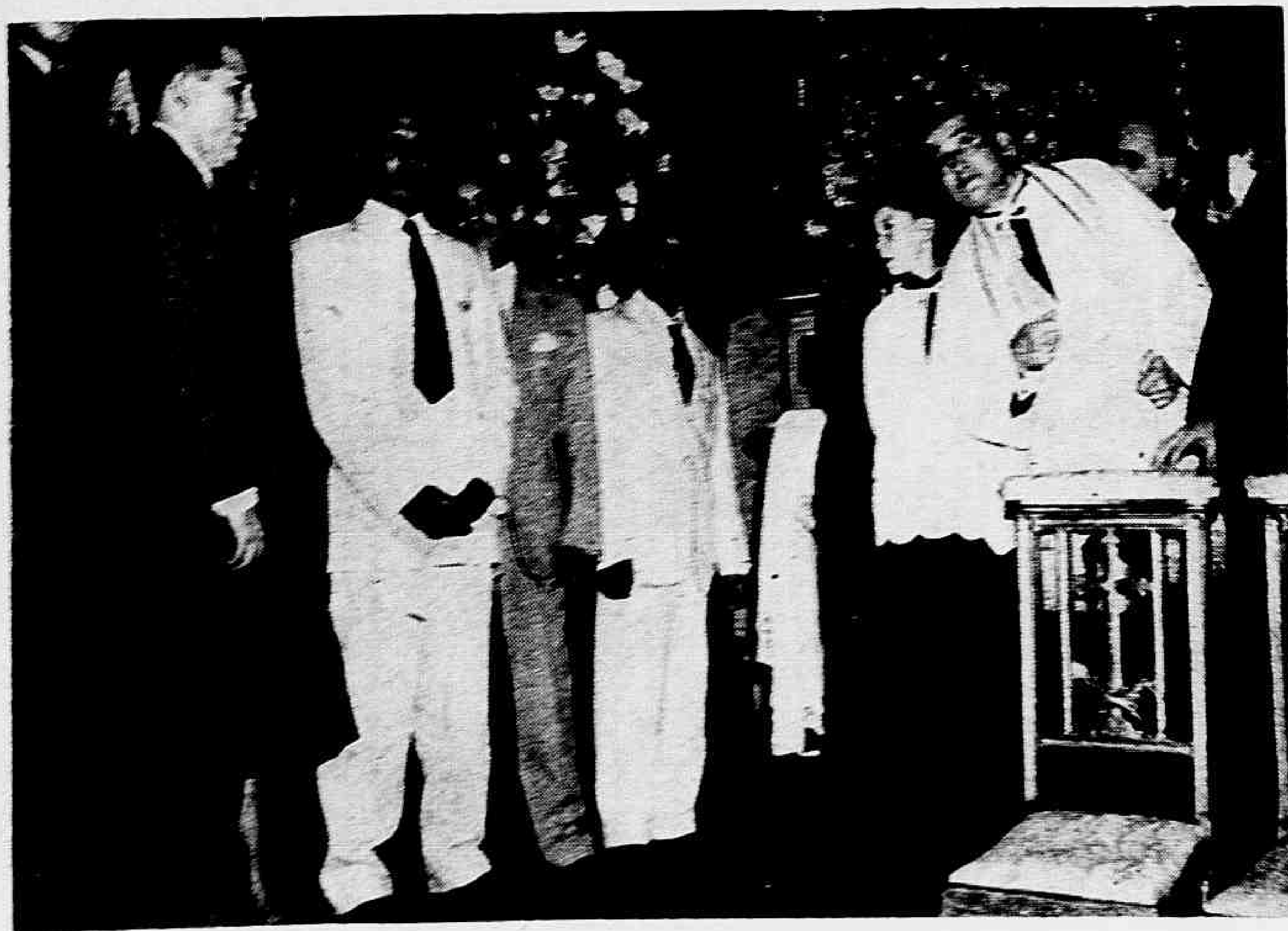


A lancha da saudade os leva, singrando suavemente as águas mansas da Guanabara. Até à casa de Antenor Mayrink Veiga — que também foi aluno do mesmo mestre querido.



Havia povo na Praça da Candelária como nos bons dias de Carnaval. Piadas e risos, ondas contínuas de puro «movimento». Ninguém liga ao sol.

DIACUÍ — NÃO SORRIU NEM CHOROU!



Os cunhados do sertanista, enfileirados à esquerda do altar, gozam a valer. «Casa grande de branco, mas branco pequeno e engraçado».

silvícola foi abraçada pela multidão ali presente, na maioria composta de mulheres.

Apareceu na igreja uma índia, de nome Dória, da tribo Macuxi, do Amazonas. As duas irmãs de raça abraçaram-se carinhosamente.

NA IGREJA DA CANDELÁRIA

Foi um acontecimento impressionante a cerimônia religiosa do casamento da índia Diacuí com o sertanista Aires da Câmara Cunha, realizada na suntuosa igreja da Candelária. A nave imensa foi pequena para conter aquela multidão ávida de ver a silvícola vestida de noiva. Mais de cinco mil pessoas tiveram que ficar do lado de fora, mantidas à distância pela turma de choque da Polícia Especial.

Diacuí chegou à igreja com certo atraso, como é usual entre os civilizados... Vestia

(Cont. na pág. 52)

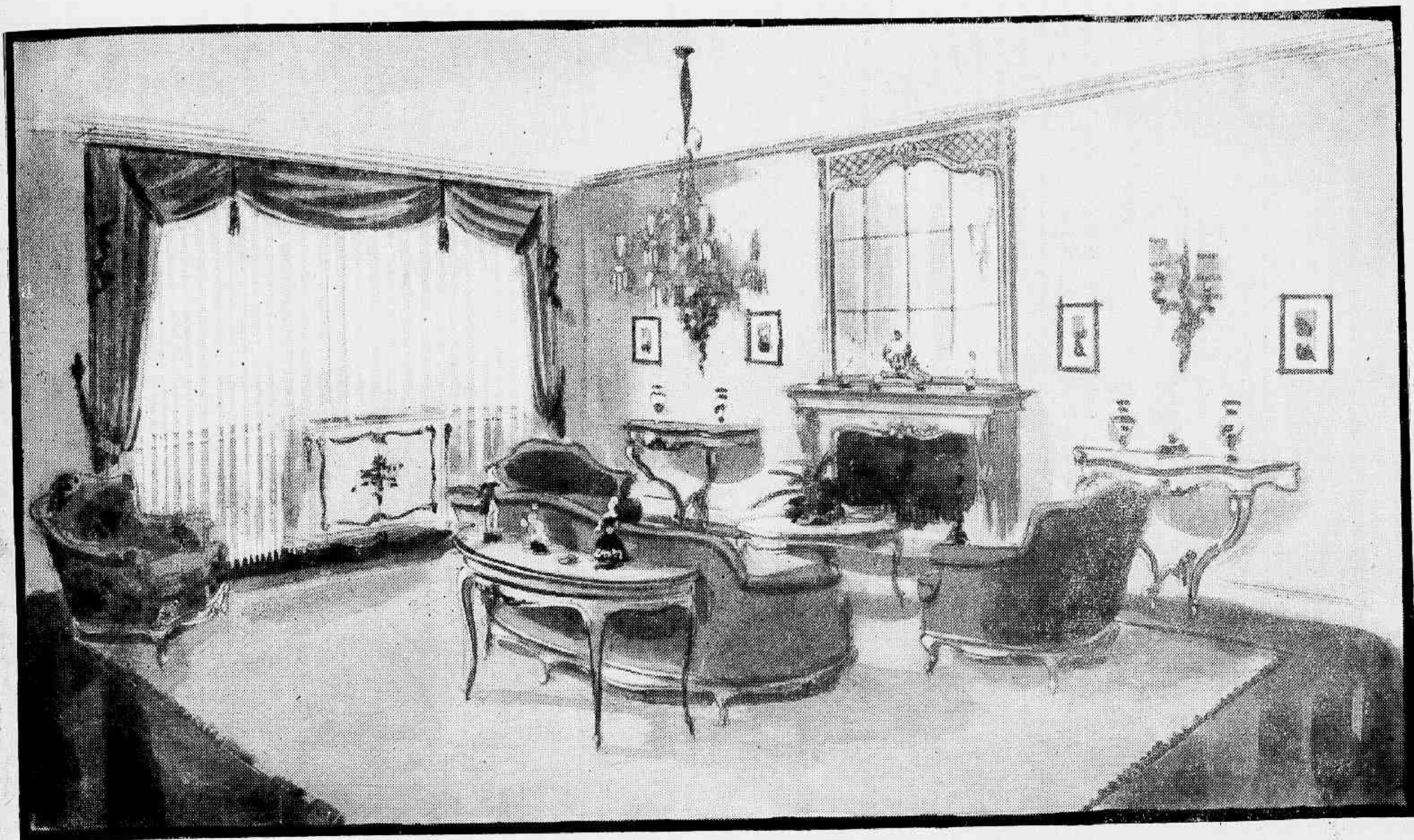
O belíssimo púlpito em mármore e bronze da Candelária virou poleiro. A casa de Deus durante momentos, se transformou em carro alegórico.

ÚLTIMO FLASH

FLAGRANTE tomado no dia 1 do corrente, em frente à redação d'«A Tribuna da Imprensa», nesta capital, no momento em que era conduzido pela Polícia o jornalista Carlos Lacerda, diretor daquele vespertino. O juiz determinou a prisão sob o fundamento de que o sr. Carlos Lacerda, ao denunciar a participação de policiais na exploração do lenocínio, no Rio, havia atentado contra o poder público. A notícia dessa prisão, que a todos surpreendeu, chocou profundamente a opinião pública do país, tendo o nosso confrade recebido as maiores demonstrações de solidariedade de todos os setores. E no dia 3, à tarde, o Supremo Tribunal Federal, unanimemente, anulava o ato e punha o jornalista em liberdade.

T

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projeto da CASA NUNES

A venda extraordinária

do nosso 40.° aniversário
oferece a todos a oportunidade de embelezar
seus lares



Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade

Grupos estofados
CORTINAS

— especialidade de nossas oficinas —

TAPÊTES e
PASSADEIRAS

de forração, em côres lisas e com flores

Preços que animam a comprar



65 rua da CARIOCA 67 — RIO

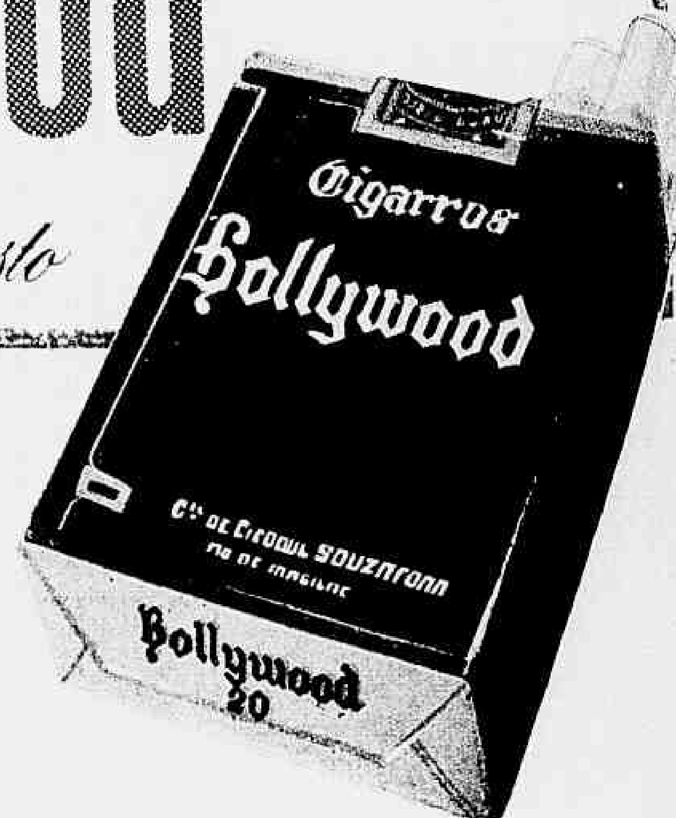


As boas coisas atraem...

A limpidez e a pureza da água marinha exercem irresistível atração sôbre as pessoas de agudo senso estético... Invariàvelmente, essas pessoas preferem os cigarros Hollywood, pela sua classe e pela sua qualidade insuperável.

cigarros **hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.150